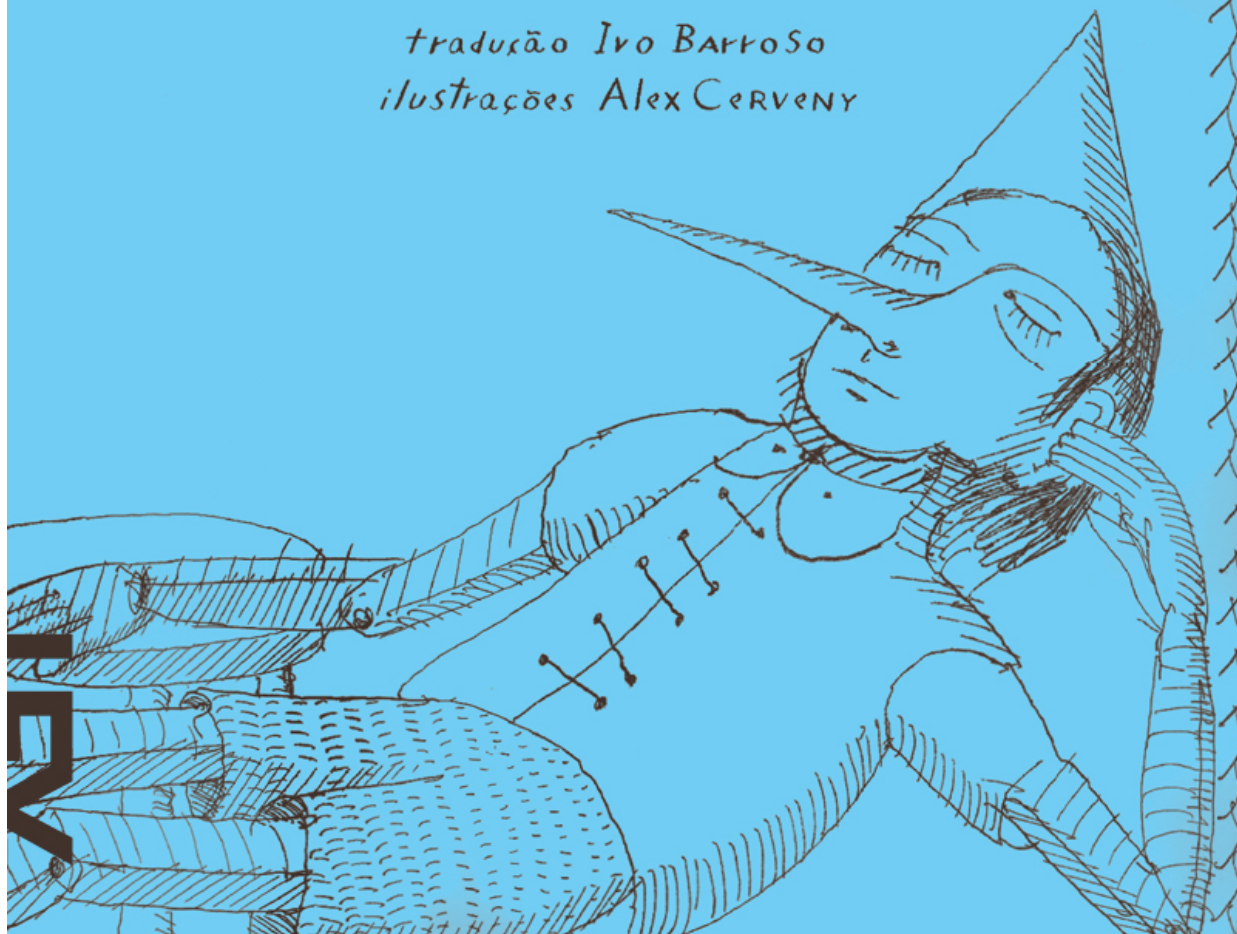


CARLO COLLODI

AS AVENTURAS DE
PINÓQUIO

tradução Ivo Barroso
ilustrações Alex Cerveny



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.





CARLO Collodi

AS
AVENTURAS
DE

PINÓQUIO



• HISTÓRIA DE UM BONECO •

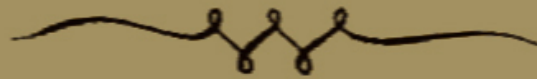


ilustrações
ALEX CERVENY

tradução
IVO BARROSO

· CAPÍTULO I ·

Como foi que mestre Cerejo,
o carpinteiro, encontrou
um pedaço de pau que
ria e chorava
como uma criança.



ERA UMA VEZ...

— Um rei — dirão logo os meus pequenos leitores.

Não, meninos, vocês se enganaram. Era uma vez um pedaço de pau.

Não de madeira de lei, mas um simples pedaço de lenha, desses que no inverno atiramos nos fogões e nas lareiras para acender o fogo e aquecer os aposentos. Não sei como a coisa aconteceu, mas a verdade é que um belo dia esse pedaço de pau foi parar na oficina de um velho carpinteiro, que tinha por nome Antônio, embora todos o chamassem de Cerejo, por causa da ponta de seu nariz — sempre roxa e lustrosa, como uma cereja madura.

Assim que mestre Cerejo viu aquele pedaço de pau ficou todo alegre e, esfregando as mãos de contente, resmungou a meia-voz:

— Esta madeira veio bem na hora: vou usá-la para fazer uma perna de mesa.

Dito e feito, logo pegou a enxó afiada para começar a retirar a casca e desbastá-la, mas, quando ia dar o primeiro corte, ficou com o braço suspenso no ar, pois ouviu uma voz muito débil, que lhe pedia suplicante:

— Não me golpeie com tanta força!

Imaginem como ficou o bom e velho mestre Cerejo!

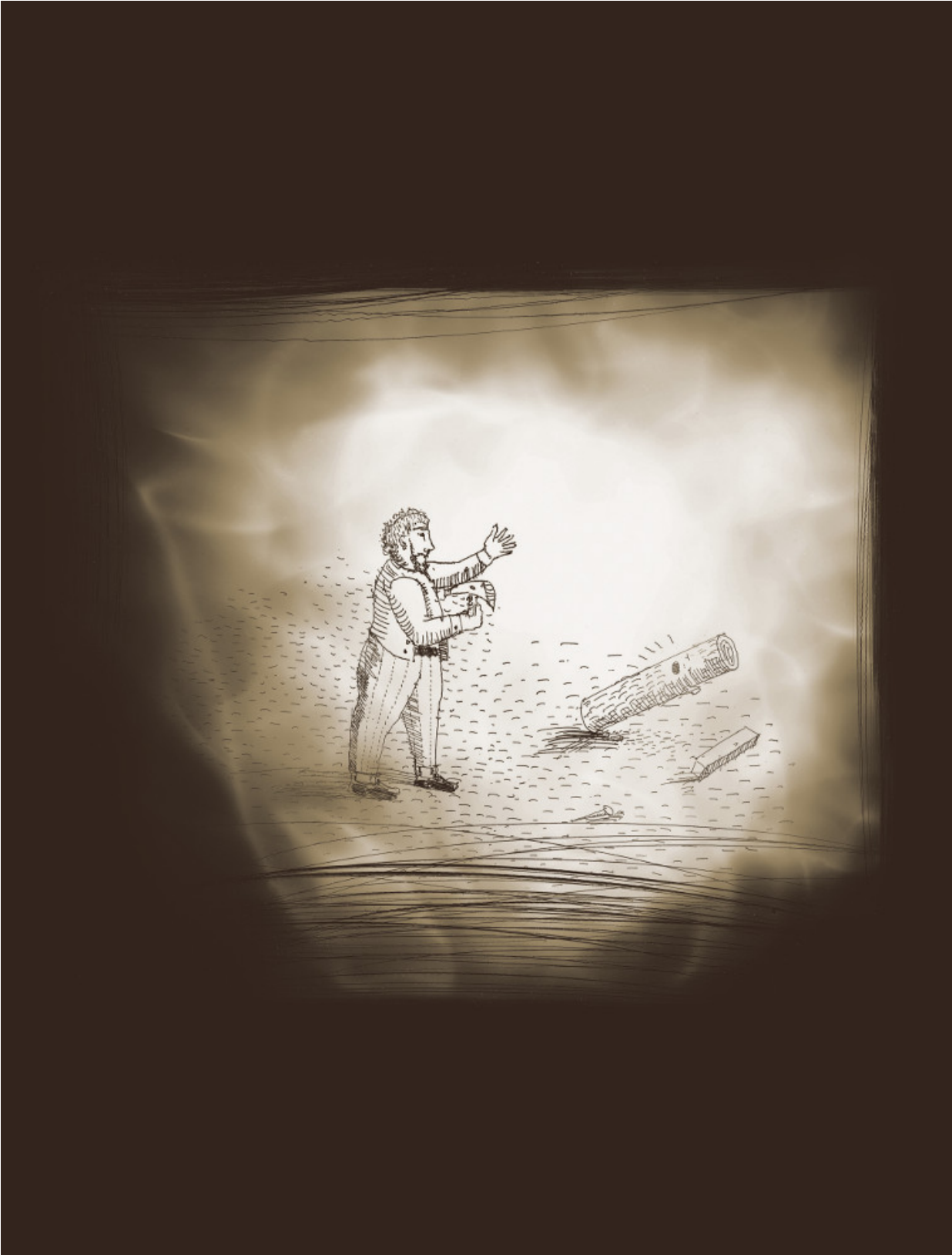
Girou os olhos perturbados pelo cômodo para ver de onde podia ter saído aquela vozinha, mas não viu ninguém! Olhou embaixo da banquetta, mas ninguém; olhou dentro de um armário que estava sempre fechado, e não viu ninguém; olhou na cesta de cavacos e aparas de madeira, e ninguém; abriu a porta da oficina para dar uma olhada até a rua, e ninguém! Ou então?...

— Já sei! — disse rindo e coçando a peruca — é claro que essa voz foi imaginação minha. Voltemos ao trabalho.

E, tomando de novo a enxó na mão, desferiu um soleníssimo golpe no pedaço de madeira.

— Ai! Você me machucou! — gritou lastimando-se aquela mesma vozinha. Desta vez mestre Cerejo ficou pasmado, com os olhos arregalados de medo, a boca escancarada e a língua balançando à altura do queixo, como uma carranca de chafariz. Mal recobrou o uso da palavra, começou a falar trêmulo e balbuciando de temor:

— Mas de onde será que vem esta vozinha que disse ai?... E olha que não há ninguém aqui. Seria por acaso este pedaço de pau que aprendeu a choramingar como criança? Não posso acreditar. Aqui está este pedaço de pau; uma acha para queimar como todas as outras que, quando se põe no fogo, serve para ferver uma panela de feijão... Ou então? Será que alguém se escondeu dentro dela? Se foi isto, pior para ele. ... Então ele não vai ver!



E, dito isto, agarrou com ambas as mãos o pobre pedaço de pau e começou a batê-lo sem piedade contra as paredes da oficina.

Depois ficou escutando para ver se alguma vizinha se lamentava. Esperou dois minutos, e nada; cinco minutos, e nada; dez minutos, e nada!

— Já entendi — disse esforçando-se para rir e desgrenhando a peruca —, está claro que a vizinha que disse ai não passa da minha imaginação! Voltemos ao trabalho.

Mas, como se sentiu invadir por um grande medo, começou a cantarolar para adquirir um pouco de coragem.

Então deixou de lado a enxó e apanhou a plaina para desbastar e polir o pedaço de pau; mas, no momento em que o aplainava para cima e para baixo, ouviu aquela mesma vizinha que lhe disse entre risos:

— Pare com isto! Está me fazendo cosquinhas no corpo!

Desta vez o pobre mestre Cerejo caiu fulminado. Quando reabriu os olhos, viu que estava sentado no chão.

Seu rosto parecia transfigurado, e além disso a ponta do nariz, que habitualmente era roxa, tornou-se azul de tanto medo.



Handwritten text on the right side of the page, possibly a date or reference number: "X. 1108 for N. 0. 10/10/10"

· CAPÍTULO II ·

Mestre Cerejo presenteara
o pedaço de pau a seu
amigo Geppetto, que o leva
para fazer um boneco
articulado que saiba
dançar, lutar esgrima e
dar saltos-mortais.



NAQUELE MOMENTO BATERAM À PORTA.

— Vamos entrando — disse o marceneiro, ainda sem forças para se pôr de pé.

Aí então entrou na oficina um velhinho muito vivo, que se chamava Geppetto, mas os rapazes do bairro, quando queriam enfurecê-lo, chamavam-no pelo apelido de Pamonha, por causa de sua peruca amarela que lembrava muito aquele angu de milho.

Geppetto era bem enfezado. Ai de quem o chamasse de Pamonha! Tornava-se de repente uma fera e não havia modo de contê-lo.

— Bom dia, mestr' Antônio — disse Geppetto. — Que faz aí sentado no chão?

— Estou ensinando tabuada às formigas.

— Bom proveito!

— Que o traz aqui, compadre Geppetto?

— As pernas. Mas saiba, mestr' Antônio, que venho aqui para lhe pedir um favor.

— Pois aqui estou, pronto para servi-lo — replicou o marceneiro, pondo-se de joelhos.

— Tive hoje uma ideia na cachola.

— Diga lá.

— Pensei fabricar para mim mesmo um boneco de madeira; mas um boneco maravilhoso, que saiba dançar, lutar esgrima e dar saltos-mortais. Com esse boneco quero dar a volta ao mundo, em busca de um pedaço de pão e um copo de vinho, que lhe parece?

— Muito bem, Pamonha! — gritou a vizinha de sempre, que não se sabia de onde vinha.

Ao sentir que o chamavam de Pamonha, o compadre Geppetto ficou vermelho como um pimentão de tanta raiva, e, virando-se para o marceneiro, disse enfurecido:

— Por que me ofende?

- Quem o ofendeu?
- Você me chamou de Pamonha!...
- Mas não fui eu.
- Está achando que fui eu?! Pois eu digo que foi você.
- Não fui eu!
- Foi sim!
- Não fui!
- Foi!...

Acalorando-se cada vez mais, passaram das palavras aos fatos, e, agarrando-se pelos cabelos, andaram se arranhando, se mordendo e se engalfinhando.

Terminado o combate, mestr' Antônio viu em suas mãos a peruca amarela de Geppetto, e Geppetto percebeu que tinha nos dentes a peruca grisalha do marceneiro.

- Devolve a minha peruca! — gritou mestr' Antônio.
- Pois devolve a minha para fazermos as pazes.

Os dois velhos, depois de haver cada um recuperado a própria peruca, apertaram as mãos e juraram permanecer bons amigos para o resto da vida.

— Então, compadre Geppetto — disse o marceneiro em sinal de paz refeita —, qual é o favor que você quer de mim?

— Quero um pedaço de madeira para fabricar meu fantoche; você me dá?

Mestr' Antônio, todo contente, foi logo apanhar na bancada aquele pedaço de pau que lhe causara tamanho pavor. Mas, quando foi entregá-lo ao amigo, o pedaço de pau deu um safanão e, soltando-se violentamente de suas mãos, bateu com força nas fracas canelinhas de Geppetto.

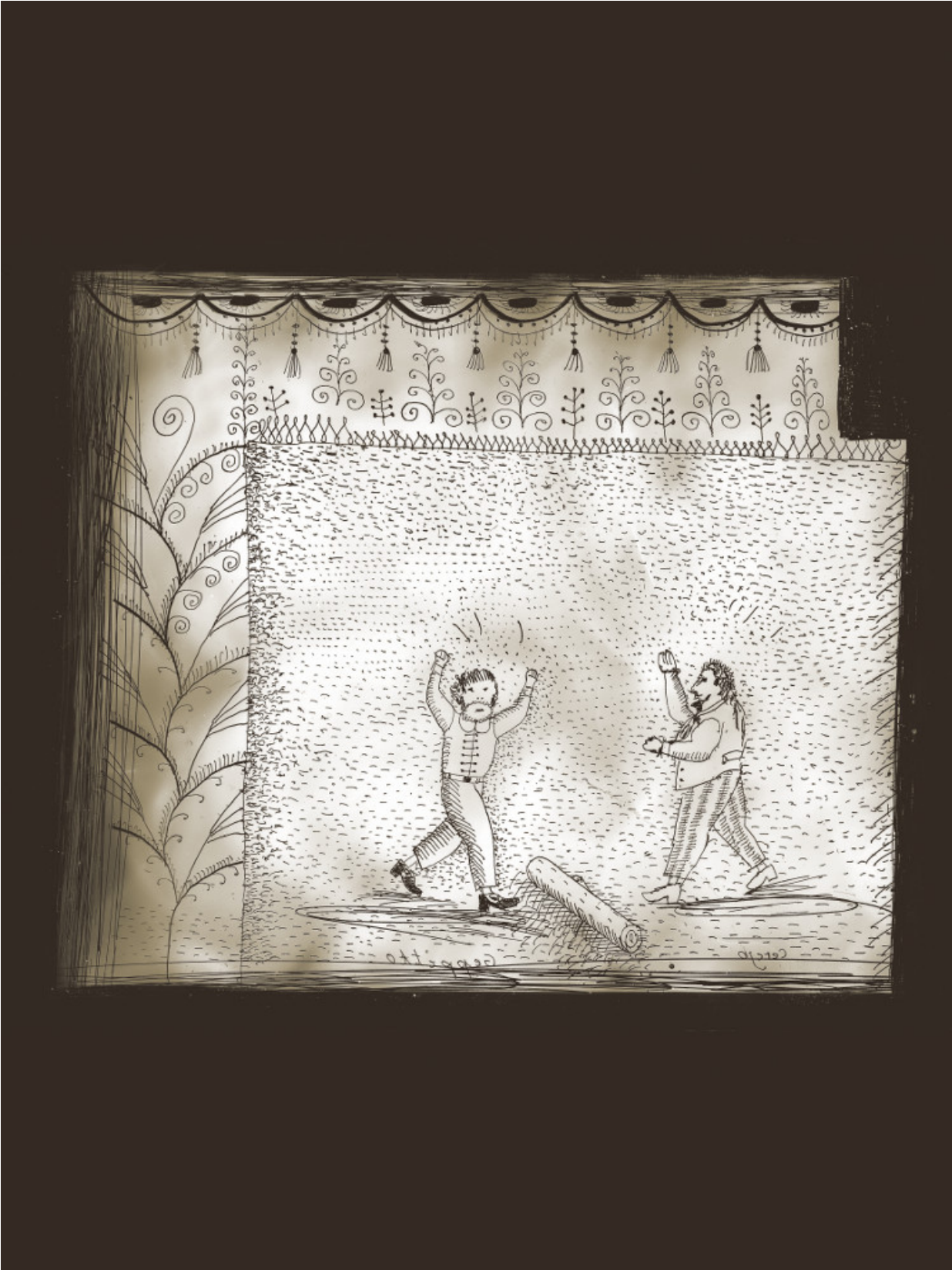
— Ah! É com essa generosidade, mestr' Antônio, que você oferece as suas coisas? Quase me aleijou!...

- Juro que não fui eu!
- Então será que fui eu?...
- A culpa é toda daquele pau...

— Sei que é dele, mas foi você quem me bateu com ele nas pernas!

— Não fui eu, não!

— Mentiroso!



— Geppetto, não me ofenda; senão vou chamá-lo de Pamonha!...

— Seu asno!

— Seu Pamonha!

— Jumento!

— Pamonha!

— Seu macaco feio!

— Seu Pamonha!

Ao ser chamado de Pamonha na terceira vez, Geppetto perdeu o brilho dos olhos, avançou sobre o marceneiro e trocaram uma imensidade de impropérios.

Terminada a batalha, maestr' Antônio estava com dois arranhões a mais no nariz e Geppetto com dois botões a menos no casaco. Dessa forma, achando as contas empatadas, voltaram a apertar as mãos e juraram permanecer bons amigos por toda a vida.

Então Geppetto tomou consigo o belo pedaço de pau e, agradecendo a maestr' Antônio, voltou mancando para casa.

· CAPÍTULO III ·

De volta à casa, Geppetto
começa logo a fabricar
o fantoche e lhe dá o
nome de Pinóquio.

Primeiras travessuras
do boneco.





A CASA DE GEPPETTO ERA UM QUARTINHO AO RÉS DO CHÃO que roubava a luz por um vão de escada. a mobília não podia ser mais simples: uma cadeira velha, um catre sem conforto e uma mesinha escangalhada. na parede do fundo via-se uma pequena lareira com o fogo aceso; mas este era pintado, e ao lado do fogo estava desenhada uma chaleira que fervia alegremente deixando escapar uma nuvem de vapor, que parecia fumaça de verdade.

Mal entrou em casa, Geppetto logo tomou as ferramentas e começou a talhar e fabricar o seu boneco.

— Que nome lhe darei? — disse para si mesmo. — Quero que se chame Pinóquio. Este nome lhe trará sorte. Conheci uma família inteira de Pinóquios: Pinóquio pai, Pinóquio mãe e Pinóquio filhos, e todos estavam muito bem. O mais rico deles pedia esmola.

Depois de encontrar o nome para seu boneco, passou a trabalhar com afinco, e foi logo fazendo os cabelos, depois o rosto, depois os olhos.

Prontos os olhos, imaginem seu encantamento quando percebeu que os olhos se moviam e olhavam bem fixos para ele.

Geppetto, sentindo-se observado por aqueles dois olhos de madeira, ficou encabulado, e disse com um resmungo ressentido:

— Seu olhudo de pau, por que está me olhando assim?

Ninguém respondeu.

Então, depois dos olhos, fez o nariz; mas o nariz, mal tinha sido feito, começou a crescer: e cresceu, cresceu, cresceu tanto que em poucos minutos se tornou um narigão que não acabava mais. O pobre Geppetto não se cansava de cortá-lo; mas, quanto mais cortava e encurtava, mais aquele nariz impertinente se encompridava.

Depois do nariz, fez a boca.

A boca ainda nem estava pronta e já começava de repente a rir e a zombar dele.

— Pare de rir! — disse Geppetto ofendido; mas foi como se falasse às paredes.

— Pare de rir, estou dizendo! — berrou com voz ameaçadora.

Aí então a boca parou de rir, mas botou a língua toda para fora.

Geppetto, para não perder as estribeiras, fingiu não perceber e continuou a trabalhar.

Depois da boca, fez o queixo, depois o pescoço, os ombros, a barriga, os braços e as mãos.

Mal acabou as mãos, Geppetto sentiu que a peruca lhe fora embora da cabeça. Olhou para cima, e o que viu? Viu sua peruca amarela nas mãos do boneco.

— Pinóquio!... devolve logo a minha peruca!

E Pinóquio, em vez de lhe devolver a peruca, botou-a na própria cabeça, ficando meio afogado embaixo dela.

Diante daquele gesto insolente e ridículo, Geppetto ficou triste e melancólico, como nunca havia se sentido em toda a sua vida, e, voltando-se para Pinóquio, disse:

— Seu filho da mãe! Nem ficou pronto e já começa a faltar com respeito a seu pai! Muito mau, meu pequeno, muito mau!

E enxugou uma lágrima.

Faltavam ainda por fazer as pernas e os pés.

Quando Geppetto acabou de fazer os pés, sentiu que um chute lhe atingia a ponta do nariz.

— Eu mereço! — disse então para si mesmo. — Devia ter pensado nisso antes. Agora é tarde! Depois agarrou o boneco por baixo dos braços e o pôs de pé, no chão da oficina, para ensiná-lo a andar.

Pinóquio tinha pernas bambas e não sabia se mover, mas Geppetto o conduzia pela mão para ensiná-lo a dar um passo após o outro.

Quando as pernas animaram, Pinóquio começou a caminhar sozinho e a correr pela oficina; até que, passando pela porta da casa, pulou na rua e escapuliu.

E lá foi o pobre Geppetto correndo atrás sem poder alcançá-lo, pois o maroto do Pinóquio andava aos saltos como um coelho e, batendo os pés de madeira no pavimento da rua, produzia um estrondo como o de vinte pares de tamancos camponeses. — Pega! Pega! — berrava Geppetto; mas as pessoas que estavam na rua, vendo aquele boneco de pau que disparava como um cavalo de corrida, ficavam encantadas observando, e riam, riam, riam a não poder mais.

Por fim, e por sorte, apareceu um guarda que, ouvindo toda aquela gritaria e pensando se tratar de um potro que tivesse escapado a seu dono, plantou-se corajosamente de pernas abertas em meio da rua, com a firme decisão de detê-lo e impedir que houvesse maiores desgraças. Mas Pinóquio, quando vislumbrou de longe o guarda que barricava seu caminho, imaginou que poderia passar, de surpresa, por entre as pernas dele, porém se deu mal.

O guarda, sem sequer se deslocar, agarrou-o simplesmente pelo nariz (era um narigão desproporcional, que parecia ter sido feito de propósito para ser agarrado pelos guardas), e o depositou nas próprias mãos de Geppetto; o qual, a título de castigo, queria logo lhe dar um bom puxão de orelhas. Mas imaginem a cara dele quando, ao procurar as orelhas, não conseguiu encontrá-las:

sabem por quê? Porque, na pressa de esculpi-lo, havia se esquecido de fazê-las.

Então, pegou-o pelo cangote e, enquanto o levava de volta, disse-lhe abanando ameaçadoramente a cabeça:

— Vamos para casa. Quando chegarmos lá, saiba que vamos acertar nossas contas!

Pinóquio, diante daquela ameaça, atirou-se ao chão e não quis mais caminhar. Enquanto isso, os curiosos e os desocupados principiaram a se ajuntar em torno e a fazer balbúrdia.

Um dizia uma coisa, outro dizia outra.

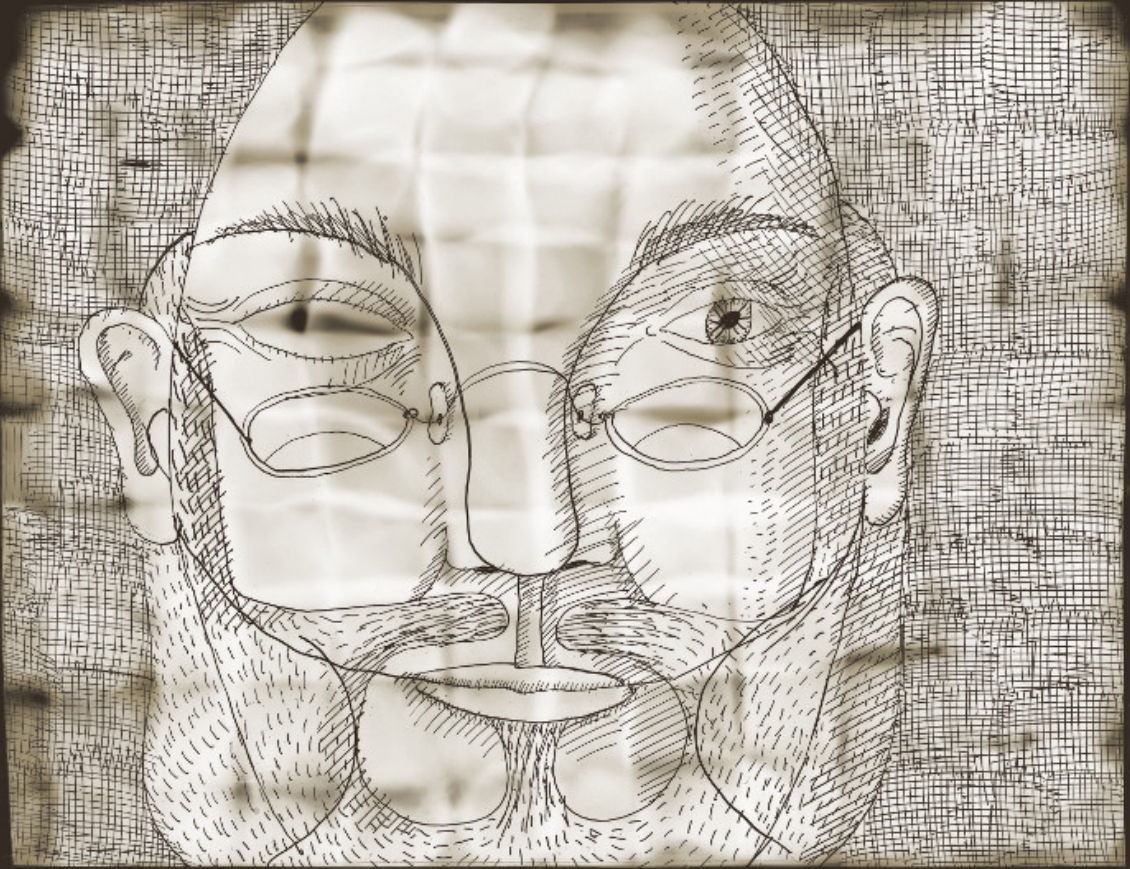
— Pobre boneco! — diziam uns —, tem razão de não querer voltar para casa! Quem sabe os castigos que lhe dará este brutamontes do Geppetto!...

E os outros acrescentavam maliciosamente: — Esse Geppetto parece boa gente, mas é um verdadeiro tirano com os meninos! Se deixarem aquele pobre boneco nas mãos dele é bem capaz de fazê-lo em pedaços!

Em suma, tanto falaram e tanto fizeram, que o guarda pôs Pinóquio em liberdade e levou o pobre do Geppetto para a prisão. O qual, não sabendo o que dizer para se defender, chorava como um bezerrinho e, ao seguir para a prisão, murmurava soluçando:

— Filho miserável! E pensar que me esforcei tanto para fazer dele um bonequinho correto! Mas a culpa é minha; devia ter pensado nisso antes!...

O que aconteceu depois é uma história de não se acreditar, e contarei nos próximos capítulos.



· CAPÍTULO IV ·

A história de Pinóquio com
o Grilo Falante, pela qual
se vê que os meninos
maus têm raiva de serem
corrigidos por quem sabe
mais que eles.



VOU LHES DIZER ENTÃO, MENINOS, QUE O POBRE GEPPETTO foi levado inocente para a prisão, e o moleque do Pinóquio, tendo se libertado das garras do guarda, corria a toda pelos campos, a fim de chegar o mais rápido possível em casa; e, na grande fúria de avançar pelas escarpas altíssimas, pelas touceiras de arbustos e pelos fossos cheios de água, fazia tal qual um cabrito ou um coelhinho que fosse perseguido por caçadores. Chegando em frente da casa, encontrou a porta da rua entreaberta. Empurrou-a, entrou e, mal girou a tramela, caiu sentado no chão, deixando escapar um grande suspiro de contentamento. Mas essa satisfação durou pouco, pois ouviu ali no quarto alguém que fazia:

— Cri-cri-cri!

— Quem está me chamando? — perguntou Pinóquio cheio de medo.

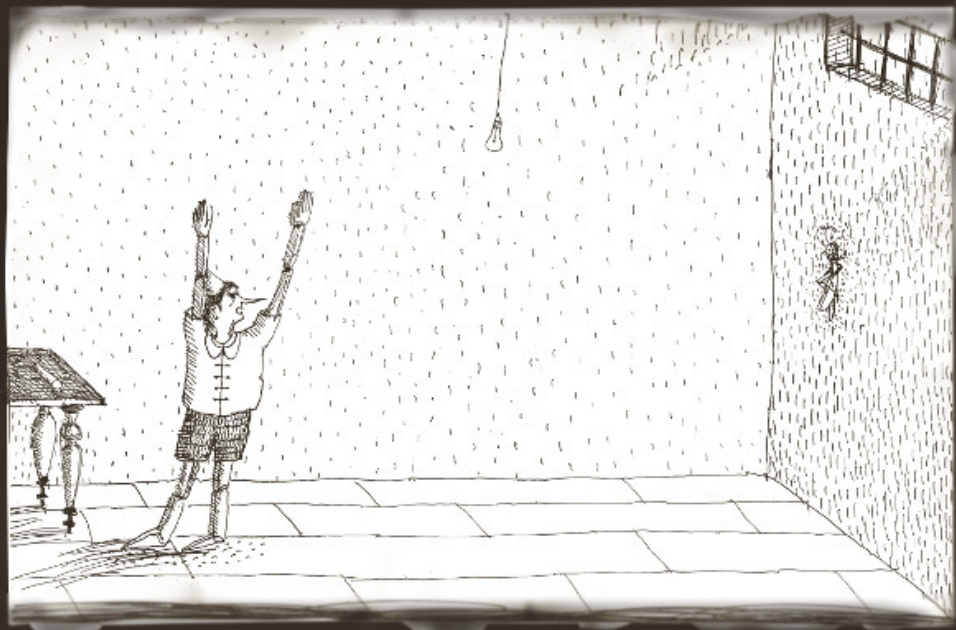
— Sou eu!

Pinóquio virou-se e viu um enorme Grilo que subia lentamente pela parede.

— E você, Grilo, quem é você?

— Eu sou o Grilo Falante, e moro nesta oficina há mais de cem anos.

— Mas acontece que agora esta oficina é minha — disse o boneco —, e, se quiser me fazer o favor, saia logo daqui sem nem olhar para trás.





— Não vou embora daqui — respondeu o Grilo — sem antes lhe dizer uma grande verdade.

— Pois diga lá e vá-se embora.

— Pobres daqueles meninos que se rebelam contra os pais e abandonam por teimosia a casa paterna! Não terão nunca felicidade neste mundo; e mais cedo ou mais tarde vão se arrepender amargamente.

— Vamos, canta lá, seu Grilo, como bem quiser; só sei que amanhã de madrugada quero ir-me embora daqui, pois se fico vai me acontecer o que acontece com todos os meninos, ou seja, vão me mandar para a escola e por bem ou por mal terei que estudar; e eu, para ser sincero com você, não tenho a menor vontade de estudar e me divirto mais correndo atrás das borboletas e subindo nas árvores para apanhar os pássaros nos ninhos.

— Pobre paspalhão! Mas não sabe que agindo assim você se tornará um belíssimo jumento quando crescer e que todos se divertirão à sua custa?

— Fique quieto, Grilinho de mau agouro! — gritou Pinóquio. Mas o Grilo, que era paciente e filósofo, em vez de se aborrecer com aquela impertinência, continuou no mesmo tom de voz: — Se não lhe agrada ter que ir à escola, por que não aprende pelo menos um ofício, para poder ganhar honestamente o pão de cada dia?

— Quer que eu lhe diga? — replicou Pinóquio, que começava a perder a paciência. — De todas as profissões do mundo só há uma que me agrada.

— E qual seria?...

— A de comer, beber, dormir, me divertir e levar o dia inteiro na vagabundagem.

— Para seu conhecimento — disse o Grilo Falante com sua calma habitual —, todos os que abraçam esse ofício acabam sempre no hospital ou na prisão.

— Chega, seu Grilinho de mau agouro!... se eu me enfezar, ai de você!

— Pobre Pinóquio! Dá mesmo pena!...

— Por que dou pena?

— Porque você é um boneco e, o que é pior, tem a cabeça dura.

A estas últimas palavras, Pinóquio pulou furioso e apanhou na bancada um cepo de madeira, arremessando-o contra o Grilo Falante. Talvez nem tivesse a intenção de acertá-lo; mas por azar atingiu-o direto na cabeça, tanto que o pobre Grilo só teve fôlego para fazer cri-cri-cri e lá ficou mortinho, esborrachado na parede.

· CAPÍTULO V ·

Pinóquio tem fome e procura um
ovo para fazer uma omelete,
mas eis que o melhor da fritada
voa pela janela.



ENQUANTO ISSO, COMEÇOU A ANOITECER, E PINÓQUIO, lembrando-se de que não havia comido nada, ouviu uns roncões no estômago, que pareciam muito com a voz do apetite.

Mas o apetite dos meninos cresce rápido; logo em poucos minutos o apetite virou fome, e a fome, num piscar de olhos, converteu-se em uma fome de lobo, uma fome de se cortar à faca.

O pobre Pinóquio correu imediatamente ao fogão, onde havia uma panela que fervia, e tentou tirar a tampa para ver o que tinha dentro, mas a panela era pintada na parede. Imaginem a cara dele. O nariz, que já era comprido, tornou-se mais longo em pelo menos quatro dedos.

Então, se pôs a fuçar na oficina, vasculhando todas as caixas e guardados à procura de um naco de pão, mesmo de pão dormido, uma torradinha, um osso que sobrou do cão, um pouco de polenta mofada, uma espinha de peixe, um caroço de cereja, em suma, qualquer coisa que pudesse mastigar: não encontrou nada, apenas nada, nada mesmo.

Mas, enquanto isso, a fome crescia cada vez mais: e o pobre Pinóquio não tinha outro alívio senão bocejar; e dava bocejos tão longos, que às vezes a boca quase chegava às orelhas. E, depois de bocejar, cuspiam, e sentia que o estômago se revolia.

Chorando e desesperando, disse:

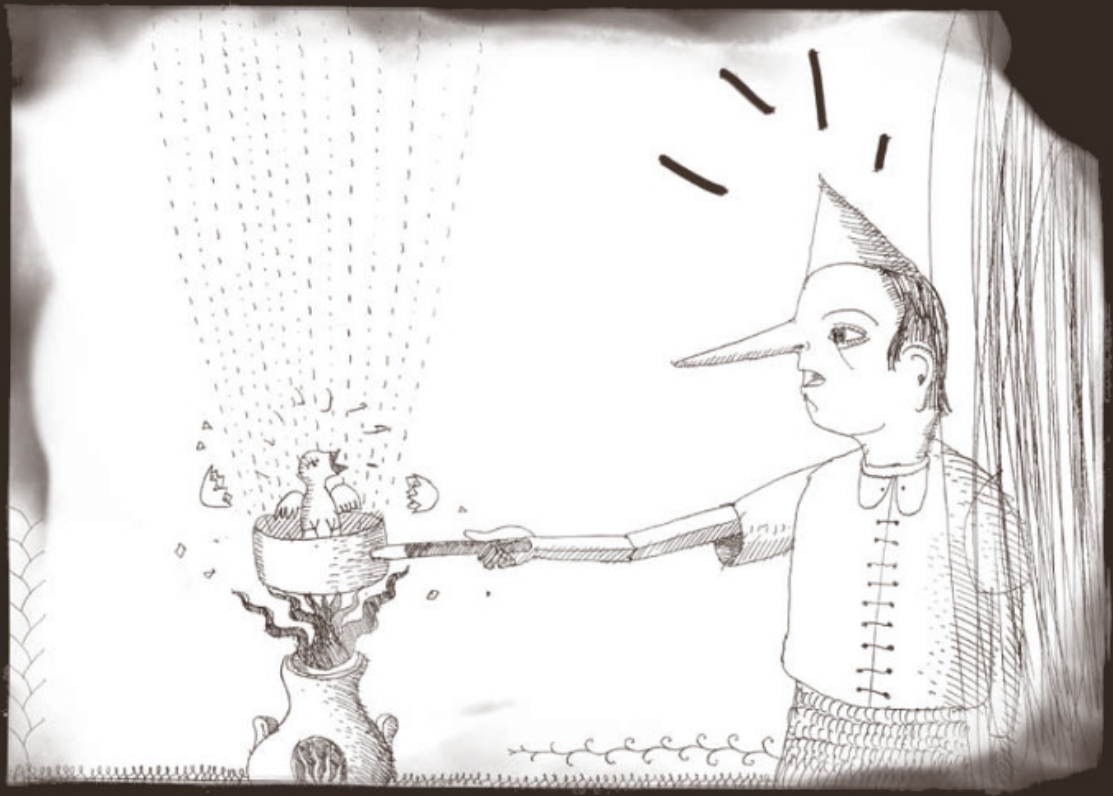
— O Grilo Falante tinha razão. Fiz mal em me voltar contra meu pai e fugir de casa... Se ele estivesse aqui, eu não estaria morrendo de tanto bocejar! Oh! Que doença terrível é a fome!

Mas eis que lhe pareceu ver no monte de lixo algo redondo e branco, que parecia em tudo a um ovo de galinha. Dar um salto e cair em cima foram uma só coisa. Era de fato um ovo.

A alegria do boneco é impossível de descrever: será preciso imaginá-la. Pensando que fosse um sonho, rodava o ovo nas mãos, pegava-o e o beijava, e ao beijá-lo dizia:

— E agora, como vou cozinhá-lo? Faço uma omelete...? Não, melhor cozido! Ou seria mais saboroso frito na panela? Ou bebê-lo, como ovo quente? Não, o mais rápido de tudo é fazê-lo estrelado ou na panelinha: estou com tanta vontade de comer! — Dito isso, pôs a panelinha sobre um braseiro aceso; na panelinha, em vez de óleo ou manteiga, deitou um pouco de água; e, quando a água começou a ferver, tac!... crac! a casca do ovo quebrou, parecendo que o conteúdo ia se derramar.

Mas, em vez da clara e da gema, escapou de dentro um pintinho todo alegre e maneiroso, que, fazendo uma bela reverência, disse:



— Muito obrigado, senhor Pinóquio, de ter-me poupado o trabalho de quebrar a casca do ovo! Adeusinho, passe bem e cumprimentos a todos da casa! Estendeu as asas e, saindo pela janela que estava aberta, foi-se embora voando a perder de vista.

O pobre do boneco permaneceu ali, como enfeitiçado, com os olhos fixos, a boca aberta e as cascas do ovo na mão. Recuperando-se, aliás, do primeiro susto, começou a chorar, a berrar, a bater com os pés no chão, desesperado, dizendo aos prantos:

— Na verdade, o Grilo tinha razão! Se eu não tivesse fugido de casa e se meu pai estivesse aqui, não estaria agora morrendo de fome! Oh! Que doença terrível é a fome!...

E, como a barriga continuava a roncar mais que nunca, e não sabendo o que fazer para acalmá-la, pensou em sair de casa e dar um pulo até o vilarejo vizinho, na esperança de encontrar uma alma caridosa que lhe desse como esmola um pedaço de pão.

· CAPÍTULO VI ·

Pinóquio adormece com
os pés sobre o braseiro
e acorda de manhã
com os pés queimados.



A BEM DIZER ERA UMA DESSAS TERRÍVEIS NOITES DE INVERNO. Trovejava sem parar, relampejava como se o céu estivesse pegando fogo e um forte vento frio e desconcertante, assoviando furiosamente e levantando enormes nuvens de poeira, fazia chiar e ranger todas as árvores do campo. Pinóquio tinha um medo enorme de trovões e de relâmpagos, mas, como a fome era mais forte do que o medo, atravessou a porta da casa e começou a correr, com uma centena de saltos chegou ao vilarejo, com a língua de fora e o fôlego curto, como um cão de caça.

Mas eis que encontra tudo escuro e deserto. As lojas estavam fechadas; as portas das casas, fechadas; janelas fechadas; e nas ruas não havia nem mesmo um cão. Parecia uma cidade morta.

Então Pinóquio, tomado de desespero e de fome, agarrou-se à campainha de uma casa e começou a tocá-la sem parar, dizendo para si mesmo:

— Alguém vai aparecer.

Na verdade apareceu um velhinho, com a touca de dormir na cabeça, que lhe gritou bastante irritado:

— Que estás querendo a estas horas?

— Que fizesse o favor de me dar um pedaço de pão.

— Espera aí que já volto — respondeu o velhinho, pensando tratar-se de um daqueles meninos gozadores que se divertem à noite a tocar a campainha das casas para molestar as pessoas de bem, que dormem tranquilamente.

Meio minuto depois a janela voltou a abrir e a voz do mesmo velhinho gritou para Pinóquio:

— Fica aí embaixo e tira o chapéu.

Pinóquio tirou logo o chapeuzinho; mas, no que fazia menção de estendê-lo, sentiu que lhe caía em cima uma enorme bacia de água que o ensopou todo, da cabeça aos pés, como se ele fosse um vaso de gerânio murcho.

Voltou para casa molhado como um pintinho e entorpecido de cansaço e de fome, como já não tivesse forças de se manter em pé, tentou sentar-se apoiando os pés ensopados e enlameados sobre um fogareiro cheio de brasas acesas.

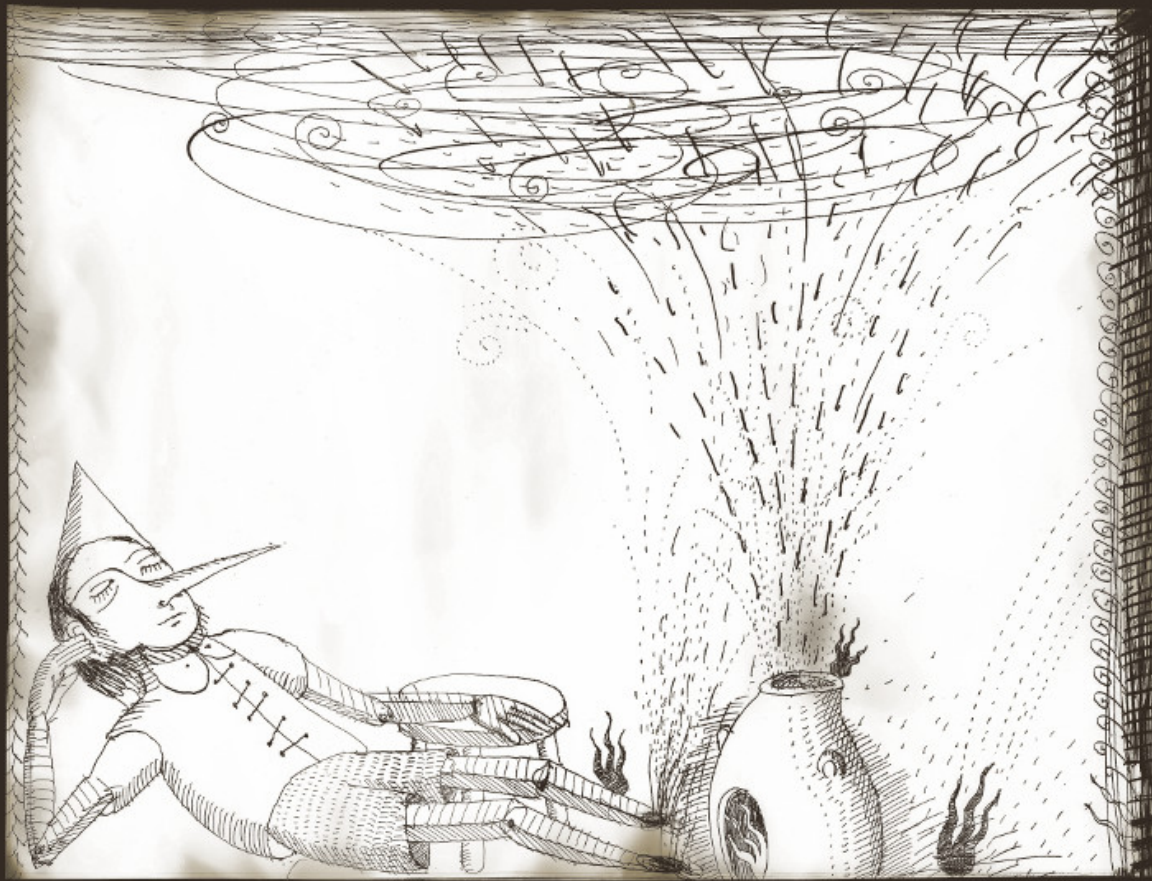
Ali adormeceu; ao dormir, os pés que eram de madeira pegaram fogo e pouco a pouco carbonizaram-se e se reduziram a cinzas.

E Pinóquio continuava a dormir e a ressonar, como se seus pés fossem de outro. Finalmente, ao raiar do dia despertou, porque alguém batia à porta.

— Quem é? — perguntou bocejando e esfregando os olhos.

— Sou eu — respondeu uma voz.

Essa voz era a voz de Geppetto.



· CAPÍTULO VII ·

Geppetto volta à casa, refaz os pés do boneco e lhe dá uma refeição que o pobre coitado trazia para si mesmo.



O POBRE PINÓQUIO, QUE CONTINUAVA COM OS OLHOS sonolentos, não tinha ainda visto os pés, que estavam todos queimados: mal ouviu a voz de seu pai, saltou da banqueta para ir correndo abrir a tramela; mas, em vez disso, depois de dois ou três tropeções, caiu de uma vez estendido no chão. E, ao cair por terra, fez o mesmo barulho que teria feito um saco de colheres de pau jogadas de um quinto andar.

— Abra a porta! — lá gritava Geppetto da rua.

— Papai, não posso — respondia o boneco chorando e rolando no chão.

— Por que não?

— Porque me comeram os pés.

— E quem foi que comeu?

— O gato — disse Pinóquio, vendo o gato que com as patinhas dianteiras brincava com uns cavacos de lenha.

— Vamos lá, abra a porta! — repetiu Geppetto. — Senão, quando eu entrar aí, vai haver gato-sapato! — Não posso ficar em pé, acredite. Ai, pobre de mim!... vou ter que caminhar de joelhos pelo resto da vida!...

Geppetto, pensando que toda aquela choradeira fosse outra peraltice do boneco, achou que devia acabar logo com ela e, trepando pelo muro, entrou na casa pela janela.

A princípio queria fazer e acontecer: mas depois, quando viu o seu Pinóquio estendido no chão e privado realmente dos pés, começou a amolecer; e, pegando-o de repente no colo, passou a beijá-lo e a lhe fazer mil carinhos e dengos, e, com enormes lágrimas que lhe caíam pelas faces, disse soluçando:

— Pinoquinho querido! Como foi que você queimou os pés?

— Não sei, papai, mas acredite, foi uma noitada dos infernos e da qual me lembrarei enquanto vivo. Trovoava, relampejava e eu estava morto de fome e o Grilo Falante me disse: “Bem feito, você

foi mau e merece isto”, e eu lhe disse: “Ora, Grilo!...”, e ele me disse: “Você é um boneco de pau e tem a cabeça dura”, e eu lhe atirei com um macete, e ele morreu, mas a culpa foi dele, pois não queria matá-lo, a prova é que pus uma tigelinha nas brasas acesas do fogareiro, mas o pintinho foi-se embora dizendo: “Adeusinho... e cumprimentos em casa”, e a fome crescia sempre, até que o velhinho com a touca de dormir, aparecendo na janela, me disse: “Fica aí embaixo e tira o chapéu”, e eu levei com aquela baciona de água na cabeça (porque pedir um pedaço de pão não é vergonha, certo?), voltei logo para casa e, porque continuava sempre com muita fome, pus os pés sobre o braseiro para secar, e aí o senhor voltou, e viu que eles estão queimados, enquanto eu continuo com fome e não tenho mais pés! Ai!... ai!... ai!... ai!...

O pobre Pinóquio chorava e berrava tão alto, que era ouvido a cinco quilômetros dali.

Geppetto, que de todo aquele palavrório enrolado só tinha entendido uma coisa, ou seja, que o boneco estava morrendo de fome, tirou do bolso três peras e, estendendo a mão, disse:

— Estas três peras eram para amanhã, mas eu lhe dou com prazer. Coma, que lhe farão bem.

— Se quer que eu coma, faça o favor de descascá-las.

— Descascar? — replicou Geppetto estupefado. — Jamais poderia acreditar, meu pequeno, que você fosse tão delicado e exigente de paladar. Muito mau! Neste mundo, desde criança, a gente precisa se acostumar a provar e a comer de tudo, pois nunca se sabe o que nos pode acontecer. Há tantos casos!...

— O senhor está certo — acalmou Pinóquio —, mas jamais vou comer uma fruta que não seja descascada. Não suporto as cascas.

E o bom sujeito que era Geppetto, tirando do bolso um canivete, e armado de santa paciência, descascou as três peras, colocando as cascas num canto da mesa.

Quando Pinóquio com duas bocadas comeu a primeira pera, fez menção de cuspir fora o bagaço: mas Geppetto segurou o braço,

dizendo:

– Não jogue isso fora: tudo no mundo tem serventia.

– Mas o bagaço eu não vou comer mesmo!... – gritou o boneco, contorcendo-se como uma víbora.

– Quem sabe! Há tantos casos...! – repetiu Geppetto, sem se alterar.

O fato é que os três bagaços, em vez de serem jogados pela janela, acabaram no mesmo canto da mesa em companhia das cascas.

Depois de comer, ou, melhor dito, devorar as três peras, Pinóquio soltou um longuíssimo bocejo e disse choramingando:

– Continuo com uma baita fome!

– Mas, meu caro menino, já não tenho nada para lhe dar.

– Nada mesmo?

– Tenho apenas aquelas cascas e bagaços de pera.

– Que remédio! – disse Pinóquio. – Se não há mais nada, comerei uma casca.

E começou a mastigar. A princípio contorceu um pouco a boca; mas depois, uma após outra, triturou de uma só mastigada todas as cascas: e, depois das cascas, também os bagaços; quando acabou de comer tudo o que havia, bateu contente as mãos no corpo, falando exultante:

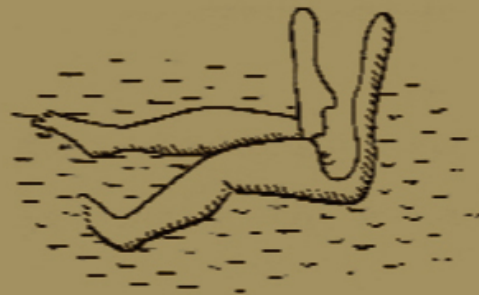


– Agora, sim, estou bem!

– Veja só – observou Geppetto – que eu tinha razão quando disse que não se deve ser nem muito delicado nem muito exigente de paladar. Meu caro, não se sabe nunca o que nos pode acontecer neste mundo. Há tantos casos!...

· CAPÍTULO VIII ·

Geppetto refaz os pés
de Pinóquio e vende
o próprio casaco
para lhe comprar
uma cartilha.



O BONECO, ASSIM QUE APLACOU A FOME, COMEÇOU LOGO a resmungar e a choramingar, porque queria um par de pés novos.

Mas Geppetto, para puni-lo da travessura que fizera, deixou-o chorar e se desesperar a manhã inteira; depois disse:

— E por que devo refazer seus pés? Talvez para você fugir de casa novamente?

— Eu prometo — respondeu o boneco soluçando — que daqui por diante serei bom...

— Todos os meninos — replicou Geppetto —, quando querem ganhar alguma coisa, dizem isso.

— Prometo que irei à escola, que vou estudar e que serei correto...

— Todos os meninos, quando querem ganhar alguma coisa, repetem essa mesma história.

— Mas eu não sou como os outros meninos! Sou o melhor de todos e digo sempre a verdade. Eu prometo, papai, que vou aprender um ofício e que serei o consolo e o amparo de sua velhice.

Geppetto, que, embora mantivesse uma cara de tirano, tinha os olhos cheios de água e o coração amargurado por ver seu pobre Pinóquio naquele estado lastimável, não disse outras palavras: tomando em mãos as ferramentas de seu ofício e dois pedaços de madeira preparada, pôs-se a trabalhar com grande afínco.

E, em menos de uma hora, os pés já estavam prontinhos; dois pequenos pés graciosos, elegantes e ágeis, como se modelados por um artista de gênio.

Então Geppetto disse ao boneco:

— Feche os olhos e durma!

Pinóquio fechou os olhos e fingiu dormir. E, enquanto fingia estar dormindo, com um pouco de cola dissolvida numa casca de ovo, Geppetto pregou os dois pés em seus lugares, e os pregou tão bem que não se via nem mesmo o sinal da emenda.

Mal o boneco se deu conta de ter pés, saltou da mesa onde estava estendido e começou a fazer mil piruetas e dar cambalhotas, enlouquecido de contentamento.

— Para recompensá-lo do quanto fez por mim — disse Pinóquio ao pai —, quero ir logo à escola.

— Muito bem, menino!

— Mas, para ir à escola, vou precisar de umas roupas.

Geppetto, que era pobre e não tinha no bolso sequer um níquel, fez-lhe então uma roupinha de papelão florido, um par de sapatos de cortiça e um chapeuzinho de miolo de pão.



Pinóquio correu logo a se olhar numa panela cheia de água e ficou tão contente consigo mesmo, que falou pavoneando-se:

— Pareço mesmo um senhor!

— De fato — replicou Geppetto —, porque, guarde bem isto, não são as roupas bonitas que fazem o senhor, mas antes as roupas limpas.

— A propósito — acrescentou o boneco —, para ir à escola ainda me falta uma coisa: falta o melhor e o principal.

— Que é?... — Falta a cartilha.

— Tem razão. Mas como faremos para consegui-la?

— Fácilimo: é só ir a uma livraria e comprá-la.

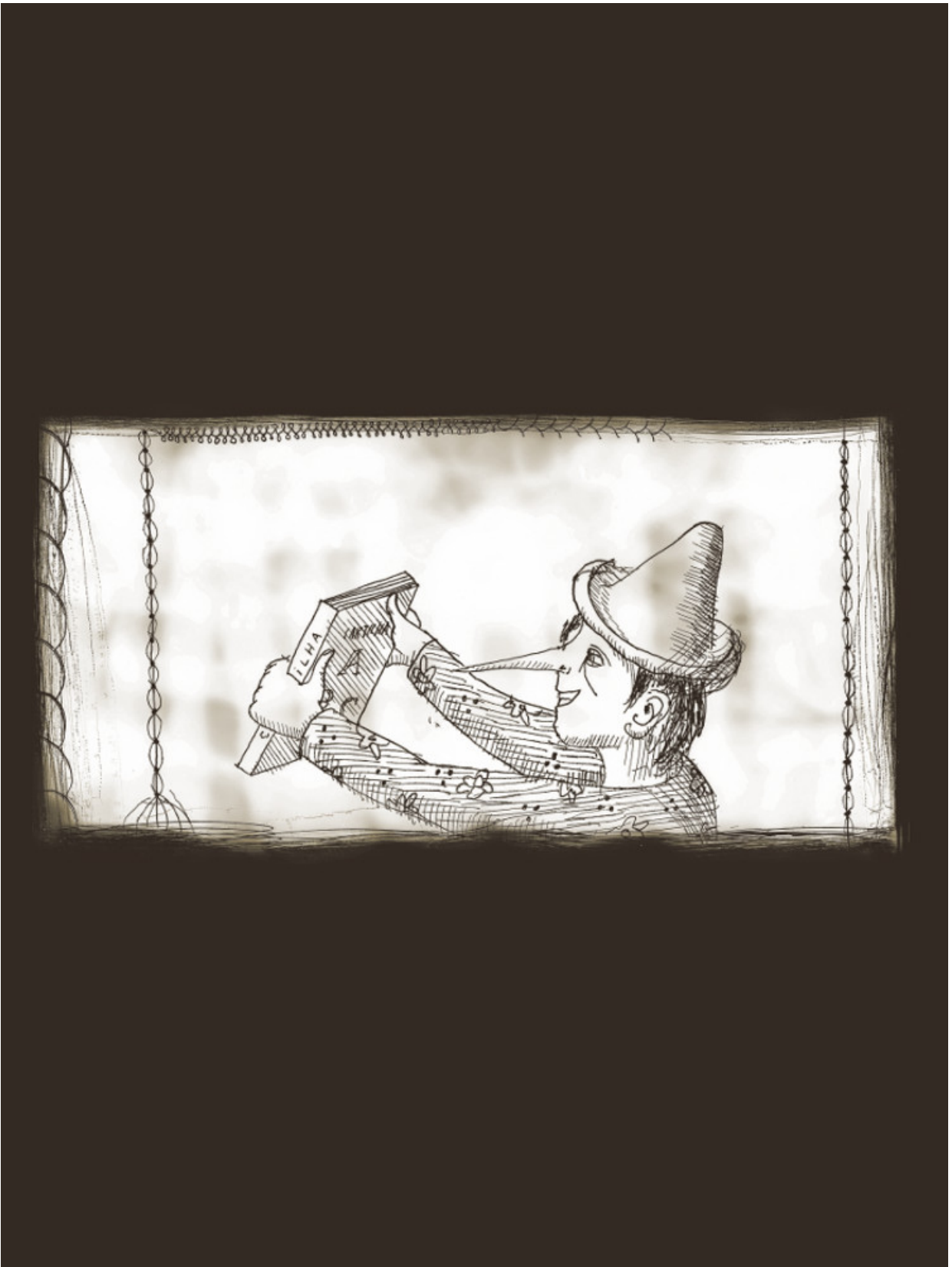
— E o dinheiro?

— Eu não tenho.

— Nem eu — completou o bom velho, pondo-se triste.

E Pinóquio, apesar de ser um menino muito alegre, também ficou triste; porque a miséria, quando é para valer, todos entendem: até mesmo os meninos.

— Paciência! — gritou Geppetto, pondo-se de pé de repente; e, vestindo o velho sobretudo de fustão, todo remendado, saiu de casa correndo.



Pouco depois voltou, e ao voltar trazia na mão uma cartilha para o filho, mas não usava mais o casaco. Estava em mangas de camisa, e olha que lá fora caía uma nevinha fina.

— E seu casaco, papai?

— Vendi.

— Vendeu, por quê?

— Porque me esquentava muito.

Pinóquio pegou o sentido daquela resposta, não conseguindo frear o ímpeto de seu bom coração, pulou ao colo de Geppetto e começou a beijar-lhe o rosto inteiro.

· CAPÍTULO IX ·

*Pinóquio vende a
cartilha para ir
ao teatrinho
de fantoches.*



ASSIM QUE PAROU DE NEVAR, PINÓQUIO, TENDO EMBAIXO do braço sua bela e nova cartilha, pegou o caminho que levava à escola; e, enquanto caminhava, ia imaginando na cabecinha mil possibilidades e fantasias, cada uma mais bonita do que a outra.

Falando consigo mesmo, dizia: “Hoje, na escola, quero logo aprender a ler: amanhã vou aprender a escrever e depois de amanhã a tratar com os números. Depois, com a minha habilidade, vou ganhar muito dinheiro e, com o primeiro que me vier ao bolso, vou comprar para o meu pai um belo casaco de lã. Mas por que de lã? Quero que seja todo de prata e de ouro, com botões de brilhante. E bem que aquele pobre o merece de verdade: porque, afinal, para comprar os livros com que vou me instruir, ele ficou em mangas de camisa... com este frio! Somente os pais são capazes de tamanho sacrifício”.

Enquanto dizia comovido estas coisas, pareceu-lhe ouvir à distância uma musiquinha de pífaros e batidas de zabumba: pi-pi-pi bum, bum, bum.

Parou e ficou à escuta. Aqueles sons vinham lá do fundo de um caminho comprido e enviesado, que conduzia a um vilarejo à beira-mar.

— Que será esta música? Pena que tenha de ir à escola, senão...

E ficou ali indeciso. Fosse como fosse, tinha que tomar uma decisão: ou ir à escola ou ouvir os pífaros.

— Hoje vou ouvir os pífaros, e amanhã vou à escola: há sempre tempo para se ir à escola — disse finalmente o maroto, encolhendo os ombros.

Dito isto, avançou para o caminho enviesado e começou a correr à toda. Quanto mais corria, mais ouvia nítido o som dos pífaros e as batidas do bumbo: pi-pi-pi bum, bum, bum.

Eis que de repente se encontrou no meio de uma praça cheia de gente, que se apinhava em torno de um grande barracão de

madeira e de lona pintada de mil cores.

— Que barracão é este? — perguntou Pinóquio, voltando-se para um rapazinho do lugar.

— Leia o cartaz, que lá está escrito, e vai saber.

— Bem que o leria, mas acontece que justamente hoje ainda não sei.

— Seu ignorante! Então vou ler para você. Fique sabendo que naquele cartaz com letras vermelhas como o fogo está escrito:

grande teatro de fantoches...

— E faz tempo que começou o espetáculo?

— Vai começar agora.

— E quanto se paga para entrar?

— Quatro moedas.



Pinóquio, que tinha em si a febre da curiosidade, perdeu toda a reserva e, sem se envergonhar, disse ao rapazinho estas palavras:

— Você me emprestaria quatro moedas até amanhã?

— Bem que emprestaria — disse o outro zombando —, mas acontece que precisamente hoje não posso lhe emprestar.

— Eu lhe vendo a minha jaqueta por quatro moedas — voltou a dizer o boneco.

— Que quer que eu faça com uma jaqueta de papelão florido? Se chover, não haverá meio de tirá-la da gente.

— Quer comprar meus sapatos?

— São bons para acender o fogo.

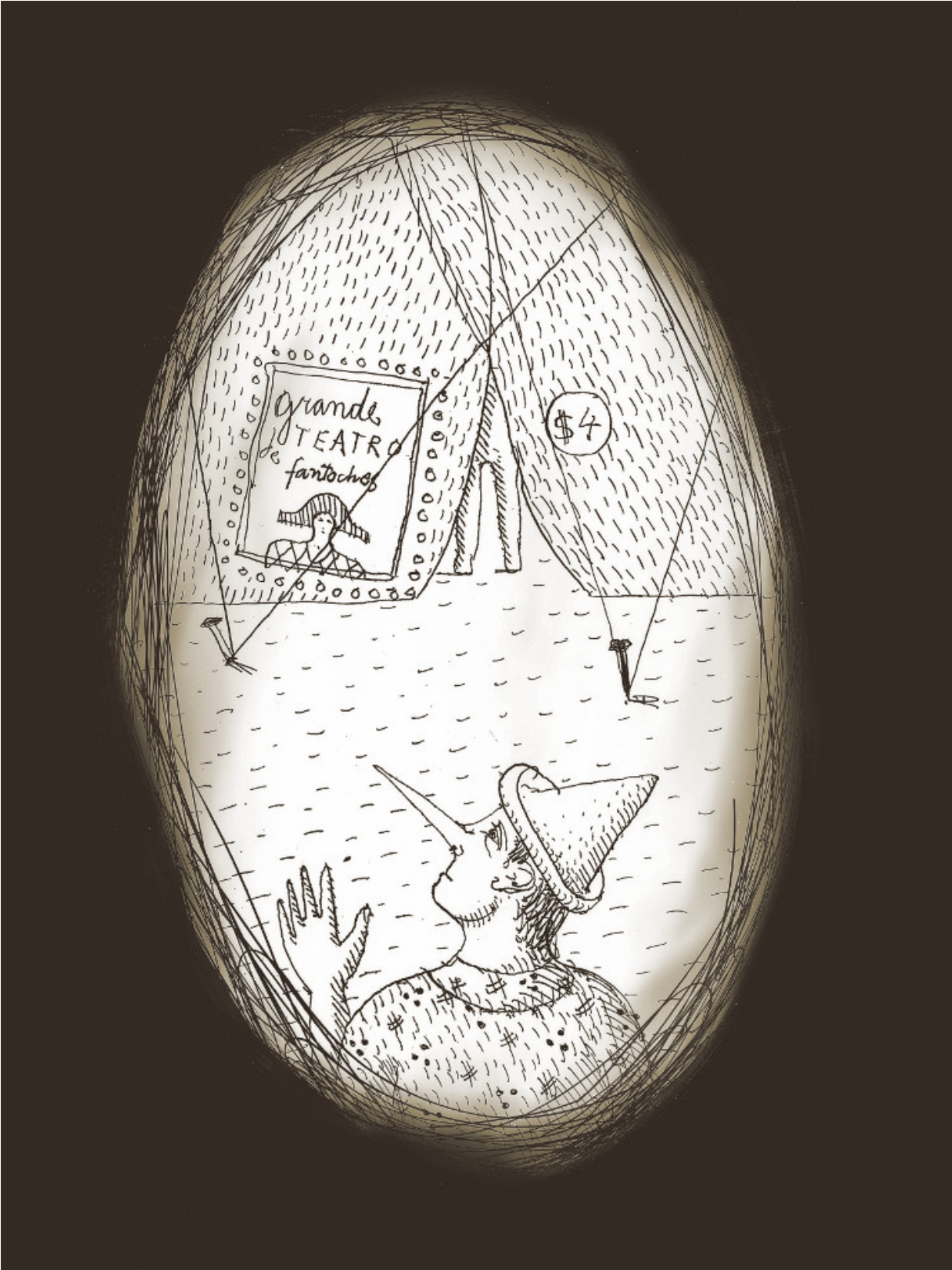
— E quanto me dá pelo chapeuzinho?

— Grande compra, não é mesmo? Um chapeuzinho de miolo de pão! É capaz até que os ratinhos venham comê-lo na minha cabeça!

Pinóquio ficou aflito. Estava prestes a fazer uma última oferta: mas não tinha coragem; hesitava, titubeava, padecia. Por fim disse:

— Quer me dar quatro moedas por esta cartilha novinha?

— Sou um menino que não compra nada dos outros — respondeu o pequeno interlocutor, que tinha muito mais juízo do que ele.



— Por quatro moedas eu fico com a cartilha — gritou um vendedor de roupa velha que havia presenciado a conversa. E o livro foi vendido ali na hora. E pensar que o pobre do Geppetto tinha ficado em casa, a tremer de frio em mangas de camisa, para poder comprar a cartilha para o filho!

· CAPÍTULO X ·

Os fantoches reconhecem seu irmão Pinóquio e lhe fazem uma grande festa; mas eis que de repente surge o titereiro Manjafogo, e Pinóquio corre perigo de acabar mal.





QUANDO PINÓQUIO ENTROU NO TEATRINHO DE FANTOCHES, aconteceu um fato que causou uma pequena revolução. é preciso saber que o pano já havia subido e o espetáculo começado.

Em cena, se viam Arlequim e Polichinelo que discutiam entre si e, como de costume, ameaçavam de um momento para o outro trocar uma saraivada de bofetões e cacetadas.

A plateia, toda atenta, não podia se aguentar de tanta risada, ouvindo o bate-boca dos dois títeres, que gesticulavam e trocavam ofensas com tanta veracidade, como se fossem mesmo dois animais racionais e duas pessoas deste mundo.

Quando de repente, vai que vai, Arlequim para de recitar, volta-se para o público e, apontando com a mão alguém no fundo da plateia, começa a berrar em tom dramático:

— Deuses do firmamento! É sonho ou estou desperto? Não é que aquele ali é o Pinóquio!...

— É o Pinóquio de fato! — gritou Polichinelo.

— É ele mesmo! — bradou a senhora Rosaura, espreitando do fundo da cena.

— É Pinóquio, é Pinóquio! — berraram em coro todos os bonecos, saindo aos saltos dos bastidores.

— É Pinóquio! É o nosso irmão Pinóquio! Viva Pinóquio!...

— Pinóquio, venha comigo aqui em cima — gritou Arlequim —, venha cair nos braços de seus irmãos de madeira!

A este afetuoso convite, Pinóquio deu um salto e, do fundo da plateia foi parar nas primeiras filas; depois, com outro salto, foi, das primeiras filas, cair sobre a cabeça do regente da orquestra, e com mais um pulo chegou ao palco.

É impossível imaginar a montanha de abraços, as palmadinhas, os beliscões amigáveis e as cabeçadas de verdadeira e sincera fraternidade que Pinóquio recebeu em meio àquela confusão de atores e atrizes dessa companhia dramático-vegetal.

O espetáculo era comovente, não há como negar: mas o público da plateia, vendo que a comédia não seguia avante, impacientou-se e começou a gritar: — Queremos a peça, queremos a peça!

Gastaram a voz à toa, porque os títeres, em vez de continuarem o espetáculo, aumentaram ainda mais o alarido e, erguendo Pinóquio sobre os ombros, levaram-no em triunfo até as luzes da ribalta. Foi então que apareceu o titereiro, um homenzarrão tão feio que dava medo só de olhar. Tinha uma enorme barba negra como uma garatuja de tinteiro, tão comprida que lhe ia do queixo ao chão: basta dizer que, quando andava, ele a tocava com os pés. Sua boca era grande como um forno, os olhos pareciam duas lanternas de vidro vermelho, com as chamas acesas lá dentro, e nas mãos fazia estalar um enorme chicote, feito de serpentes e rabos de raposas retorcidos juntos. A aparição inesperada do titereiro emudeceu a todos; nem mais um pio. Podia-se ouvir o zunir de uma mosca. Os pobres fantoches, machos e fêmeas, tremiam como varas verdes.

— Por que você veio criar confusão no meu teatro? — perguntou o titereiro a Pinóquio, com um vozeirão de ogro gravemente resfriado.

— Acredite, ilustríssimo senhor, que a culpa não foi minha!...

— Chega, por ora! Hoje à noite vamos acertar as contas.

De fato, terminada a peça, o titereiro foi para a cozinha, onde lhe haviam preparado para o jantar um belo carneiro, que rodava lentamente enfiado no espeto. E, porque lhe faltasse lenha para acabar de assá-lo e corá-lo, chamou Arlequim e Polichinelo, dizendo-lhes:

— Tragam-me aqui aquele boneco que penduraram no prego. Parece-me feito com madeira muito seca, e estou certo de que, se o pusermos no fogo, me dará uma bela chama para o assado.

Arlequim e Polichinelo a princípio hesitaram; mas, amedrontados pelo olhar feroz do patrão, obedeceram: e pouco depois voltaram à cozinha, trazendo nos braços o pobre Pinóquio,

que, desvencilhando-se deles como uma enguia fora da água, berrava desesperadamente: — Papai, salve-me! Não quero morrer, não quero morrer!...

· CAPÍTULO XI ·

Manjafogo espirra e
perdoa Pinóquio, que,
depois, salva da morte
seu amigo Arlequim.





O TITEREIRO MANJAFOGO (ESTE ERA O NOME DELE) PARECIA um homem pavoroso, não vou dizer que não, principalmente por causa daquela barbaça negra que, como um avental, cobria todo o peito e as pernas; mas no fundo não era um homem mau. a prova disso é que, quando viu trazerem à sua frente aquele pobre pinóquio, a se debater por todos os lados, gritando “não quero morrer, não quero morrer”, de repente ficou comovido e teve pena dele e, depois de haver resistido um bom tempo, por fim não aguentou mais e deixou escapar um sonoríssimo espirro.

Com aquele espirro, Arlequim, que até então andava aflito e encurvado como um salgueiro-chorão, mostrou uma cara alegre e, virando-se em direção a Pinóquio, cochichou para ele:

— Boas-novas, maninho. O titereiro espirrou, isso é sinal de que se compadeceu de você, e logo logo estará salvo. Porque é preciso saber que, enquanto todos os homens, quando se sentem compadecidos por alguém, choram ou pelo menos fingem esfregar os olhos, Manjafogo, em vez disso, sempre que se enternecia de verdade, tinha o vício de espirrar. Uma maneira como qualquer outra de demonstrar a sensibilidade de seu coração.

Depois de haver espirrado, o titereiro, continuando a bancar o carrancudo, gritou para Pinóquio:

— Pare de chorar! Seus lamentos estão me dando um ronco no fundo do estômago. Sinto um espasmo, que quase, quase... Atchim, atchim — e deu outros dois espirros.

— Saúde! — disse Pinóquio.

— Amém! Seu pai e sua mãe ainda estão vivos? — perguntou Manjafogo.

— Meu pai está; a mãe eu nunca conheci.

— Quem sabe o desgosto que daria a seu velho pai se agora eu jogasse você no meio daquelas brasas ardentes! Pobre velho! Tenho pena dele!... Atchim, atchim, atchim — e deu três outros espirros.

— Saúde! — disse Pinóquio.

— Amém! Afinal de contas, é preciso ter pena de mim também, porque, como vê, não tenho mais lenha para terminar de assar meu carneiro, e você, digo a verdade, neste caso me teria dado um bom jeito! Mas, agora que me compadeci, paciência. Em seu lugar, vou pôr para queimar no fogo do espeto outro fantoche qualquer da minha Companhia... Atenção, soldados!

A este comando logo apareceram dois soldadinhos de pau, compridos, compridos, secos, secos, de quepe na cabeça e espada desembainhada na mão. Então o titereiro lhes disse com voz retumbante: — Agarrem ali aquele Arlequim, amarrem-no firme, e depois o joguem no fogo para queimar. Quero o meu carneiro bem assado!

Imaginem o pobre Arlequim! Tal foi seu estupor, que as pernas se curvaram e caiu de bruços no chão.

Pinóquio, à vista daquela cena aflitiva, atirou-se aos pés do titereiro e, chorando aos cântaros, banhando de lágrimas todos os pelos de sua longuíssima barba, começou a dizer com voz suplicante:

— Piedade, senhor Manjafogo!... — Aqui não há senhores! — replicou duramente o titereiro.

— Piedade, senhor Cavalheiro!...

— Aqui não há cavalheiros!

— Piedade, senhor Comendador!...

— Aqui não há comendadores!

— Piedade, Excelência!...

Ao ouvir ser chamado de Excelência, o titereiro fez um biquinho redondo e, tornando-se de súbito mais humano e mais tratável, disse a Pinóquio:

— Pois bem, o que quer de mim?

— Peço-lhe que perdoe o pobre do Arlequim!...

— Aqui não há perdão possível. Se eu poupei você, é preciso jogá-lo no fogo, porque quero meu carneiro bem assado.



— Neste caso — gritou corajosamente Pinóquio, erguendo-se e atirando longe o seu chapeuzinho de miolo de pão —, neste caso, sei muito bem qual é o meu dever. Avante, senhores soldados! Atai-me e atirai-me nas chamas. Não, não é justo que o pobre Arlequim, meu verdadeiro amigo, deva morrer por mim!...

Estas palavras, pronunciadas em voz alta e em tom heroico, fizeram chorar todos os fantoches presentes àquela cena. Os próprios soldados, embora fossem de pau, choravam como dois cordeirinhos desmamados.

Manjafogo, a princípio, permaneceu duro e imóvel como um bloco de gelo: mas depois, pouco a pouco, começou também a se comover e a espirrar. E após três ou quatro espirros, abriu afetuosamente os braços e disse a Pinóquio:

— Você é um menino e tanto! Vem cá e me dá um beijo.

Pinóquio correu logo e, escalando como um esquilo a barba do titereiro, foi lhe dar um belíssimo beijo na ponta do nariz.

— Então estou perdoado? — perguntou o pobre Arlequim, com um fio de voz que mal se percebia.

— Perdão concedido! — respondeu Manjafogo; depois se levantou suspirando e balançando a cabeça: — Paciência! Esta noite vou me conformar em comer um carneiro meio cru, mas da próxima vez, ai de quem for escolhido!...

Ao saberem da graça concedida, os fantoches correram todos para o palco e, acendendo as luzes e os lustres como numa noite de gala, começaram a pular e a dançar. Já era madrugada e continuavam dançando.

· CAPÍTULO VII ·

O titereiro Manjafogo dá cinco moedas de ouro para Pinóquio presentear seu pai Geppetto; e Pinóquio, em vez disso, deixa-se ludibriar pela Raposa e pelo Gato, e vai com eles.



NO DIA SEGUINTE, MANJAFOGO CHAMOU PINÓQUIO DE canto e

perguntou:

— Como se chama seu pai?

— Geppetto.

— E de que vive?

— De pobreza.

— Não ganha muito?

— Ganha o necessário para não ter um níquel no bolso. Imagine que para comprar minha cartilha da escola teve que vender o único casaco com que estava vestido; um casaco que entre remendos e alinhavos era todo um desastre.

— Pobre-diabo! Quase me dá pena. Tome aqui cinco moedas de ouro. Vá logo levá-las a ele e cumprimente-o por mim.

Pinóquio, como é fácil imaginar, agradeceu mil vezes o titereiro, abraçou um por um todos os fantoches da Companhia, inclusive os soldados: e, não cabendo em si de tão contente, seguiu viagem de volta a casa.

Não tinha andado ainda meio quilômetro, quando encontrou no caminho uma Raposa manca de uma perna e um Gato cego dos dois olhos, que iam andando por ali, ajudando-se um ao outro, como bons companheiros de infortúnio. A Raposa, que era coxa, caminhava apoiando-se no Gato; e o Gato, que era cego, deixava-se guiar pela Raposa.

— Bom dia, Pinóquio — disse-lhe a Raposa, cumprimentando-o amavelmente.

— Como sabe meu nome? — perguntou o boneco.

— Conheço bem seu pai.

— Onde é que o viu?

— Eu o vi ontem à porta de sua casa.

— E que ele fazia?

— Estava em mangas de camisa e tremia de frio.

— Pobre do meu pai! Mas, graças a Deus, de hoje em diante, não tremerá mais de frio!...

— Por quê?

— Porque eu me tornei um homem rico.

— Um homem rico, você? — disse a Raposa, e começou a rir com um riso ordinário e debochado: e o Gato também ria, mas, para não dar na vista, penteava os bigodes com as patas dianteiras.

— Não há nada para rir — gritou Pinóquio ofendido. — Lamento muito dar-lhes água na boca, mas estas aqui, se estão a ver, são cinco belíssimas moedas de ouro.

E tirou do bolso as moedas que Manjafogo lhe presenteara.

Ao atraente tilintar das moedas, a Raposa, num movimento involuntário, esticou a perna que parecia encolhida, e o Gato arregalou ambos os olhos, que pareciam duas lanternas verdes; mas logo voltou a fechá-los, tanto assim que Pinóquio não chegou a perceber.

— E agora — perguntou a Raposa —, que vai fazer com estas moedas?

— Antes de tudo — respondeu o boneco —, quero comprar um belo casaco para o meu pai, novinho, todo de ouro e prata e com botões de brilhante; depois vou comprar uma cartilha para mim.

— Para você?

— Isto mesmo: quero ir à escola e estudar de verdade.

— Olhe para mim! — disse a Raposa. — Por causa dessa paixão idiota de estudar foi que perdi uma perna.

— Olhe para mim! — disse o Gato. — Por causa dessa paixão idiota de estudar perdi a visão de ambos os olhos.

Nesse ínterim, um Melro branco, empoleirado à beira da estrada, deu seu habitual grasnido, falando:

— Pinóquio, não dê trela aos conselhos desses maus companheiros, pois vai se arrepender!

Pobre Melro, quem dera não tivesse dito nada! O Gato, desferindo um grande salto, foi cair em cima dele, e, sem lhe dar

tempo nem mesmo de soltar um ai, engoliu-o de uma só bocada, com penas e tudo.

Depois de comê-lo e de limpar a boca, fechou os olhos de novo e voltou a se fazer de cego como antes.

— Pobre Melro! — disse Pinóquio ao Gato. — Por que o tratou tão mal?

— Foi para lhe dar uma lição. Assim, de outra vez, vai aprender a não se meter na conversa dos outros.

Já estavam a mais de meio caminho, quando a Raposa, parando de repente, falou para o boneco:

— Quer duplicar as suas moedas de ouro?

— Como?

— Quer fazer com que essas cinco miseráveis moedas se transformem em cem, mil, duas mil?

— Opa! E de que maneira?

— De maneira muito fácil. Em vez de voltar para casa, você devia vir conosco.

— E aonde me querem levar?

— Ao País dos Beócios.

Pinóquio pensou um pouco, depois disse resolutivo:

— Não, não quero ir. Agora estou bem perto, quero voltar para casa, onde meu pai me espera. Quem sabe como o pobre velho terá suspirado ontem, quando não me viu voltar. Infelizmente banquei o filho mau, e o Grilo Falante tinha razão ao dizer: “Os meninos desobedientes não podem ser felizes neste mundo”. E eu provei isso à minha custa, porque me vieram muitas desgraças, e mesmo ontem, na casa do Manjafogo, corri grande perigo... Brr! Sinto calafrios só de pensar!

Pinóquio, não dê ouvidos aos
conselhos desses maus companheiros,
pois vai se arrepender!



— Então — disse a Raposa — você quer mesmo ir para casa? Ora, vá, ande, e tanto pior para você!

— Tanto pior para você! — repetiu o Gato.

— Pense bem, Pinóquio, porque você está chutando a sua sorte.

— A sua sorte! — repetiu o Gato. — De hoje para amanhã, suas cinco moedas de ouro já teriam se transformado em duas mil.

— Duas mil! — repetiu o Gato.

— Mas como é possível que se multipliquem tanto? — perguntou Pinóquio, com a boca aberta de estupor.

— Vou já lhe explicar — disse a Raposa. — É preciso saber que no País dos Beócios há um lugar sagrado, que todos chamam de Campo dos Milagres. Você faz um buraquinho nesse campo e põe lá dentro, por exemplo, uma moeda de ouro. Depois, cobre o buraco com um pouco de terra: rega com dois baldes de água da fonte, espalha em cima um punhado de sal e à tarde você vai tranquilamente dormir. Enquanto isso, durante a noite, a moeda brota e floresce, e de manhã, ao se levantar, voltando ao campo, o que você encontra? Encontra uma bela árvore carregada de tantas moedas de ouro quantos grãos de milho possam haver numa espiga bem madura.

— Com que então — disse Pinóquio sempre aturdido —, se eu enterrar naquele campo as minhas cinco moedas, na manhã seguinte quantas moedas teria?

— É uma conta facilíssima — respondeu a Raposa —, conta que posso fazer nos dedos. Digamos que cada moeda produza um cacho de quinhentas moedas: multiplique as quinhentas por cinco e na manhã seguinte terá no bolso duas mil e quinhentas moedas brilhantes e sonoras.

— Oh, que maravilha! — gritou Pinóquio, dançando de alegria. — Assim que eu tiver colhido essas moedas, ficarei com duas mil e as outras quinhentas darei de presente a vocês dois.

— Um presente para nós? — gritou a Raposa desdenhosa e se sentindo ofendida. — Deus nos livre!

— Deus nos livre! — repetiu o Gato.

— Nós — replicou a Raposa — não trabalhamos por vil interesse: trabalhamos unicamente para enriquecer os outros.

— Os outros! — repetiu o Gato.

“Que gente boa!”, pensou Pinóquio dentro de si: e, esquecendo-se ali imediatamente do pai, do casaco novo, da cartilha e de todas as boas intenções que havia planejado, disse à Raposa e ao Gato:

— Vamos lá.

· CAPÍTULO XIII ·

*A hospedaria do
Camarão Vermelho.*



CAMINHANDO, CAMINHANDO, CAMINHANDO, JÁ AO FIM DA tarde chegaram quase mortos de cansaço à hospedaria do camarão vermelho.

— Vamos dar uma parada aqui — sugeriu a Raposa —, não só para comer alguma coisa como para descansar um pouco. À meia-noite partimos de novo para chegarmos de madrugada ao Campo dos Milagres.

Entraram na hospedaria, acomodaram-se os três à mesa: mas nenhum deles tinha apetite.

O pobre Gato, sentindo-se gravemente indisposto do estômago, não pôde comer senão trinta e cinco salmonetes com molho de tomate e quatro porções de tripa à *parmigiana*: e, como a tripa não lhe pareceu muito temperada, serviu-se por três vezes de manteiga e de queijo ralado.

A Raposa teria, também ela, beliscado com prazer alguma coisa: mas, como o médico lhe havia prescrito uma rigorosa dieta, teve então de se contentar com uma simples lebrezinha bem condimentada, servida com um levíssimo frango gorduroso e galletos ao primo canto. Depois da lebre, mandou vir como tira-gosto um fricassê de perdiz, coelho, rã, lagarto e uvas de mesa; depois, não quis mais nada. Sentia tanta aversão a comida, disse, que não podia botar nada na boca.



A Hospedaria do Camarão
Vermelho



Quem comeu menos foi Pinóquio. Pediu uma noz partida e um pedacinho de pão, e deixou tudo no prato. O pobre menino, com o pensamento sempre fixo no Campo dos Milagres, tinha sofrido uma indigestão antecipada de moedas de ouro.

Quando terminaram a ceia, a Raposa disse para o dono da estalagem:

– Dá-nos dois belos quartos, um para o senhor Pinóquio e outro para mim e para meu companheiro. Antes de partir, vamos tirar uma soneca. Mas lembre-se de que à meia-noite queremos que nos acorde para continuarmos a viagem.

– Sinsinhoris — respondeu o estalajadeiro, e piscou o olho para a Raposa e o Gato, como para dizer: “Estou por dentro e estamos entendidos!...”.

Mal Pinóquio deitou-se na cama, adormeceu de pronto e começou a sonhar. E no sonho lhe parecia estar em meio a um campo, e esse campo estava cheio de arbustos carregados de cachos, e esses cachos estavam carregados de moedas de ouro, que, balançando ao sabor do vento, faziam zim, zim, zim, como querendo dizer: “Quem quiser venha nos apanhar”. Mas, quando Pinóquio estava no melhor da coisa, ou seja, quando estendeu a mão para apanhar um bocado daquelas moedas de ouro e metê-las no bolso, foi despertado de repente por três violentíssimas batidas à porta do quarto.

Era o estalajadeiro que lhe vinha dizer que soara a meia-noite.

– E os meus companheiros estão prontos? — perguntou o boneco.

– Mais que prontos! Já partiram há duas horas.

– E por que tanta pressa?

– Porque o Gato recebeu um recado dizendo que seu gatinho maior, adoentado com frieira nos pés, corria risco de morrer.

– E pagaram a ceia?

— Nem pensar. Aqueles lá são pessoas educadas demais para fazerem uma tal afronta a vossa senhoria.

— Que pena! Esta afronta me daria muito prazer! — disse Pinóquio, coçando a cabeça. Depois perguntou: — E onde esses bons amigos disseram que iriam me esperar?

— No Campo dos Milagres, amanhã, ao despontar do dia.

Pinóquio pagou uma moeda de ouro pela ceia, sua e a dos dois belos companheiros, e depois partiu.

Mas pode-se dizer que partia às apalpadelas, porque fora da hospedaria estava tão escuro, que não se via nada a um palmo do nariz. No campo em volta não se sentia balançar uma folha. Apenas alguns pássaros noturnos, atravessando a estrada de uma sebe a outra, vinham bater as asas no nariz de Pinóquio, que, dando um salto para trás, gritava: “Quem está aí?”, e o eco das colinas ao redor respondia de longe: “Quem está aí? Quem está aí? Quem está aí?”.

Nisso, enquanto caminhava, viu num tronco de árvore um animalzinho que reluzia com um brilho pálido e opaco, como um coto de vela dentro de uma lanterna de porcelana transparente.

— Quem é você? — perguntou Pinóquio.

— Sou a sombra do Grilo Falante — respondeu o animalzinho, com uma voz muito fraquinha, que parecia vir do outro mundo.

— Que quer comigo? — disse o boneco.

— Quero dar-lhe um conselho. Trate de voltar e leve as quatro moedas de ouro que sobraram para o seu pobre pai, que chora desesperado porque você sumiu.

— Amanhã meu pai será um grande senhor, porque estas quatro moedas se transformarão em duas mil.

— Não confie, meu rapaz, naqueles que prometem fazê-lo rico do dia para a noite. Em geral, ou são loucos ou trapaceiros! Ouça o meu conselho, trate de voltar.

— Mas, ao contrário, eu quero é ir em frente.

— Já é muito tarde!...



- Quero seguir em frente.
- A noite está muito escura...
- Quero seguir em frente.
- A estrada é perigosa...
- Quero seguir em frente.
- Lembre-se de que os meninos que querem seguir os próprios caprichos e agir à maneira deles mais cedo ou mais tarde se arrependem.
- A velha história. Boa noite, Grilo.
- Boa noite, Pinóquio, e que o céu o proteja do sereno e dos assassinos!

Mal disse estas últimas palavras, o Grilo Falante se apagou de todo, como se apaga uma chama com o sopro, e a estrada ficou ainda mais escura do que antes.

· CAPÍTULO XIV ·

Pinóquio, por não ouvir
os bons conselhos do Grilo
Falante, dá de encontro
com os assassinos.



“DE FATO”, DISSE CONSIGO O BONECO REINICIANDO A viagem, “como somos desgraçados, nós, os pobres meninos! Todos nos repreendem, todos nos advertem, todos nos dão conselhos. Se os deixamos falar, todos vão achar que são nossos pais e nossos mestres: todos. Até mesmo os grilos falantes. Vejam só porque não quis dar ouvidos àquele chato do Grilo: quem sabe quantas desgraças, segundo ele, me irão acontecer! Devo encontrar até assassinos! Ainda bem que não acredito e nunca acreditei em assassinos. Para mim, foram inventados de propósito pelos pais para dar medo aos meninos que querem sair à noite. E, além disso, mesmo que os encontrasse aqui na estrada, será que me assustariam? Nem por sombra. Ia lhes gritar na cara: ‘Senhores assassinos, o que querem de mim? Saibam que comigo não se brinca! Tratem de dar o fora, vão cuidar de suas vidas e bico calado!’ . Com essa conversa mole, mas bancando o sério, estou vendo aqueles pobres assassinos escapando a todo vapor por aí. E, caso fossem tão grosseiros a ponto de não quererem fugir, então eu é que me mandava, e acabou-se a história...”

Mas Pinóquio não pôde terminar seu raciocínio, porque naquele instante pareceu ter ouvido atrás de si um levíssimo sacudir de folhas.

Voltou-se para olhar e viu na escuridão dois vultos negros encapuçados em sacos de carvão, que corriam na sua direção aos saltos e na ponta dos pés, como se fossem dois fantasmas.

“São eles mesmos!”, disse consigo; e, não sabendo aonde esconder as quatro moedas, meteu-as na boca, precisamente embaixo da língua.

Depois tentou fugir. Mas não tinha dado ainda o primeiro passo, quando se sentiu agarrado pelos braços e ouviu duas vozes horríveis e cavernosas, que lhe disseram:

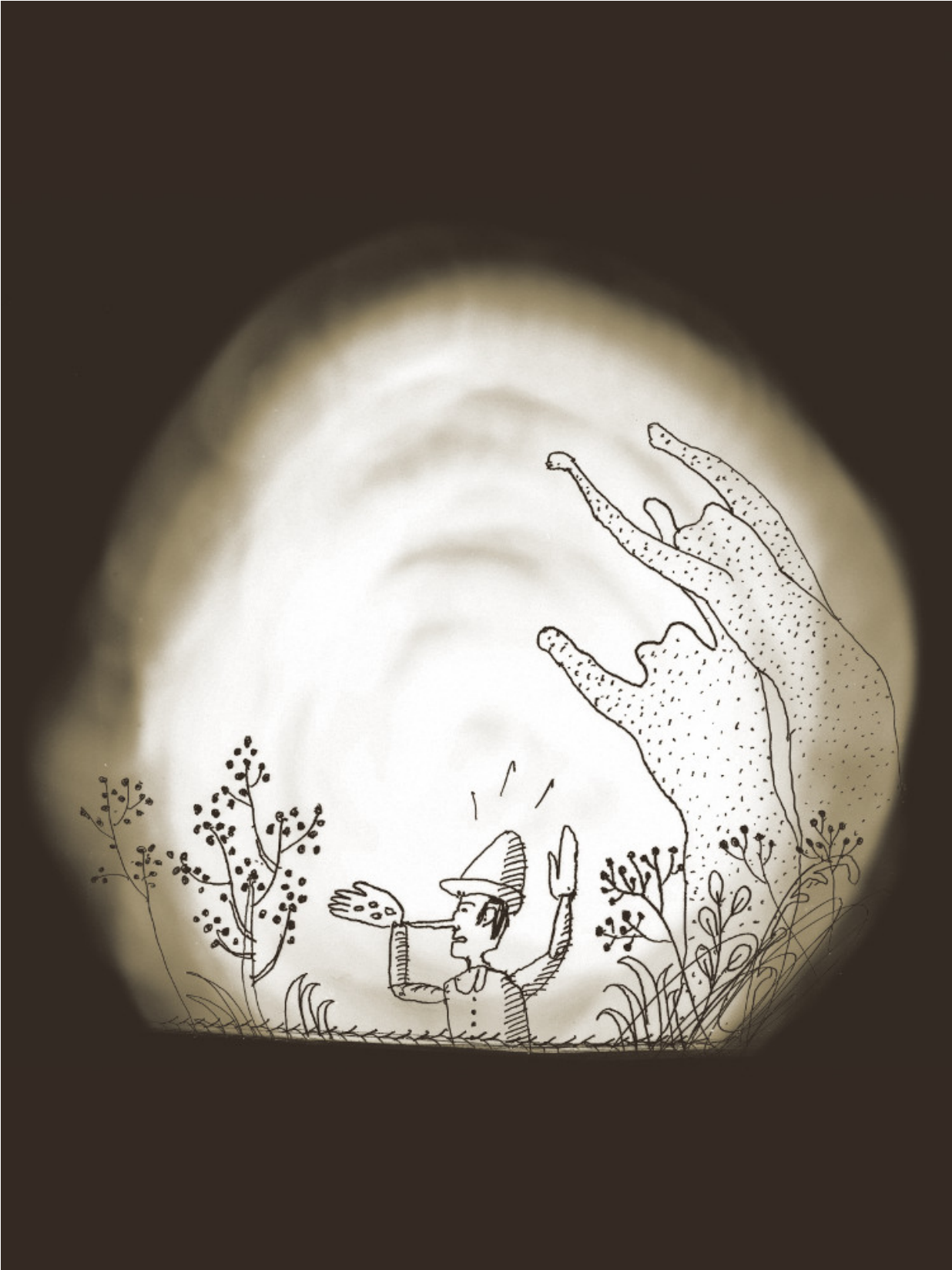
— A bolsa ou a vida!

Pinóquio, não podendo responder com palavras, por causa das moedas que trazia na boca, fez mil salamaleques e pantomimas para dar a entender aos dois embuçados, dos quais se viam apenas os olhos pelos buracos dos sacos, que ele era um pobre boneco, e que não tinha no bolso nem mesmo um níquel falso.

— Vamos, vamos! Menos conversa e mais dinheiro! — gritavam ameaçadoramente os dois bandidos.

E o boneco fez com a cabeça e as mãos um sinal como a dizer: “Não, não tenho nada”.

— Passa fora o dinheiro ou vai morrer — ameaçou o assaltante mais alto.



– Vai morrer! – repetiu o outro.

– E, depois de matar você, vamos matar seu pai também!

– Seu pai também!

– Não, não, não, meu pobre pai, não! – gritou Pinóquio desesperado: mas, ao gritar assim, as moedas lhe tiniram na boca.

– Ah, malandro! Então escondeu o dinheiro embaixo da língua? Trate de cuspir fora!

E Pinóquio, firme!

– Ah! Bancando o surdo, hein? Espere um pouco que nós vamos dar um jeito de fazer você cuspir.

De fato, um deles agarrou o boneco pela ponta do nariz e o outro o pegou pelo queixo, e começaram a sacudi-lo grosseiramente, um de um lado, outro do outro, a fim de obrigá-lo a abrir a boca: mas não saiu nada. A boca do boneco parecia cravada e rebitada.

Aí, o assassino mais baixo, puxando um facão, tentou fincá-lo, à guisa de alavanca e de formão, entre os lábios de Pinóquio, mas ele, rápido como um raio, ferrou-lhe os dentes na mão e, depois de havê-la arrancado inteira com uma mordida, cuspiu-a fora; e imaginem o espanto que teve ao ver que, em vez de mão, tinha cuspidido fora uma pata de gato.

Encorajado com essa primeira vitória, livrou-se à força das garras dos assassinos e, saltando a sebe da estrada, fugiu pelo campo. E os assassinos a correr atrás dele, como dois cães perseguindo a lebre: e aquele que havia perdido uma pata corria com uma perna só, não se sabe como.

Depois de uma corrida de uns quinze quilômetros, Pinóquio não aguentava mais. Então, vendo-se perdido, subiu pelo tronco de um altíssimo pinheiro e ficou sentado no alto dos ramos. Os assassinos também tentaram subir, mas chegando à metade do tronco escorregaram e, resvalando até o chão, acabaram esfolando as mãos e os pés.

Mas nem por isso se deram por vencidos: ao contrário, apanharam um feixe de lenha seca que estava junto ao pinheiro e lhe tocaram fogo. Num abrir e fechar de olhos, o pinheiro começou a arder e a chamejar, como uma vela agitada pelo vento. Pinóquio, vendo que as chamas subiam cada vez mais, e não querendo acabar como um pombinho assado, deu um belo pulo do alto da árvore, e toca a correr novamente atravessando campos e vinhedos. E os assassinos atrás, sempre atrás dele, sem se cansarem nunca.

Enquanto isso, o dia começava a clarear e a perseguição continuava; mas eis que de repente Pinóquio viu seu passo barrado por um fosso muito largo e profundo, cheio de uma água suja, cor de café com leite. Que fazer? “Um, dois e três!”, gritou o boneco, e, lançando-se numa grande corrida, saltou para o outro lado. Os assassinos também saltaram, mas, não tendo calculado bem a distância, tchibum!... caíram lá dentro do fosso. Pinóquio, que ouviu o barulho do tombo e os espirros de água, gritou rindo, sem parar de correr:



— Bom banho, senhores assassinos.

E já imaginava que haviam morrido afogados, quando, em vez disso, voltando-se para olhar, percebeu que os dois lhe corriam atrás, sempre embuçados em seus sacos e com água escorrendo como dois cestos furados.

· CAPÍTULO XV ·

Os assassinos perseguem
Pinóquio e, depois de
capturá-lo, vão enforcá-lo
num galho do
Carvalho Gigante.



ENTÃO O BONECO, SENTINDO PERDER O ÂNIMO, ESTAVA a ponto de se jogar no chão e dar-se por vencido, quando ao olhar em redor viu em meio ao verde-escuro das árvores branquejar à distância uma casinha alva como a neve.

— Se eu tiver fôlego suficiente para chegar àquela casa, talvez esteja salvo — disse para si mesmo.

Sem hesitar um minuto voltou a avançar pelo bosque numa desabalada carreira. Com os assassinos sempre atrás.

E, depois de uma corrida desesperada de quase duas horas, chegou finalmente todo ofegante à porta da casinha e bateu.

Ninguém respondeu.

Tornou a bater com mais violência, porque ouviu que se aproximava um rumor de passos e da respiração pesada e ofegante de seus perseguidores.

O mesmo silêncio.

Percebendo que bater não resultava em nada, começou desesperadamente a dar pontapés e cabeçadas na porta. Então surgiu na janela uma bela menina, de cabelos azuis-turquesa e rosto branco como uma imagem de cera, olhos cerrados e mãos cruzadas no peito, que, sem sequer mover os lábios, disse com uma vozinha que parecia vir do outro mundo:

— Nesta casa não há ninguém. Estão todos mortos.



— Você pelo menos me abra! — gritou Pinóquio chorando e implorando.

— Eu também estou morta.

— Morta? Então, o que está fazendo aí nessa janela?

— Espero o caixão que vai me levar.

Mal disse isso, a menina desapareceu, e a janela fechou-se sem ruído.

— Ó bela menina dos cabelos turquesa — gritava Pinóquio —, abra, por caridade! Tenha compaixão de um pobre rapaz perseguido por assass...

Mas não pôde concluir a palavra, porque se sentiu agarrado pelo pescoço, e ouviu as duas vozes conhecidas que lhe rosnavam ameaçadoramente:

— Você agora não escapa mais!

O boneco, vendo a morte reluzir diante de seus olhos, foi tomado de um tremor tão forte, que, ao tremer, soavam as juntas de suas pernas de madeira e as quatro moedas que tentava esconder embaixo da língua.

— Então? — perguntaram os assassinos. — Quer abrir a boca ou não? Ah! Não responde?... Deixe estar, pois desta vez vamos fazer você abrir!...

E, arrancando dois facões enormes, enormes e afiados como navalhas, zás... vibraram-lhe dois golpes na altura dos rins.

Mas o boneco por sorte era feito de uma madeira duríssima, motivo pelo qual as lâminas, partindo-se, voaram em mil estilhaços, e os assassinos ficaram com o cabo dos facões na mão, a olharem um para o outro.

— Estou sabendo — disse então um deles —, o negócio é enforcar! Vamos enforcá-lo!

— Vamos enforcá-lo — repetiu o outro.

Dito isso, ataram-lhe as mãos por trás das costas e, passando um nó de correr em torno do pescoço, amarraram-no pendurado

ao galho de uma árvore imensa conhecida como Carvalho Gigante.

Depois ficaram ali, sentados na relva, esperando que o boneco desse a última estrebuchada: mas o boneco, depois de três horas, mantinha sempre os olhos abertos, a boca fechada e esperneava sem parar.

Cansados de esperar, viraram-se para Pinóquio e lhe disseram com escárnio:

— Até amanhã. Quando voltarmos aqui, esperamos que você nos faça a delicadeza de se apresentar mortinho da silva e com a boca bem arreganhada.

E lá se foram.

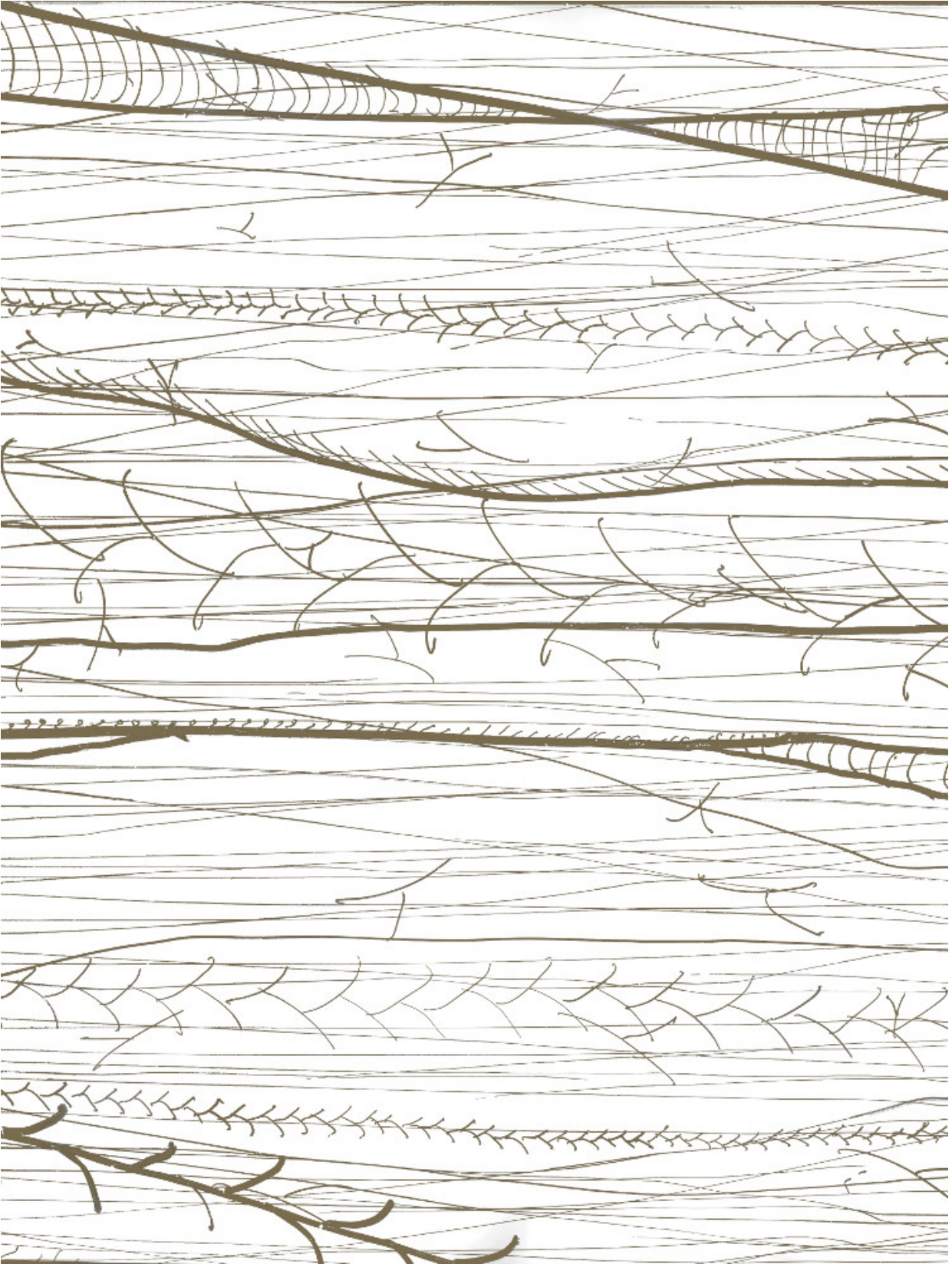
Enquanto isso, começou a soprar um vento impetuoso vindo do norte, que, soprando e mugindo com raiva, sacolejava de um lado para outro o pobre enforcado, fazendo-o balançar violentamente como um badalo de sino em dias festivos. E aqueles balanços lhe causavam espasmos agudos, e o nó corrediço, apertando cada vez mais o pescoço, dificultava-lhe a respiração.

Aos poucos os olhos se empanavam; e, embora sentisse aproximar-se a morte, mesmo assim esperava que, de um momento para outro, acontecesse de alguma alma caridosa vir em seu auxílio. Mas quando, cansado de esperar, viu que não aparecia ninguém, ninguém mesmo, então voltou-lhe à mente a figura de seu pobre pai... e ele balbuciou quase moribundo:

— Ah, paizinho! se você estivesse aqui!...

E não teve fôlego para dizer mais nada. Fechou os olhos, abriu a boca, estirou as pernas e, dando uma grande estremeção, ficou ali enrijecido.







· CAPÍTULO XVI ·

A bela Memina dos Cabelos
Turquesa manda recolher
o boneco; deita-o na cama
e chama três médicos
para saber se está vivo
ou morto.



NESSE ÍTERIM EM QUE O POBRE PINÓQUIO, ENFORCADO pelos assassinos num galho do carvalho gigante, parecia mais morto do que vivo, a bela menina dos cabelos turquesa chegou de repente à janela e, apiedando-se à vista daquele infeliz que, suspenso pelo pescoço, dançava a tarantela às lufadas do vento, bateu de leve três palmas seguidas.

A este sinal ouviu-se um grande rumor de asas que voavam com ardor impetuoso, e um enorme Falcão veio pousar no parapeito da janela.

— Que me ordenais, ó graciosa Fada? — disse o Falcão baixando o bico em sinal de reverência (porque é preciso saber que a Menina dos Cabelos Turquesa, afinal de contas, não era outra senão uma Fada muito boazinha, que há mais de mil anos habitava as vizinhanças do bosque). — Estás vendo aquele boneco pendurado num galho do Carvalho Gigante?

— Estou.

— Pois bem: voa rápido até lá, rompe com teu fortíssimo bico o nó que o mantém suspenso no ar e pouso-o delicadamente estirado na relva embaixo da árvore.

O Falcão saiu voando e dois minutos depois voltou dizendo:



— O que me haveis ordenado foi cumprido.
— E como o achaste? Vivo ou morto?
— Ao vê-lo, parecia morto, mas não deve estar morto de todo, porque, mal tirei o nó corrediço que apertava o pescoço dele, deixou escapar um suspiro, balbuciando a meia-voz: “Estou me sentindo melhor!”.

Então a Fada, juntando as mãos, bateu duas leves palmas e apareceu um magnífico Cão-d’Água, que caminhava ereto nas patas traseiras, tal como se fosse um homem.

O Cão-d’Água estava vestido de cocheiro com uma libré de gala. Trazia na cabeça um chapéu de três pontas com galões de ouro, uma peruca branca com cachinhos que lhe desciam pelo pescoço, uma casaca cor chocolate com botões de brilhantes e dois grandes bolsos para guardar os ossos que sua dona lhe regalava no almoço, uns calções curtos de veludo carmesim, meias de seda, sapatilhas cavadas, e por trás uma espécie de capa de guarda-chuva, toda de cetim turquesa, para guardar o rabo, em caso de chuva.

— Depressa, Medoro! — disse a Fada ao seu Cão-d’Água. — Prepara correndo a mais bela carruagem das minhas cavaliças e ruma para o bosque. Ao chegares embaixo de um Carvalho Gigante, encontrarás estendido na relva um pobre boneco meio-morto. Recolhe-o com cuidado, coloca-o devagarinho sobre as almofadas da carruagem e o traga para cá. Compreendeste?

O Cão-d’Água, para dizer que havia compreendido, sacudiu três ou quatro vezes a capa de cetim azul que tinha às costas e partiu como um cavalo de corrida.

Dali a pouco, viu-se sair das cavaliças uma bela carruagem cor de ar, toda acolchoada com penas de canarinhos e forrada no interior de creme chantili e biscoito-champagne. A carruagem era puxada por cem parelhas de ratinhos brancos, e o Cão-d’Água,

sentado na boleia, fazia estalar o chicote à esquerda e à direita, como um cocheiro quando receia estar atrasado.

Não passara ainda um quarto de hora quando a carruagem voltou, e a Fada, que esperava à porta da casa, pegou no colo o pobre boneco e o levou para um quartinho cujas paredes eram de madrepérola, e mandou logo chamar os médicos mais famosos das vizinhanças.

E os médicos chegaram, um após outro; ou seja, chegaram um Corvo, uma Coruja e um Grilo Falante.

— Gostaria de saber de vossas senhorias — disse a Fada, voltando-se para os três médicos reunidos em redor do leito de Pinóquio —, gostaria de saber de vossas senhorias se este infeliz boneco está morto ou vivo!...

A esse convite, o Corvo, adiantando-se primeiro, tomou o pulso de Pinóquio, depois examinou o nariz, depois o dedo mindinho dos pés; e, depois de bem examinar, pronunciou solenemente as seguintes palavras:



— No meu entender, o boneco está de todo morto: mas, se por desgraça não estiver de todo morto, então será indício seguro de que continua vivo!

— Lamento — disse a Coruja — ter de contradizer o Corvo, meu ilustre amigo e colega: para mim, ao contrário, o boneco continua vivo; mas, se por desgraça não estiver vivo, então será indício de que está mesmo morto!

— E o senhor não diz nada? — perguntou a Fada ao Grilo Falante.

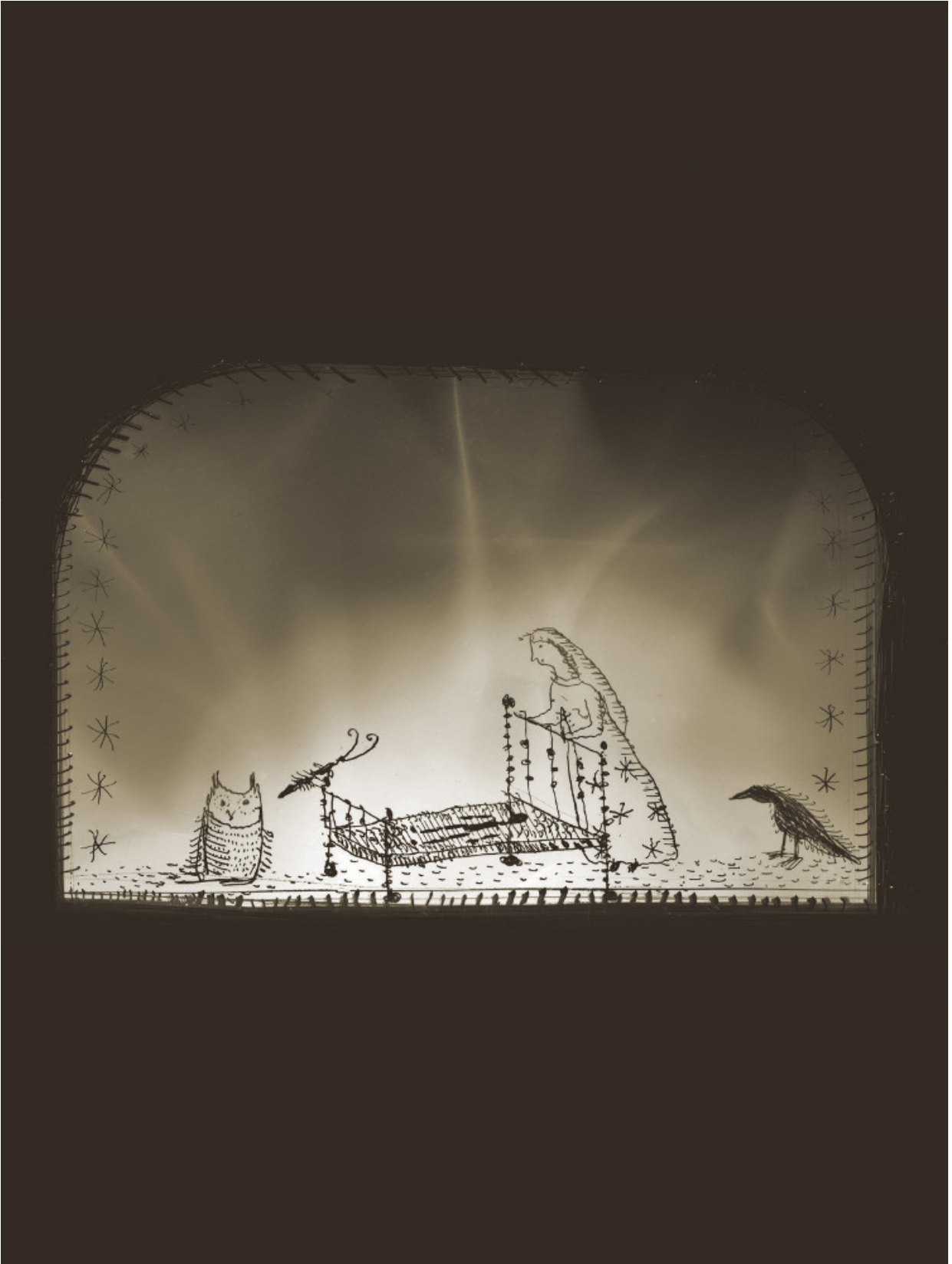
— Digo que o médico prudente, quando não sabe o que dizer, a melhor coisa que pode fazer é ficar calado. Ademais esse boneco aí não me é de fisionomia estranha: já o conheço há bom tempo!...

Pinóquio, que até então tinha permanecido imóvel como um verdadeiro pedaço de pau, teve uma espécie de tremor convulsivo, que fez a cama inteira sacudir.

— Esse boneco aí — continuou o Grilo Falante — é um malandro sabido...

Pinóquio abriu os olhos e os fechou imediatamente.

— É um moleque, um indolente, um vagabundo. — Pinóquio escondeu a cara sob os lençóis. — Esse boneco é um filho desobediente, que matará de desgosto seu pobre pai!...



A este ponto ouviu-se no quarto um som sufocado de choro e de soluços. Imaginem como ficaram todos, quando, erguendo um pouco os lençóis, perceberam que quem chorava e soluçava era Pinóquio.

– Quando o morto chora, é sinal de que está prestes a se curar
– disse solenemente o Corvo.

– Lamento contradizer meu ilustre amigo e colega – interveio a Coruja –, mas, para mim, quando o morto chora é sinal de que não lhe agrada morrer.

· CAPÍTULO XVII ·

Pinóquio come açúcar, mas
não quer tomar remédio.

Quando vê os caveiros
que vêm para levá-lo,
ai então toma.

Depois diz uma
mentira e, por castigo,
seu nariz cresce.



ASSIM QUE OS TRÊS MÉDICOS SAÍRAM DO QUARTO, A FADA se

aproximou de pinóquio e, depois de lhe tocar a testa, percebeu que se afligia por um febrão que nem se fala. então dissolveu um certo pozinho branco num copo de água e, estendendo-o ao boneco, disse carinhosamente:

— Beba isto que em poucos dias estará curado.

Pinóquio olhou para o copo, retorceu um pouco a boca e depois perguntou com voz lamurienta:

— É doce ou amargo?

— É amargo, mas lhe fará bem.

— Se é amargo, não quero.

— Confie em mim: beba.

— Não gosto de coisas amargas.

— Beba; e depois de beber vou lhe dar um torrão de açúcar para adoçar a boca.

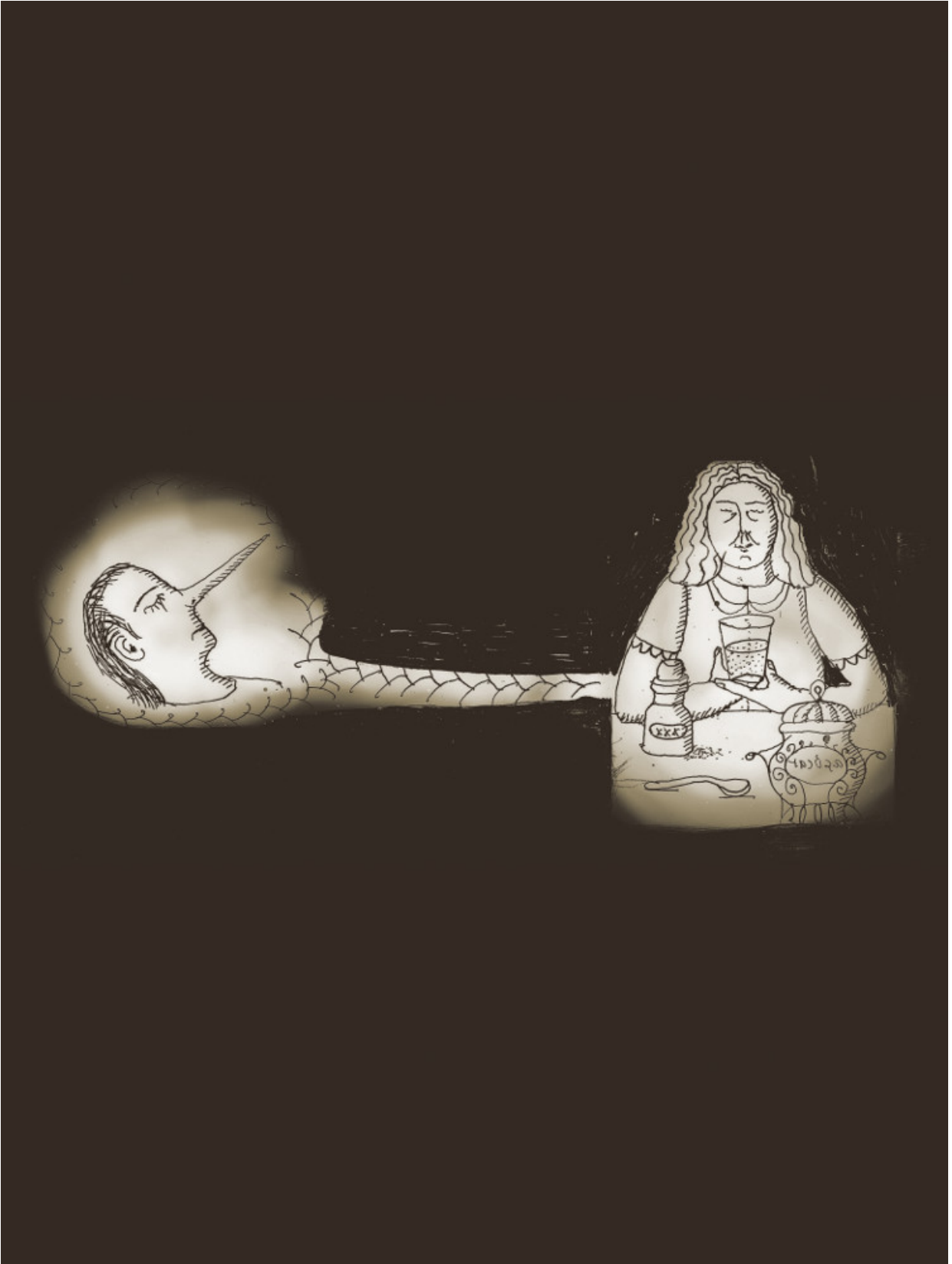
— Onde está o torrão de açúcar?

— Aqui está — disse a Fada, tirando-o de um açucareiro de ouro.

— Primeiro quero o torrão, depois é que vou beber aquela aguada amarga.

— Você promete?

— Prometo.



A Fada deu-lhe o torrão, e Pinóquio, depois de mastigá-lo e tê-lo engolido num segundo, falou lambendo os lábios:

— Que bom se o açúcar fosse remédio!... Eu me tratava todos os dias.

— Agora cumpra a sua promessa e beba estas gotinhas de água, que vão lhe recuperar a saúde.

Pinóquio apanhou de má vontade o copo e meteu a ponta do nariz lá dentro, depois levou-o à boca, tornou a meter o nariz no copo, e finalmente disse:

— É muito amargo, muito amargo! Não consigo beber.

— Como pode dizer isso, se ainda nem provou?

— Posso imaginar! Senti o cheiro. Quero antes outro torrão de açúcar... depois eu bebo. Então a Fada, com toda a paciência de uma boa mãe, deu-lhe na boca outro torrãozinho de açúcar; e lhe apresentou de novo o copo:

— Assim não posso beber — disse o boneco, fazendo mil caretas.

— Por quê?

— Porque está me incomodando aquele travesseiro que tenho embaixo dos pés.

A Fada retirou o travesseiro.

— É inútil! Nem mesmo assim posso beber.

— O que mais o está incomodando?

— A porta do quarto, que está meio aberta.

A Fada foi fechar a porta do quarto.

— Afinal — gritou Pinóquio, num ataque de choro —, não quero beber essa aguada amarga, não e não!

— Meu pequeno, você vai se arrepender.

— Não me importa.

— A sua doença é grave.

— Não me importa.

— A febre vai carregar você em poucas horas para o outro mundo.

— Pouco me importa.

— Não tem medo da morte?

— Nenhum!... Antes morrer do que beber esse horrível remédio.

A esse ponto, a porta do quarto se escancarou e por ela entraram quatro coelhos negros como tinta, trazendo nos ombros um pequeno caixão mortuário.

— Que querem de mim? — gritou Pinóquio, erguendo-se cheio de medo para sentar na cama.

— Viemos te buscar — respondeu o coelho maior.

— Buscar-me?... Mas eu ainda não morri!

— Ainda não: mas te restam poucos minutos de vida, já que te recusaste a tomar o remédio que te curaria da febre.

— Ó minha Fada, minha Fada — começou então a berrar o boneco —, dê-me logo aquele copo. Depressa, por favor, porque não quero morrer, não, não quero morrer!

E, tomando o copo com ambas as mãos, esvaziou-o de um só trago.

— Paciência! — disseram os coelhos. — Desta vez fizemos a viagem em vão. — E, pondo de novo o pequeno caixão sobre os ombros, saíram do quarto resmungando e murmurando entre dentes.

O fato é que dali a poucos minutos Pinóquio pulou da cama bom e curado; porque é preciso saber que os bonecos de madeira têm o privilégio de adoecerem raramente e de se curarem rápido.

E a Fada, vendo-o correr e brincar pelo quarto alegre e vivaz como um galetto ao primo canto, perguntou:

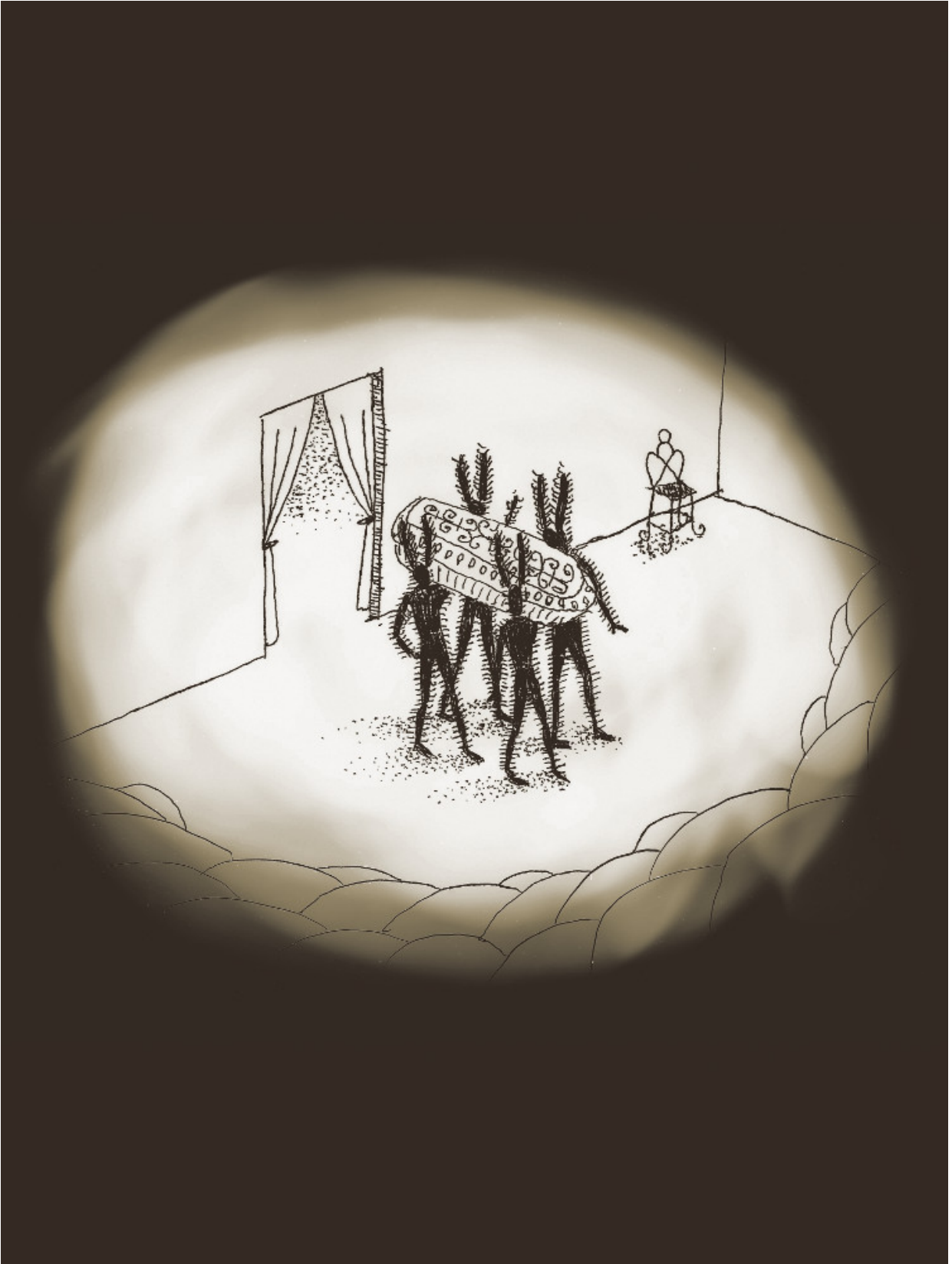
— Então meu remédio lhe fez bem de verdade?

— Mais que bem! Me fez voltar ao mundo.

— E então por que você se fez tão de difícil para tomá-lo?

— É que nós, os meninos, somos todos assim. Temos mais medo dos remédios do que dos males.

— Que vergonha! Os meninos deviam saber que um bom remédio tomado a tempo pode salvá-los de uma grave enfermidade e até mesmo da morte.



— Oh, mas da próxima vez não me farei de difícil! Vou me lembrar daqueles coelhos negros carregando o caixão nos ombros... e agarro logo o copo na mão, e zás!

— Agora venha aqui perto de mim e me conte como foi que caiu nas garras de assassinos.

— Aconteceu que o titereiro Manjafogo me deu algumas moedas de ouro e me disse: “Toma, vai levá-las a teu pai”, e eu, em vez disso, no caminho encontrei uma Raposa e um Gato, duas pessoas muito distintas, que me disseram: “Quer que estas cinco moedas se transformem em mil ou duas mil? Venha conosco e o levaremos ao Campo dos Milagres”. E eu disse: “Vamos lá”, e eles disseram: “Vamos pousar aqui na hospedaria do Camarão Vermelho, e depois da meia-noite continuamos”. Mas, quando acordei, eles já não estavam lá, tinham partido. Então comecei a caminhar de noite, numa escuridão que parecia impossível, até que encontrei na estrada dois assassinos metidos em sacos de carvão, que me disseram: “Passa fora o dinheiro”, e eu disse: “Não tenho dinheiro”, porque minhas quatro moedas de ouro estavam escondidas na boca, e um dos assassinos tentou meter-me as mãos na boca, e eu com uma dentada lhe arranquei a mão e depois a cuspi fora, mas, em vez da mão, o que eu cuspi foi uma pata de gato. E os assassinos a correr atrás de mim, e eu pernas para que te quero a toda, até que me pegaram e me amarraram pelo pescoço a uma árvore deste bosque, dizendo: “Amanhã voltaremos aqui e então você estará morto e com a boca aberta, e assim lhe tiraremos as moedas de ouro que escondeu embaixo da língua”.

— E agora, onde é que você meteu as quatro moedas? — perguntou a Fada.

— Eu perdi — respondeu Pinóquio; mas disse uma mentira, porque em vez disso havia metido as moedas no bolso.

Mal falou a mentira, seu nariz, que já era comprido, cresceu de repente uns dois dedos a mais.

- E onde as perdeu?
- No bosque aqui perto.

Com esta segunda mentira, o nariz continuou a crescer.

— Se perdeu no bosque aqui perto — disse a Fada —, vamos procurá-las e as encontraremos: pois tudo o que se perde aqui neste bosque sempre se encontra depois.

— Ah, agora me lembro bem — replicou o boneco, atrapalhando-se. — De fato não perdi as quatro moedas, mas sem querer as engoli enquanto bebia aquele remédio.

A esta terceira mentira, o nariz cresceu de maneira tão extraordinária que o pobre Pinóquio não podia sequer mexer-se para lado algum. Se virava para cá batia com o nariz na cama ou nos vidros da janela, se virava para lá batia nas paredes ou na porta do quarto, se erguia um pouco a cabeça corria o risco de furar um olho da Fada.

E a Fada olhava para ele e sorria.

— De que está rindo? — perguntou-lhe o boneco, todo confuso e preocupado com aquele nariz que crescia a olhos vivos.

— Rio das mentiras que você disse.

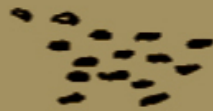
— E como sabe que eu disse mentiras?

— As mentiras, meu menino, são logo reconhecidas, pois são de duas espécies: há mentiras que têm perna curta e mentiras que têm nariz comprido. As suas pelo visto são das que têm nariz comprido.

Pinóquio, não sabendo mais onde esconder a vergonha, tentou fugir do quarto; mas não conseguiu. Seu nariz havia crescido tanto, que não passava mais pela porta.

· CAPÍTULO XVIII ·

Pinóquio volta a encontrar a Raposa e o Gato, e vai com eles semear as quatro moedas no Campo dos Milagres.



COMO PODEM IMAGINAR, A FADA DEIXOU QUE O BONECO chorasse e berrasse uma boa meia hora, por causa do nariz que não passava pela porta do quarto; e fez isto para lhe dar uma severa lição para corrigir seu vício de dizer mentiras, o mais feio vício que um menino possa ter. Mas, quando o viu transtornado e com os olhos fora das órbitas pelo grande desespero, então, comovida, bateu palmas e, a esse sinal, entraram no quarto pela janela milhares de grandes pássaros chamados Pica-Paus, que, pousando todos sobre o nariz de Pinóquio, começaram a bicá-lo tanto e tanto, que poucos minutos depois aquele nariz enorme e despropositado voltou a se reduzir ao seu tamanho natural.

— Como você é boazinha, minha Fada — disse o boneco enxugando os olhos —, e como lhe quero bem!

— Eu também lhe quero bem — respondeu a Fada —, e, se quiser permanecer aqui comigo, você vai ser meu irmãozinho e eu a sua irmãzinha.

— Gostaria de ficar... mas e o meu pobre pai?

— Pensei em tudo. Seu pai foi avisado e, antes do cair da noite, vai estar aqui.

— É mesmo? — gritou Pinóquio, pulando de alegria. — Então, minha Fada, se não se importar, queria ir ao encontro dele. Não vejo a hora de poder dar um beijo naquele pobre velho que tanto sofreu por mim.

— Pode ir, mas tome cuidado para não se perder. Vá pelo caminho do bosque e estou certa de que o encontrará.

Pinóquio partiu e, mal entrou no bosque, começou a correr como um cabrito. Mas, ao chegar a um certo ponto, quase em frente do Carvalho Gigante, parou porque achou que sentiu uma gente no meio das ramagens. De fato, viu aparecer na estrada adivinhem quem?... a Raposa e o Gato, ou seja, os dois

companheiros de viagem com quem havia jantado na hospedaria do Camarão Vermelho.

— Vejam só o nosso caro Pinóquio! — gritou a Raposa abraçando-o e beijando-o. — Como veio parar aqui?

— Como veio parar aqui? — repetiu o Gato.

— É uma longa história — disse o boneco —, e eu conto depois. Mas saibam que, naquela noite, quando me deixaram sozinho na hospedaria, acabei encontrando assassinos no caminho.

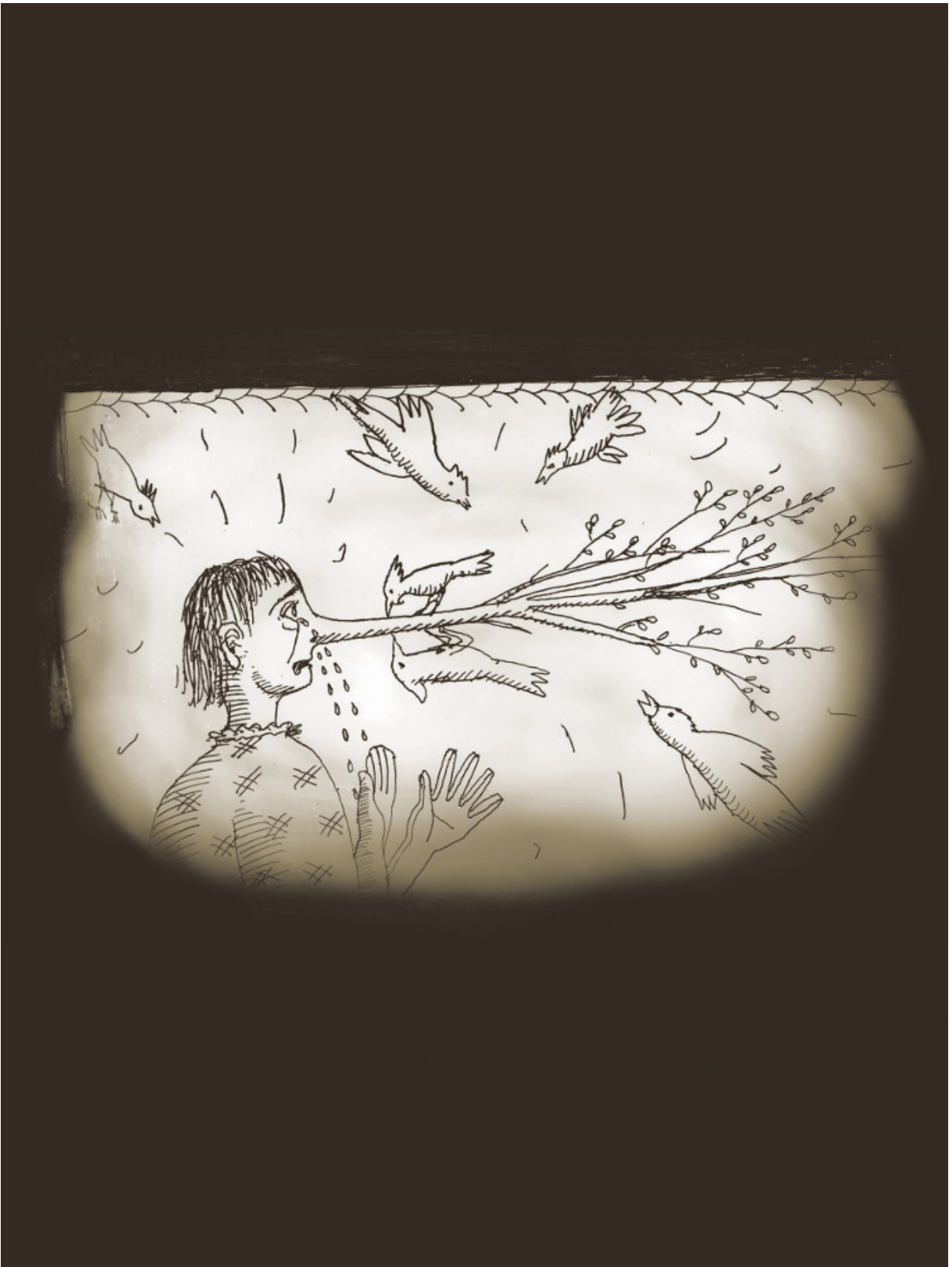
— Assassinos?... Oh, pobre amigo! E o que queriam eles?

— Queriam roubar minhas moedas de ouro.

— Infames! — disse a Raposa.

— Muito infames! — repetiu o Gato.

— Mas eu consegui escapar — continuou a dizer o boneco —, e eles atrás de mim, até que me pegaram e me enforcaram num galho daquela árvore.



E Pinóquio apontou para o Carvalho Gigante que estava a dois passos dali. — Pode haver coisa pior? — disse a Raposa. — Em que mundo estamos condenados a viver! Onde iremos encontrar um refúgio seguro, nós, os homens de bem?

Enquanto falavam assim, Pinóquio se deu conta de que o Gato estava coxo da perna direita dianteira, porque lhe faltava na verdade toda a pata com as unhas; por isso perguntou:

— Que foi que aconteceu com sua pata?

O Gato quis responder alguma coisa, mas se enrolou. Então a Raposa foi logo dizendo:

— Meu amigo é muito modesto e por isso não responde. Vou responder por ele. Saiba que há coisa de uma hora encontramos no caminho um velho lobo, quase morto de fome, que nos pediu uma esmola. Não tendo nós para lhe dar nem sequer uma espinha de peixe, que fez o meu amigo que tem de fato um coração enorme? Arrancou com os dentes uma pata de sua perna dianteira e atirou-a àquele pobre animal, para poder alimentar-se.

E a Raposa, dizendo isso, enxugou uma lágrima.

Pinóquio, também se comoveu, aproximou-se do Gato e sussurrou aos ouvidos dele:

— Se todos os gatos fossem como você, que sorte teriam os ratos.

— E que está fazendo por estas bandas? — perguntou a Raposa ao boneco.

— Espero meu pai, que deve chegar aqui a qualquer momento.

— E as suas moedas de ouro?

— Estão guardadas no bolso, menos uma que gastei na hospedaria do Camarão Vermelho.

— E pensar que em vez de quatro moedas poderiam ser mil ou duas mil amanhã! Por que não ouve o meu conselho? Por que não vai semeá-las no Campo dos Milagres?

— Hoje não é possível: vou lá outro dia qualquer.

— Outro dia será tarde — disse a Raposa.

— Por quê?

— Porque aquele campo foi comprado por um senhor importante e a partir de amanhã não será mais permitido que alguém semeie dinheiro lá.

— A que distância daqui está o Campo dos Milagres?

— Uns dois quilômetros apenas. Quer vir conosco? Em meia hora estará lá: aí você semeia logo as quatro moedas, poucos minutos depois recolhe as duas mil e hoje à noite estará com os bolsos cheios. Quer vir conosco?

Pinóquio hesitou um pouco em responder, porque lhe voltou ao pensamento a boa Fada, o velho Geppetto e as advertências do Grilo Falante; mas depois acabou fazendo como fazem todos os meninos sem um pingo de juízo e sem coração: acabou dando uma sacudidela de cabeça e disse à Raposa e ao Gato:

— Vamos lá.

E partiram. Depois de haverem caminhado por meio dia chegaram a uma cidade chamada Enganatruxas. Mal entraram na cidade, Pinóquio viu todas as ruas povoadas de cães sem pelo que ganiam de fome, ovelhinhas tosquiadas que tremiam de frio, galinhas sem crista e sem papos pedindo de esmola um grão de milho, grandes borboletas que não podiam mais voar, por terem perdido suas belíssimas asas coloridas, pavões sem cauda que tinham vergonha de se mostrar, e faisões que pisoteavam lentos, muito lentos, lamentando as cintilantes penas de ouro e de prata que agora haviam perdido para sempre.

Em meio àquela multidão de mendigos e pobres envergonhados, passavam vez por outra carruagens senhoris levando dentro alguma raposa ou uma gralha, ou alguma ave de rapina.

— E o Campo dos Milagres, onde é? — perguntou Pinóquio.

— Fica aqui a dois passos.

De fato, atravessaram a cidade e, saindo fora dos muros, pararam num campo solitário que, em tudo por tudo, era semelhante a todos os outros campos.

— Chegamos — disse a Raposa ao boneco. — Agora você se abaixa, cava um pequeno buraco na terra e põe dentro as moedas de ouro.

Pinóquio obedeceu: cavou um buraco, pôs dentro as quatro moedas de ouro que lhe haviam restado e depois recobriu o buraco com um pouco de terra.

— Agora — disse a Raposa — vai até a valeta ali em frente, pega um balde de água e rega o terreno onde você semeou.

Pinóquio foi à valeta e, como não houvesse por ali nenhum balde, tirou um dos pés do calçado e, enchendo-o de água, regou com ele a terra que cobria o buraco. Depois perguntou:

— Que mais vou fazer?

— Mais nada — respondeu a Raposa. — Agora podemos ir embora. Mas você volta daqui a uns vinte minutos e já vai encontrar um arbusto brotando do solo, com os ramos carregados de moedas.

O pobre boneco, fora de si de contentamento, agradeceu mil vezes à Raposa e ao Gato, e prometeu-lhes uma belíssima recompensa.

— Não queremos presentes — responderam os dois malandros. — Basta-nos ter-lhe ensinando um modo de enriquecer sem fazer força, e estamos contentes com isto.

Dito isso, despediram-se de Pinóquio e, desejando-lhe uma boa colheita, foram tratar de suas vidas.

· CAPÍTULO XIX ·

Pinóquio é roubado, fica
sem suas moedas de ouro e,
como castigo, ainda pega
quatro meses de prisão.



O BONECO, VOLTANDO À CIDADE, COMEÇOU A CONTAR OS minutos um a um e, quando lhe pareceu que fosse a hora, voltou logo ao caminho que levava ao campo dos milagres.

E, enquanto caminhava com passo apressado, sentia o coração bater-lhe forte, fazendo tique-taque como um relógio de parede quando funciona mais rápido. E ia pensando consigo:

“E se em vez de mil moedas encontrar nos ramos da árvore duas mil? E se em vez de duas mil encontrar cinco mil? E se em vez de cinco mil encontrar cem mil? Oh, que homem rico então me tornaria! Teria um belo palácio, mil cavalinhos de pau e mil cavaliças para brincar, uma adega de licores e ambrosias e uma estante cheia de frutas cristalizadas, tortas, panetones, amêndoas com chocolate e biscoitos com creme”.

Assim fantasiando chegou às vizinhanças do campo, e parou ali para ver se por acaso conseguia vislumbrar algum arbusto com os ramos carregados de moedas; mas nada viu: entrou no campo, foi até o pequeno buraco, onde havia enterrado as moedas, e nada. Então, começou a ficar pensativo e, esquecendo-se das regras de bom-tom e da boa educação, tirou uma das mãos do bolso e deu uma enorme coçadela na cabeça.

Naquele instante sentiu assoviar-lhe nos ouvidos uma grande risada e, olhando para cima, viu pousado numa árvore um enorme Papagaio que se catava as poucas penas que ainda tinha no corpo.

— Por que está rindo? — perguntou Pinóquio com voz emburrada.

— Porque ao me catar fiz cócegas sob as asas.

O boneco não respondeu. Foi até a valeta e, enchendo de água outra vez o calçado, pôs-se de novo a regar a terra que recobria as moedas de ouro.

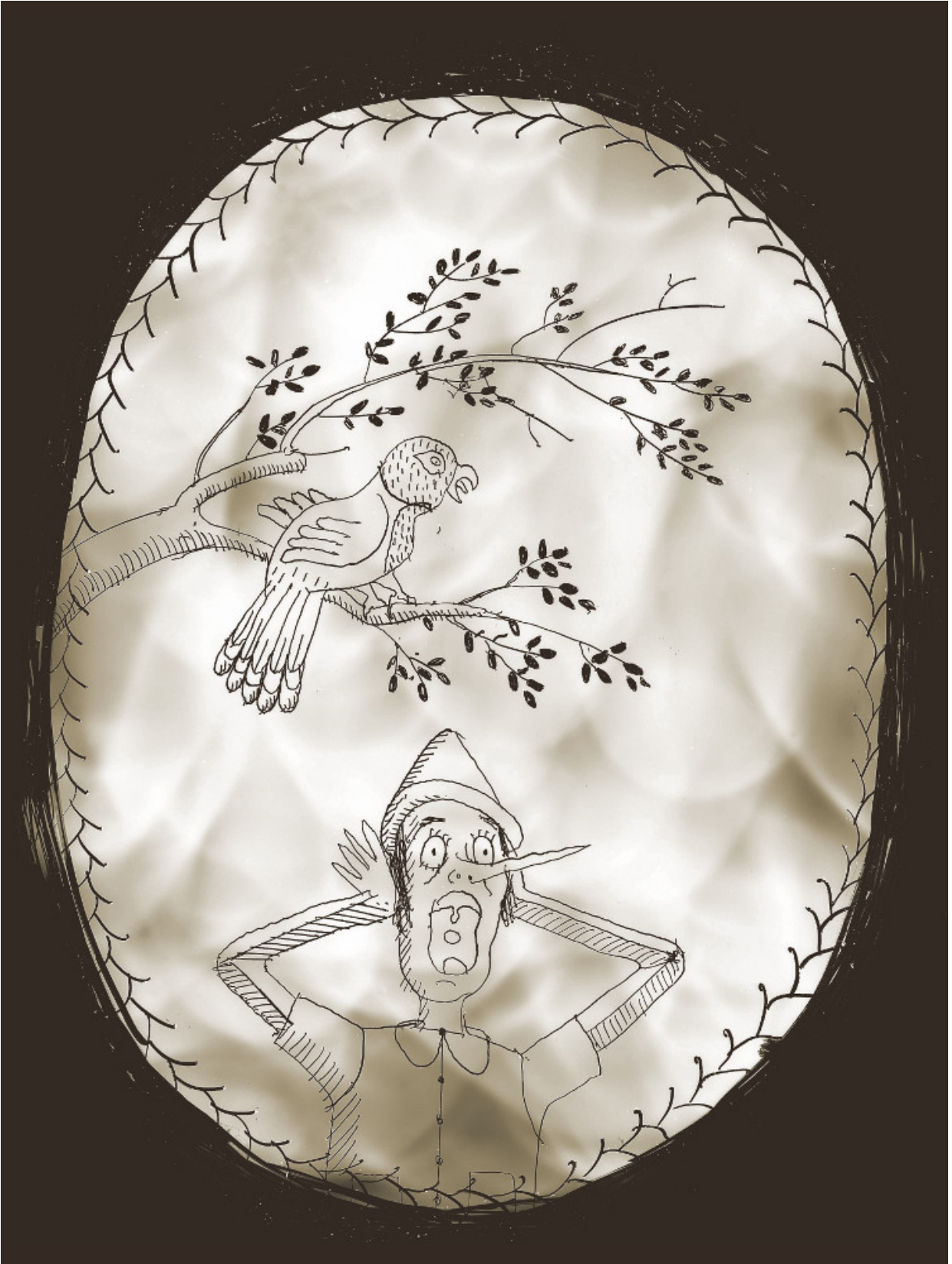
Mas não é que outra risada, ainda mais impertinente que a primeira, fez-se ouvir na solidão silenciosa daquele campo?

— Afinal — gritou Pinóquio enraivecido —, pode-se saber, Papagaio mal-educado, de que coisa está rindo?

— Rio daqueles bobocas que acreditam em todas as tolices e se deixam ludibriar por quem é mais esperto do que eles.

— Está falando de mim?

— Estou, meu pobre Pinóquio, de você, que é tão simplório a ponto de acreditar que se possa semear e colher dinheiro nos campos, como se semeia feijão ou abóbora. Eu também já caí nessa e até hoje pago caro. Agora (tarde demais!) acabei me persuadindo de que para se juntar honestamente algum dinheiro é preciso ganhá-lo ou com o trabalho das mãos ou com o engenho da mente.



— Não entendi nada — disse o boneco, que já começava a tremer de medo.

— Paciência! vou explicar melhor — continuou o Papagaio. — Fique sabendo que, enquanto você foi à cidade, a Raposa e o Gato voltaram a este campo, apanharam as moedas enterradas e se mandaram como o vento. E agora para conseguir alcançá-los vai ser dureza.

Pinóquio ficou de boca aberta e, não querendo acreditar nas palavras do Papagaio, começou a escavar com as mãos e as unhas o terreno que havia regado. E toma a escavar, a escavar, e acabou fazendo um buraco tão fundo, que nele podia bem caber um palheiro: mas as moedas não estavam mais lá.

Tomado então de desespero, voltou correndo à cidade e foi direto ao tribunal denunciar ao Juiz os dois malandrins que o haviam roubado. O Juiz era um enorme macaco da raça dos gorilas, um velho símio respeitável pela avançada idade, pela barba branca e principalmente pelos óculos de aros de ouro sem lentes, que era forçado a usar continuamente por causa de um constante lacrimejar que o atormentava há muitos anos.

Pinóquio, na presença do Juiz, contou tim-tim por tim-tim a iníqua fraude de que havia sido vítima; deu nome, sobrenome e características dos meliantes, acabando por pedir justiça.

O Juiz ouviu-o com muita benevolência, interessou-se vivamente pelo relato, enterneceu-se, comoveu-se e, quando o boneco não tinha nada mais a dizer, estendeu a mão e tocou a campainha.

Àquele toque compareceram logo dois cães mastins vestidos de guardas.

Então o Juiz, apontando para Pinóquio, disse aos guardas:

— Este pobre-diabo foi roubado em quatro moedas de ouro: peguem-no e o metam logo na prisão.

O boneco, sentindo cair-lhe de improviso esta sentença, ficou espantado e quis protestar: mas os guardas, para evitar perda de tempo, taparam sua boca e o levaram para a cadeia.

E lá ficou ele por quatro meses, quatro longuíssimos meses; e lá teria ficado ainda mais, se não tivesse ocorrido um fato auspicioso. Pois é preciso saber que o jovem Imperador que reinava naquela cidade de Enganatruxas, tendo obtido uma grande vitória sobre os seus inimigos, mandou celebrar grandes festas públicas, com luminárias, fogos de artifício, corridas de cavalos e de velocípedes e, em sinal de maior euforia, mandou abrir os cárceres e libertar todos os meliantes.



— Se os outros estão saindo da prisão, eu quero sair também — disse Pinóquio ao carcereiro.

— Você, não — respondeu o carcereiro —, porque você não é como eles.

— Peço perdão — replicou Pinóquio —, mas eu também sou meliante.

— Neste caso está com toda a razão — disse o carcereiro, e, tirando respeitosamente o boné e cumprimentando-o, abriu-lhe as portas da prisão e o deixou fugir.

· CAPÍTULO XX ·

Livre da prisão, Pinóquio
apressa-se em voltar à casa da
Fada, mas ao longo da estrada
encontra uma Serpente
horrível e depois fica preso.



IMAGINEM A ALEGRIA DE PINÓQUIO QUANDO SE VIU LIVRE. Sem cerimônia, saiu da cidade e tomou o caminho que o devia levar de volta à casinha da fada.

Por causa do tempo chuvoso, a estrada havia se transformado num pântano e se andava com a lama até o meio da canela. Mas o boneco não estava nem aí. Atormentado pela ânsia de rever o pai e a irmãzinha dos cabelos turquesa, corria aos saltos como um cão de caça e, ao correr, os respingos de lama esguichavam até seu chapuzinho. Mas lá ia ele dizendo para si mesmo:

“Quantas desgraças me ocorreram!... E bem que as mereço, pois sou um boneco cabeçudo e preguiçoso!... e quero sempre fazer as coisas do meu jeito, sem dar ouvidos àqueles que me querem bem e que têm mil vezes mais juízo do que eu!... Mas de hoje em diante faço o propósito de mudar de vida e de me tornar um menino cordato e dócil. Tanto que agora estou consciente de que os meninos, por serem desobedientes, acabam sempre perdendo e não conseguem nada em seu proveito... E meu pai, estará me esperando? Irei encontrá-lo na casa da Fada? Já faz tanto tempo que não o vejo, pobre coitado, que morro de vontade de lhe fazer mil carinhos e de cobri-lo de beijos... E a Fada, vai me perdoar pelo papelão que fiz?... E pensar que dela recebi tantas atenções e tantos cuidados carinhosos... e pensar que, se hoje ainda estou vivo, devo isto a ela! Será que pode haver um menino mais ingrato e sem entranhas do que eu?...”.

Enquanto dizia isso, de repente estancou apavorado, dando quatro passos para trás.

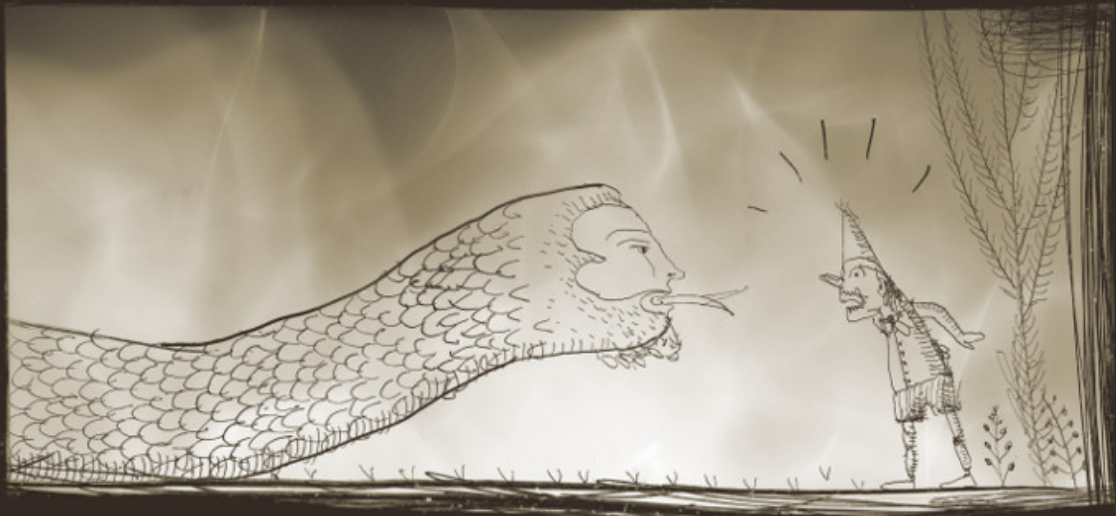
Que tinha visto?...

Tinha visto uma enorme Serpente atravessada na estrada, cuja pele era verde, os olhos de fogo e a cauda afilada soltava fumaça como uma chaminé. Impossível imaginar o medo do boneco, que, afastando-se mais de meio quilômetro, acabou sentando-se num

montinho de pedras, à espera de que a Serpente fosse tratar de sua vida e deixasse livre a passagem da estrada. Esperou uma hora, duas horas, três horas; mas a Serpente não saía dali, e mesmo de longe via-se a vermelhidão de seus olhos de fogo e a nuvem de fumaça que saía da ponta de sua cauda.

Então Pinóquio, querendo mostrar-se corajoso, aproximou-se a poucos passos de distância e, fazendo uma vozinha doce, insinuante e sutil, disse à Serpente:

— Desculpe, senhora Serpente, mas me faria o favor de chegar um bocadinho para um lado, só para eu poder passar?



Foi o mesmo que falar com as paredes. Ninguém se arredou.

Então, repetiu com o mesmo tom de voz:

— Fique sabendo, senhora Serpente, que estou voltando para casa, onde me espera meu pai que eu não vejo há muito tempo... Podia ter a bondade de me deixar seguir o meu caminho?

Esperou um sinal de resposta à sua pergunta, mas a resposta não veio: mesmo a Serpente, que até então parecia gaiata e cheia de vida, tornou-se imóvel e quase rígida. Os olhos se fecharam e a cauda parou de soltar fumaça.

— Será que morreu mesmo?... — disse Pinóquio, dando uma esfregadela de mãos de tão contente; e sem cerimônia fez menção de passar por cima dela para chegar ao outro lado da estrada. Mas, não tinha nem bem terminado de erguer a perna, quando a Serpente saltou de repente como uma mola que dispara, e o boneco, recuando apavorado, escorregou e caiu no chão.

E não é que caiu tão mal que ficou com a cabeça enfiada na lama da estrada e com as pernas esticadas no ar?!

À vista do boneco que esperneava numa velocidade incrível com a cabeça enterrada no chão, a Serpente foi presa de um ataque de riso, e ria, ria, ria, até que por fim, pelo esforço de tanto rir, arrebentou-lhe uma veia do peito, e desta vez ela morreu de verdade.

Então Pinóquio recomeçou a correr para chegar à casa da Fada antes que ficasse escuro. Mas, ao longo da estrada, não podendo mais aguentar as terríveis alfinetadas da fome, saltou num terreno com o intuito de colher alguns cachos de uva moscatel. Antes não o tivesse feito!

Mal chegou embaixo da videira, crac... sentiu-se agarrado nas pernas por dois ferros cortantes que o fizeram ver quantas estrelas há no céu.

O pobre boneco tinha ficado preso numa armadilha que algum lavrador pusera ali para apanhar uma grande fuinha que dava cabo

de todos os galinheiros da região.

· CAPÍTULO XXI ·

Pinóquio é apanhado por
um lavrador que o obriga
a servir de cão de guarda
de um galinheiro.



PINÓQUIO, COMO PODEM IMAGINAR, COMEÇOU A CHORAR, a berrar, a implorar: mas eram prantos e gritos inúteis, porque ali em redor não se viam casas, e pela estrada não passava viva alma.

Enquanto isso, caiu a noite.

Um pouco por causa da aflição da armadilha que lhe serrava os cambitos, e pelo pavor de se encontrar sozinho no meio da escuridão daqueles campos, o boneco estava a ponto de desmaiar, quando, de repente, vendo passar um Pirilampo acima de sua cabeça, chamou-o e disse:

— Ó Pirilampo, pode me fazer a caridade de me livrar deste suplício?

— Pobre filho! — replicou o Pirilampo, parando compadecido para vê-lo. — Como é que você foi ficar com as pernas agrilhoadas por esses ferros afiados?

— Entrei no terreno para colher dois cachos de uva moscatel e...

— Mas a uva era sua?

— Não...

— E então quem lhe ensinou a levar o que é dos outros?

— Estava com fome...

— A fome, meu menino, não é uma boa razão para se poder apropriar das coisas que não são nossas.

— É verdade, é verdade! — gritou Pinóquio chorando. — Mas não farei isto outra vez.

Neste ponto, o diálogo foi interrompido por um levíssimo rumor de passos que se avizinhavam. Era o dono do terreno que vinha nas pontas dos pés ver se alguma fuinha, que na calada da noite andava comendo as suas galinhas, tinha ficado presa na mandíbula da armadilha.

E sua admiração foi imensa quando, tirando a lanterna de baixo do capote, percebeu que, em vez de uma fuinha, o que ficara preso era um menino.

— Ah, ladrãozinho! — disse o lavrador enfurecido. — Então é você que me leva as galinhas?

— Eu não, eu não! — gritou Pinóquio soluçando. — Entrei no terreno apenas para apanhar dois cachos de uva.

— Quem rouba uva é bem capaz de roubar galinhas também. Deixa estar que lhe darei uma lição de que você vai se lembrar por um bom tempo.

E, abrindo a armadilha, agarrou o boneco pelo cangote e o levou suspenso até a casa, como se carregasse um cordeirinho desmamado.

Ao chegar ao terreiro em frente à casa, arremessou-o ao chão e, metendo-lhe um pé no pescoço, disse:

— Agora já é tarde e quero ir para a cama. Amanhã acertaremos as contas. Mas, como hoje morreu o cão que me montava guarda durante a noite, você agora vai ficar no lugar dele. Vai ser meu cão de guarda.

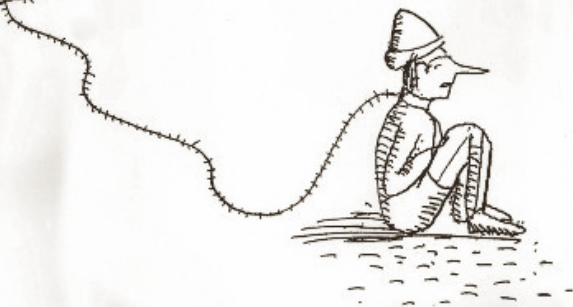
Dito isso, enfiou-lhe no pescoço uma grossa coleira toda coberta de cravos de latão e a apertou de modo a que ele não pudesse tirá-la pela cabeça. À coleira estava presa uma longa corrente de ferro, e a corrente estava fixada à parede.

— Se esta noite começar a chover — disse o lavrador —, você pode se abrigar naquela casinhola de madeira, onde sempre há palha, que serviu de cama por quatro anos ao pobre cão. E, se por azar vierem os ladrões, lembre-se de estar sempre de orelhas em pé e de latir.

Depois dessa última advertência, o camponês entrou em casa fechando a porta com muitos cadeados, e o pobre Pinóquio permaneceu agachado no terreiro, mais morto do que vivo por causa do frio, da fome e do medo. E, de quando em quando, metendo raivosamente as mãos por dentro da coleira que lhe apertava o pescoço, dizia chorando:

— Bem feito! Ora, muito bem feito! Quis bancar o indolente, o vagabundo; quis dar trela às más companhias, e por causa disso a

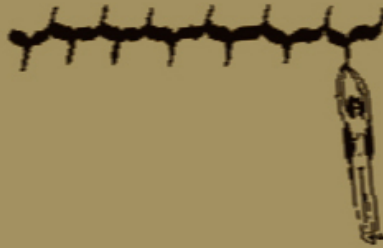
má sorte sempre me persegue. Se me comportasse como um menino de bem como há tantos por aí, se tivesse vontade de estudar e de trabalhar, se tivesse ficado em casa com meu pobre paizinho, numa hora destas não me encontraria aqui, no meio do mato, a bancar o cão de guarda da casa de um camponês. Ah, se eu pudesse nascer de novo!... Mas agora é tarde, e é preciso paciência.



Feito esse pequeno desabafo que veio bem de dentro do coração, entrou na casinhola e adormeceu.

· CAPÍTULO XXII ·

Pinóquio descobre os
ladrões e, em recompensa
por ter sido fiel,
é posto em liberdade.



JÁ HAVIA DUAS HORAS QUE DORMIA TRANQUILAMENTE, quando por volta da meia-noite foi despertado por um sussurro e um cicio de vozinhas estranhas que lhe pareceram vir do terreiro. Pôs de fora a ponta do nariz pela portinhola da casinha e viu reunidos em conselho quatro bichos de pelagem escura, que pareciam gatos. Mas não eram gatos: eram fuinhas, animaizinhos carnívoros, muito gulosos, grandes apreciadores de ovos e de franguinhos. Uma dessas fuinhas, destacando-se das companheiras, chegou até a boca da casinhola e disse à meia-voz:

— Boa noite, Mendazo.

— Eu não me chamo Mendazo — respondeu o boneco.

— Então quem é você?

— Eu sou Pinóquio.

— E que está fazendo aí?

— Estou de cão de guarda.

— E o Mendazo, onde está? Onde está o velho cão que morava nessa casinha?

— Morreu esta manhã.

— Morreu? Pobre animal! Era tão bom... Mas, a julgar por sua fisionomia, você também me parece um cão de respeito.

— Peço desculpas, mas não sou um cão!

— O que é?

— Sou um boneco.

— E está de cão de guarda?

— Infelizmente: para meu castigo!...

— Pois bem, eu lhe proponho o mesmo pacto que tínhamos com o finado Mendazo, que é bom para você.

— E que pacto é esse? — Nós viremos uma vez por semana, como no passado, para visitar de noite o galinheiro, e levaremos conosco oito galinhas. Destas galinhas, comeremos sete e lhe

daremos uma, com a condição, bem entendido, de que você finja dormir e não se meta nunca a latir e acordar o dono.

— E Mendazo fazia isso? — perguntou Pinóquio. — Fazia, e entre nós sempre houve entendimento. Então durma tranquilamente e esteja seguro de que, antes de partirmos, lhe deixaremos uma galinha em cima da casinhola, já depenada e pronta para a sua refeição de amanhã. Estamos entendidos? — Até bem de mais! — respondeu Pinóquio, e balançou a cabeça de modo um tanto ameaçador, como se quisesse dizer: “Daqui a pouco vocês vão ver!”.

Quando as quatro fuinhas se acharam seguras da situação, correram às pressas para o galinheiro que ficava bem pertinho da casinha do cão e, abrindo com a fúria dos dentes e das unhas a portinhola de madeira que fechava a entrada, deslizaram para dentro uma após outra. Mas não haviam acabado de entrar, quando sentiram a portinhola fechar-se contra elas com grande violência.



Quem a havia fechado era Pinóquio, que, não contente em tê-la fechado, pôs em frente, para maior segurança, como uma grande pedra à maneira de escora. Depois começou a latir e, latindo como se fosse mesmo um cão de guarda, fazia com a voz: au-au-au.

Àqueles latidos, o lavrador pulou da cama e, apanhando a espingarda, chegou-se à janela e perguntou:

- Que foi que houve?
- São os ladrões! – respondeu Pinóquio.
- Onde estão?
- No galinheiro.
- Já vou descer.

E de fato, em menos de um piscar de olho, o lavrador desceu, entrou correndo no galinheiro e, depois de ter apanhado e metido num saco as quatro fuinhas, disse com um tom de verdadeira satisfação:

– Finalmente caíram em minhas mãos! Poderia maltratá-las, mas não sou tão mau assim. Vou me contentar em levar vocês amanhã ao taberneiro da cidade, que vai lhes arrancar o pelo e cozinhá-las como lebres ao molho agridoce. É uma honra que vocês não merecem, mas homens generosos como eu não ligam para essas ninharias.

A seguir, aproximando-se de Pinóquio, começou a lhe fazer muitos carinhos e, entre outras coisas, perguntou:

– Como foi que você conseguiu descobrir a tramoia dessas quatro larápias? E dizer que Mendazo, meu fiel Mendazo, nunca suspeitou de nada!

O boneco bem que podia ter contado o que sabia: ou seja, poderia contar os pactos vergonhosos que se passavam entre o cão e as fuinhas; mas, lembrando-se de que o cão estava morto, pensou logo consigo: “De que serve acusar os mortos? Os mortos estão mortos e a melhor coisa que se pode fazer é deixá-los em paz”.

— Quando as fuinhas chegaram ao terreiro, você estava desperto ou dormindo? — continuou perguntando-lhe o lavrador.

— Dormindo — respondeu Pinóquio —, mas as fuinhas me despertaram com sua tagarelagem, e uma veio até a minha casinhola, dizendo: “Se promete não latir nem despertar seu patrão, nós lhe daremos uma bela franga depenada!...”. Está entendendo, hein? Terem o descaramento de me fazer semelhante proposta! Porque é preciso saber que eu sou um boneco que posso ter todos os defeitos do mundo, menos este de ser cúmplice de gente desonesta!

— Muito bem, menino! — gritou o lavrador, batendo-lhe no ombro. — Estes sentimentos lhe dão nobreza e, para provar minha grande satisfação, vou deixar você livre para que possa voltar a casa.

E lhe tirou a coleira de cão.

· CAPÍTULO XXIII ·

Pinóquio chora a morte da
bela Menina dos Cabelos Turquesa,
depois encontra um pombo
que o leva à beira-mar e se atira
nas águas para ir ao auxílio
de seu pai Geppetto.



ASSIM QUE PINÓQUIO NÃO SENTIU MAIS O PESO DURÍSSIMO e humilhante da coleira em volta do pescoço, pôs-se a evadir pelos campos sem parar um minuto até alcançar a estrada mestra que o devia levar de volta à casinha da Fada.

Ao chegar à estrada mestra, contemplou a planície que lhe estava abaixo, e deu para ver claramente a olho nu o bosque em que, desgraçadamente, havia encontrado a Raposa e o Gato; viu, em meio às árvores, erguer-se o topo do Carvalho Gigante, em que esteve a balançar amarrado pelo pescoço; mas, olha daqui, olha dali, e nada de ver a pequena casa da bela Menina dos Cabelos Turquesa. Teve então uma espécie de triste pressentimento e, pondo-se a correr com todas as forças que lhe restavam nas pernas, em poucos minutos alcançou o prado em que, antes, se erguia a casinha branca. Mas a casinha branca não estava mais ali. Em seu lugar havia uma pequena laje de mármore, na qual se liam em grandes caracteres estas dolorosas palavras:

**AQUI JAZ
A MENINA DOS CABELOS TURQUESA,
MORTA DE DOR
POR TER SIDO ABANDONADA
POR SEU IRMÃOZINHO PINÓQUIO.**

Como ficou o boneco quando conseguiu soletrar aquelas palavras é algo que deixo para vocês imaginarem. Caiu de bruços ao chão e, cobrindo de mil beijos a lápide mortuária, teve um grande acesso de pranto. Chorou a noite inteira e, na manhã seguinte, ao raiar do dia, ainda chorava, embora em seus olhos não houvesse mais

lágrimas; seus gritos e lamentos eram tão lancinantes e agudos, que as colinas em torno os repetiam em eco. E chorando dizia:

— Ó Fadinha querida, por que você morreu?... por que, em seu lugar, não morri eu, que sou tão mau, enquanto você é tão boa?... E meu paizinho, onde é que está? Ó minha Fadinha, diga-me onde posso encontrá-lo, pois quero ficar sempre com ele e não abandoná-lo nunca mais!... Nunca mais! Nunca mais!... Ó minha Fadinha, diga que não é verdade que você morreu! Se de fato me quer bem, se quer bem ao seu irmãozinho, renasça, torne a viver como antes!... Não vai ficar triste de me ver sozinho e abandonado por todos?... Se os assassinos voltarem, vão me amarrar outra vez naquele galho de árvore, e então vou morrer para sempre. Que quer que eu faça sozinho aqui neste mundo? Agora que perdi você e perdi meu pai, quem me dará de comer? onde irei dormir à noite? quem fará para mim uma roupinha nova? Oh! seria melhor, cem vezes melhor, que eu também tivesse morrido! Sim, eu quero morrer!... ai! ai! ai!...



Enquanto se desesperava desse modo, fez menção de arrancar os cabelos; mas seus cabelos, sendo de madeira, não podiam dar nem mesmo o gosto de enfiar-lhes os dedos.

Nesse momento passou pelo ar um grande Pombo, pairando com as asas abertas, e lhe gritou de grande altura:

— Ó menino, diga-me, o que está fazendo aí?

— Não vê? Estou chorando! — disse Pinóquio levantando a cabeça na direção daquela voz e esfregando os olhos com a manga da jaqueta.

— Então me diga — continuou o Pombo —, não conhece, por acaso, entre os seus amiguinhos, um boneco que se chama Pinóquio?

— Pinóquio?... Você disse Pinóquio? — repetiu o boneco, ficando logo de pé. — Pinóquio sou eu! O Pombo, a essa resposta, mergulhou velozmente e veio pousar em terra. Era maior que um peru.

— Então conhece também Geppetto — perguntou ao boneco.

— Se conheço! é meu pobre pai! Acaso ele falou sobre mim? pode levar-me a ele? e ainda está vivo? Responde, por favor: continua vivo?

— Deixei-o há três dias à beira do mar.

— Que estava fazendo lá?

— Estava construindo um barquinho para atravessar o oceano. Há mais de quatro meses que o pobre coitado anda por este mundo à sua procura e, não conseguindo encontrá-lo, meteu na cabeça que devia procurá-lo nos países longínquos do Novo Mundo.

— Que distância é daqui à praia? — perguntou Pinóquio com inquieta ansiedade.

— Mais de mil quilômetros. — Mil quilômetros? Ó meu belo Pombo, ah, quem me dera ter as suas asas!

— Se quiser vir comigo, eu o levo lá.

— Como?

— A cavalo na minha garupa. Você é muito pesado?

— Pesado? Ao contrário. Sou leve como uma folha.

E ali, sem perda de tempo, Pinóquio saltou na garupa do Pombo e, colocando uma perna para cá e outra para lá como fazem os jóqueis, gritou todo contente:

— Galopa, galopa, cavalinho, que estou com pressa de chegar!

O Pombo alçou voo e em poucos minutos atingiu tal altura que quase roçava nas nuvens. Chegando àquela altura extraordinária, o boneco teve a curiosidade de olhar para baixo: e foi tomado de tal medo e por tantas tonteiras que, para evitar o perigo de se despencar, enroscou-se, com os braços apertados o mais possível, ao pescoço de sua emplumada cavalgadura.



Voaram o dia inteiro. Ao cair da tarde, o Pombo disse:

— Estou com muita sede.

— E eu, com muita fome — acrescentou Pinóquio.

— Vamos parar naquele pombal por uns minutos; depois recomeçamos a viagem para chegarmos amanhã de madrugada à praia.

Entraram num pombal deserto, onde havia apenas uma bacia cheia de água e um cesto carregado de favas. O boneco, a vida inteira, jamais conseguira suportar favas: segundo ele, causavam-lhe náuseas, reviravam-lhe o estômago; mas, naquela noite, comeu-as à tripa forra e, quando estava quase acabando, voltou-se para o Pombo e disse: — Nunca pensei que as favas fossem tão boas.

— Você precisa aprender, meu rapaz — replicou o Pombo —, que, quando a fome fala mais alto e não temos mais nada para comer, até as favas ficam saborosas. A fome não conhece paladares nem manjares.

Depois de feita uma boquinha às pressas, retomaram viagem, e zás! Na manhã seguinte estavam chegando ao mar.

O Pombo depositou Pinóquio em terra e, não querendo sentir o constrangimento de se ver agradecido por ter feito uma boa ação, retomou logo o voo e desapareceu.

A praia estava cheia de gente que gritava e gesticulava olhando em direção ao mar.

— Que foi que aconteceu? — perguntou Pinóquio a uma velhinha.

— Aconteceu que um pobre pai, tendo perdido o filho, quis entrar num barquinho para ir procurá-lo além-mar; e o mar hoje está muito agitado e o barquinho está prestes a ir ao fundo.

— Onde está o barquinho?

— Bem lá longe, na direção do meu dedo — disse a velha, apontando um pequeno barco que, visto àquela distância, parecia

uma casca de noz tendo lá dentro um homenzinho muito pequenino.

Pinóquio dirigiu os olhos para aquela parte e, depois de ter olhado atentamente, soltou um berro agudíssimo, gritando:

— É o meu pai! é o meu pai!

Enquanto isso, o barquinho, castigado pelo furor das ondas, ora desaparecia sob os imensos vagalhões, ora voltava a flutuar; e Pinóquio, erguendo-se na ponta de um alto rochedo, não se cansava de chamar o pai pelo nome e de lhe fazer sinais com as mãos, com o lenço e até com o chapeuzinho que tinha na cabeça.

E parece que Geppetto, embora estivesse muito distante da praia, reconheceu o filho, porque levantou a boina e acenou para ele, à fúria de gestos fazendo-o entender que teria voltado de boa vontade à praia se o mar não estivesse tão furioso a ponto de lhe impedir o uso do remo para se aproximar da terra.

De repente elevou-se um vagalhão imenso, e o barco desapareceu. Esperaram que voltasse à tona, mas não viram mais o barco voltar. — Pobre homem! — disseram então os pescadores que estavam reunidos na praia; e, murmurando em voz baixa uma oração, foram voltando para as suas casas.

Foi então que ouviram um grito desesperado e, virando-se para trás, avistaram um rapazinho que, de cima de um rochedo, atirara-se ao mar gritando:

— Quero salvar meu pai!

Pinóquio, sendo de madeira, boiava facilmente e nadava como um peixe. Ora o viam desaparecer embaixo da água, levado pelo ímpeto das vagas, ora reaparecia à tona com uma perna ou um braço, a uma imensa distância da terra. Por fim perderam-no de vista e não o viram mais.

— Pobre menino! — disseram então os pescadores que estavam reunidos na praia; e, murmurando em voz baixa uma prece, voltaram para as suas casas.

· CAPÍTULO XXIV ·

*Pinóquio chega à ilha
das Abelhas Operárias
e reencontra a Fada.*



PINÓQUIO, ANIMADO PELA ESPERANÇA DE CHEGAR A TEMPO de ajudar o pobre pai, nadou a noite inteira.

E que noitada horrível foi aquela! Teve dilúvio, granizo, trovões, tudo de maneira espantosa, e houve até certos relâmpagos que faziam parecer dia. Ao chegar de manhã, aconteceu-lhe ver não muito distante uma longa faixa de terra. Era uma ilha em meio ao mar. Então fez todos os esforços para chegar àquela praia, inutilmente. As sucessivas ondas se atropelavam umas às outras e o reviravam entre elas como se fosse um graveto ou um fiapo de palha. Por fim, e por sorte, veio uma vaga tão potente e impetuosa que o arremessou com força para a areia da praia.

O golpe foi tão forte que, ao bater em terra, estalaram-lhe todas as costelas e articulações; mas consolou-se logo dizendo:

— Ainda bem que mais uma vez eu escapei!

Neste meio-tempo o céu aos poucos se acalmou, o sol surgiu em todo esplendor e o mar se fez calmo e liso como se fosse de óleo.

Então o boneco estendeu suas vestes ao sol para secá-las e se pôs a olhar para um lado e para o outro no caso de poder vislumbrar naquela imensa planura aquática algum barquinho que tivesse um homenzinho dentro. Mas, depois de muito bem olhar, não viu nada à sua frente senão o céu, o mar e alguma vela de navio, mas tão longe, tão longe que parecia uma mosca. — Se eu pelo menos soubesse como se chama esta ilha! — ficou dizendo. — Se soubesse ao menos se esta ilha é habitada por pessoas gentis, quero dizer, por gente que não tenha o hábito de amarrar os meninos nos ramos das árvores! Mas a quem é que eu poderia perguntar? A quem, se aqui não há ninguém?

A ideia de se encontrar sozinho, completamente sozinho, em meio de uma vasta região desabitada, trouxe-lhe tanta melancolia, que chegou quase a chorar; mas de repente viu passar, a pouca

distância da margem, um peixe muito grande, que nadava tranquilamente à vontade, com a cabeça inteira fora da água.

Não sabendo como chamá-lo pelo nome, o boneco gritou a plenos pulmões, para se fazer ouvir:

— Ei, senhor peixe, podia me fazer a gentileza de uma palavrinha?

— Até duas — respondeu o peixe, que era no caso um Golfinho tão garboso como se encontram poucos em todos os mares do mundo.



— Poderia fazer-me o favor de dizer se nesta ilha há lugares onde se possa comer sem o perigo de ser comido?

— Certamente que há — respondeu o Golfinho. — É possível até mesmo encontrar um não muito longe daqui.

— E que caminho se toma para ir até lá?

— Deve-se tomar aquela estradinha à esquerda, e seguir sempre em frente. Não há como errar.

— Diga-me outra coisa. O senhor que passeia o dia inteiro e a noite toda pelo mar, não teria por acaso encontrado um barquinho com meu paizinho dentro?

— E quem é o seu pai?

— É o pai melhor do mundo, assim como sou o filho pior que pode haver.

— Com o temporal que fez esta noite — respondeu o Golfinho —, o barquinho terá ido ao fundo.

— E meu pai?

— Nesta altura já terá sido engolido pelo terrível Peixe-Cão, que há alguns dias veio espalhar o extermínio e a desolação em nossas águas.

— É muito grande esse Peixe-Cão? — perguntou Pinóquio, que já começava a tremer de medo. — Se é grande!... — replicou o Golfinho. — Para você fazer uma ideia, vou lhe dizer que ele é maior do que um casarão de cinco andares e tem uma bocarra tão grande e profunda, que por ela passaria facilmente um trem de ferro com a locomotiva fumegando.

— Santa mãe! — gritou espavorido o boneco; e, manifestando uma pressa súbita, voltou-se para o Golfinho e disse: — Adeus, senhor peixe: desculpe o incômodo e muitíssimo obrigado por sua gentileza. Dito isto, tomou logo a estradinha e começou a caminhar com um passo ligeiro: tão ligeiro que parecia quase correr. A cada leve rumor que ouvia, voltava-se rápido para trás, com medo de estar sendo seguido pelo terrível Peixe-Cão, do

tamanho de uma casa de cinco andares e com um trem de ferro entalado na garganta.

Depois de meia hora de estrada, chegou a um vilarejo chamado Terra das Abelhas Operárias. As ruas formigavam de pessoas que corriam de um lado para o outro em suas atividades: todos trabalhavam, todos tinham alguma coisa para fazer. Não se encontrava nenhum ocioso ou vagabundo, mesmo se procurando com uma vela.

— Já vi tudo — disse o preguiçoso Pinóquio —, este lugar não foi feito para mim. Não nasci para trabalhar.

Nesse meio-tempo a fome passou a atormentá-lo, porque já se haviam passado vinte e quatro horas que não comia nada, nem mesmo uma baga de favas.

Que fazer?

Só restavam duas maneiras de arranjar comida: ou conseguir um trabalho qualquer ou pedir um trocado de esmola ou um pedaço de pão.

Pedir esmola o envergonhava, porque o pai lhe havia ensinado sempre que só os velhos e os enfermos têm o direito de pedir. Os verdadeiros pobres deste mundo, merecedores de assistência e compaixão, são apenas aqueles que, por causa da idade ou de doença, estão condenados a não poder mais ganhar o alimento com o trabalho das próprias mãos. Todos os demais têm a obrigação de trabalhar; e, se não trabalham e padecem de fome, tanto pior para eles.

Nesse entretempo, passou pelo caminho um homem todo suado e ofegante que, sozinho, puxava com grande esforço duas carroças carregadas de carvão. Pinóquio, julgando pela fisionomia tratar-se de um bom homem, aproximou-se dele e, baixando os olhos de vergonha, disse em surdina:

— Faria a caridade de me dar uma moedinha, pois me sinto morrer de fome?

— Não só uma — respondeu o carvoeiro —, mas lhe darei quatro, com a condição de me ajudar a levar até a casa estas duas carroças de carvão.

— Ora, essa! — respondeu o boneco quase ofegante. — Para seu governo, nunca fui burro de carga: nunca puxei uma carroça!

— Melhor para você — respondeu o carvoeiro. — Então, meu rapaz, se você se sente de fato morrendo de fome, coma duas belas fatias de sua soberba, e cuidado para não sofrer indigestão.

Poucos minutos depois passou pelo caminho um pedreiro que trazia às costas um balde de argamassa.

— Faria, meu caro senhor, a caridade de dar uma moedinha a um pobre rapaz que padece de fome?

— Com muito gosto. Venha me ajudar a carregar esta argamassa — respondeu o pedreiro —, que em vez de uma lhe darei cinco moedinhas.

— Mas essa argamassa é pesada — replicou Pinóquio —, e eu não quero trabalhar duro.

— Se não quer trabalhar duro, então, meu rapaz, divirta-se a padecer de fome, e que bom proveito lhe faça.

Em menos de meia hora passaram outras vinte pessoas e a todas elas Pinóquio pedia uma esmolinha, mas todas lhe respondiam:

— Não tem vergonha? Em vez de bancar o mendigo pela rua, vá antes procurar trabalho, e aprenda a ganhar seu pão.

Finalmente passou uma boa moça que carregava duas bilhas de água. — Permite, boa senhora, que eu beba um gole da água de sua bilha? — disse Pinóquio, que ardia de sede.

— Pode beber, meu rapaz — disse a moça descansando as duas bilhas no chão.

Depois que Pinóquio bebeu como uma esponja, murmurou à meia-voz, enxugando a boca:

— Consegui matar a sede. Ah, se pudesse também matar a fome.

A boa moça, ouvindo aquelas palavras, logo acrescentou:

— Se você me ajudar a levar para casa estas duas bilhas de água, eu lhe darei um bom pedaço de pão. Pinóquio olhou para a bilha e não respondeu nem sim nem não.

— E junto com o pão lhe darei um belo prato de couve-flor, regada com óleo e azeite — acrescentou a boa moça.

Pinóquio deu outra olhada na bilha, e não respondeu nem sim nem não.

— E depois da comida lhe darei um belo confeito recheado de licor.

À sedução dessa última guloseima, Pinóquio não soube mais resistir e, mostrando um ânimo resolutivo, disse:

— Pois seja! Vou levar a bilha até a sua casa.

A bilha era muito pesada, e o boneco, não tendo forças para levá-la nas mãos, conformou-se em carregá-la na cabeça.

Chegando à casa, a boa moça fez Pinóquio sentar-se a uma mesinha que estava posta e colocou à sua frente o pão, a couve-flor temperada e o confeito. Pinóquio não comeu; devorou. Seu estômago parecia um casarão vazio e desabitado há cinco meses.

Depois de acalmar um pouco as mordidas furiosas da fome, então levantou a cabeça para agradecer a sua benfeitora; mas não acabara ainda de lhe fixar o rosto e deixou escapar um longuíssimo ooh!... de assombro, e lá ficou maravilhado, com os olhos arregalados, o garfo erguido no ar e a boca cheia de pão e couve-flor.

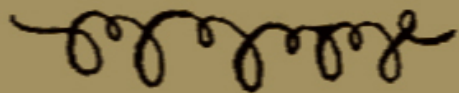
— E por que todo este espanto? — perguntou a boa moça rindo.

— A senhora não é... — respondeu balbuciando Pinóquio —, não é... é... a senhora se parece... me faz lembrar muito... ah, é, é, a mesma voz... os mesmos olhos... os mesmos cabelos... é, é, é... e também tem cabelos turquesa... iguais aos dela!... Ó minha Fadinha, Fadinha minha!... diga-me que é você, que é mesmo você! Não me faça chorar mais! Se soubesse!... Tenho chorado tanto, padecido tanto!...

E, ao dizer isto, Pinóquio chorava copiosamente e, caindo prostrado ao chão, abraçava os joelhos da moça misteriosa.

· CAPÍTULO XXV ·

Pinóquio promete à Fada
que será bom e estudioso,
porque está cansado de
bancar o boneco e quer se
tornar um bom menino.



A PRINCÍPIO, A BOA MOÇA COMEÇOU DIZENDO QUE NÃO era a pequena fada dos cabelos turquesa, mas depois, vendo-se então descoberta e não querendo prolongar mais a história, acabou por admitir, e disse a pinóquio:

— Seu boneco matreiro, como é que percebeu quem era eu?

— O grande bem que lhe quero foi quem me disse.

— Está lembrado? Você me deixou menina e agora me encontra mulher: tão mulher que quase poderia bancar sua mãe.

— E acho muito bom, pois assim, em vez de irmãzinha, vou chamar você de mãe. Há tanto tempo que anseio por ter uma mãe como todos os meninos!... Mas como fez para crescer tão depressa?

— É um segredo.

— Pois me ensina: eu também quero crescer. Não está vendo? Eu sempre fiquei muito baixinho.

— Mas você não pode crescer — replicou a Fada.

— Por quê?

— Porque os bonecos não crescem nunca. Nascem bonecos, vivem bonecos e morrem bonecos.

— Estou cansado de bancar sempre o boneco! — gritou Pinóquio, dando em si mesmo um safanão. — Já está na hora de eu também me tornar homem.

— E você vai se tornar, se souber merecê-lo.

— Verdade? E que posso fazer para merecê-lo?

— Uma coisa facilíma: acostumar-se a ser um menino de bem.

— E por acaso não sou?

— Pelo contrário! Os meninos de bem são obedientes, e você, em vez disso...

— Não obedeço nunca.

— Os meninos de bem adquirem amor pelos estudos e pelo trabalho, ao passo que você...

— Eu, em vez disso, banco o vadio e o vagabundo o ano inteiro.

— Os meninos de bem dizem sempre a verdade...
— E eu digo sempre mentiras.
— Os meninos de bem gostam de ir à escola...
— E para mim a escola dá dores no corpo. Mas de hoje em diante quero mudar de vida.

— Promete?

— Prometo. Quero me tornar um menino de bem e quero ser o consolo de meu pai... Onde estará meu pobre pai neste momento?

— Não sei.

— Terei a sorte de poder voltar a vê-lo e a abraçá-lo?

— Creio que sim: ou, melhor, estou certa disto.

A esta resposta foi tal e tanto o contentamento de Pinóquio, que ele tomou as mãos da Fada e começou a beijá-las com tamanho fervor, que parecia quase fora de si. Depois, erguendo o rosto e olhando-a carinhosamente, perguntou:

— Mãezinha, me diga então que não é verdade que você tenha morrido?

— Parece que não — respondeu sorrindo a Fada.

— Se soubesse a dor e o nó da garganta que tive quando li “*aqui jaz...*”.

— Eu sei; e foi por isso que o perdoei. A sinceridade da sua dor me fez reconhecer que você tinha bom coração; e, dos meninos de bom coração, mesmo quando são um pouco travessos e mal-acostumados, é sempre de se esperar alguma coisa: ou seja, é sempre de se esperar que voltem ao bom caminho. Foi por isso que vim procurar você até aqui. Serei a sua mãe...

— Ó que bom! — gritou Pinóquio saltando de alegria.

— Você me obedecerá e fará sempre o que eu disser.

— Com prazer, claro, com prazer!

— A partir de amanhã — continuou a Fada —, vai começar a ir à escola.

Pinóquio se tornou de repente um pouco menos alegre.

— Depois você vai escolher uma arte ou profissão a seu gosto.

Pinóquio tornou-se sério.

— Que está aí resmungando entre dentes? — perguntou a Fada em tom de ressentimento.

— Estava achando — guinchou o boneco à meia-voz — que agora já é meio tarde para ir à escola...

— Não, senhor. Tenha em mente que nunca é tarde para uma pessoa se instruir ou aprender alguma coisa.

— Mas eu não quero aprender nem artes nem ofícios.

— Por quê?

— Porque trabalhar me parece cansativo.

— Meu menino — disse a Fada —, os que dizem isso acabam quase sempre na prisão ou no hospital. O homem, para seu conhecimento, nasça rico ou pobre, é obrigado neste mundo a fazer alguma coisa, a se ocupar, a trabalhar. Pobre de quem se entrega ao ócio! O ócio é uma doença terrível e é preciso curá-la logo desde a infância; senão, depois de crescido, já não tem cura. Estas palavras tocaram fundo a sensibilidade de Pinóquio, que, erguendo vigorosamente a cabeça, disse à Fada: — Vou estudar, vou trabalhar, vou fazer tudo aquilo que você me disser, porque, em suma, a vida de boneco me está aborrecendo e quero tornar-me um menino a todo custo. Você prometeu, não é mesmo?



– Prometi; agora tudo depende de você.

· CAPÍTULO XXVI ·

Pinóquio vai com seus
colegas de escola até
a praia para ver
o terrível Peixe-Cão.



NO DIA SEGUINTE, PINÓQUIO FOI À ESCOLA PÚBLICA.

Imaginem aquele bando de meninos quando viram um boneco entrar na escola deles! Foi uma risada que não acabava mais. Ora levava trote de um, ora de outro: um lhe tirava o chapéu da mão, outro lhe puxava o casaquinho pelas costas, outros mais lhe tentavam fazer dois grandes bigodes de tinta embaixo do nariz, e até alguém que procurava atar-lhe uns fios nas mãos e nos pés para fazê-lo dançar.

Por algum tempo, Pinóquio mostrou-se descontraído e foi levando; mas por fim, sentindo faltar-lhe a paciência, voltou-se para aqueles que mais o atazanavam e gozavam dele, e disse de cara feia:

— Vamos parar, meninos: não vim aqui para ser palhaço de ninguém. Respeito os outros e quero que me respeitem.

— Bravo, capetinha! Falou como um livro de gravuras! — gritaram os moleques, soltando doidas risadas; e um deles, mais impertinente que os outros, esticou a mão com o propósito de pegar o boneco pela ponta do nariz.

Mas não o fez a tempo, porque Pinóquio estendeu a perna embaixo da mesa e lhe plantou um chute nas canelas.

— Eia, que pé duro! — berrou o menino esfregando a marca que lhe fizera o boneco.

— E que cotovelos!... ainda mais duros do que os pés! — disse um outro que, por causa de suas brincadeiras de mau gosto, tinha recebido uma cotovelada no estômago.

O fato é que, depois do chute e da cotovelada, Pinóquio logo conquistou a estima e a simpatia de todos os meninos da escola, e eles lhe faziam mil agradamentos e gostavam muito dele.

Até mesmo o professor o elogiava, porque o via sempre atento, estudioso, inteligente, sempre o primeiro a entrar na escola, sempre o último a levantar-se quando acabava a aula.

Seu único defeito era o de frequentar certos colegas, entre os quais havia muitos malandros, conhecidíssimos pela pouca vontade de estudar e de ser alguém.

O professor o aconselhava todos os dias, e mesmo a boa Fada não deixava de dizer e repetir muitas vezes:

— Cuidado, Pinóquio! Esses seus colegas de escola acabarão mais cedo ou mais tarde por fazer você perder o amor aos estudos e, quem sabe, talvez lhe possam até acarretar uma grande desgraça.

— Não há perigo! — respondia o boneco, dando uma encolhida de ombros e tocando com o indicador o meio da testa, como para dizer: “Aqui dentro tem muito juízo!”.

Ora, acontece que um belo dia, enquanto caminhava para a escola, encontrou um bando desses mesmos colegas que, andando a seu encontro, disseram:

— Sabe a grande notícia?

— Não.

— Aqui na praia vizinha apareceu um Peixe-Cão maior que uma montanha.

— É mesmo?... Quem sabe se é o mesmo Peixe-Cão do dia em que se afogou meu pobre pai!

— Estamos indo à praia para ver. Quer vir conosco?

— Eu, não: quero ir à escola.

— Que importa a escola? Amanhã iremos à escola. Com uma aula a mais ou a menos, vamos acabar na mesma, sempre burros.

— E que dirá o professor?

— Não vai ligar. Ele é pago para tagarelar o dia inteiro.

— E minha mãe?

— As mães não sabem de nada — responderam os malandros.

— Sabem que vou fazer? — disse Pinóquio. — Quero ver o Peixe-Cão, pois tenho minhas razões... mas vou vê-lo só depois da escola. — Pobre idiota! — rebateu um do bando. — Acha que um peixe daquele tamanho vai ficar ali por sua causa? Assim que se

cansar, se manda para outra parte, e então quem viu, viu, quem não viu...



— Que tempo se leva daqui à praia? — perguntou o boneco.
— Em uma hora pode-se ir e vir.
— Então, vamos! E quem chegar primeiro ganha um doce! — gritou Pinóquio.

Dado o sinal de partida, aquele bando de vadios, com seus livros e cadernos embaixo do braço, começaram a correr pelos campos afora, com Pinóquio sempre à frente de todos: parecia ter asas nos pés.

De quando em quando, virando-se para trás, zombava dos colegas que estavam a uma boa distância dele e, ao vê-los ofegantes, exaustos, empoeirados e com um palmo de língua para fora, ria-se a não poder mais.

O pobre infeliz não sabia naquele momento os grandes temores e horríveis desgraças que encontraria.

· CAPÍTULO XXVII ·

A grande peleja entre Pinóquio
e seus colegas, um dos quais,
tendo ficado ferido, é
a causa de Pinóquio ser
preso pelos guardas.



ASSIM QUE CHEGOU À PRAIA, PINÓQUIO DEU LOGO UMA grande espreitada para o mar; mas não viu nenhum Peixe-Cão.

O mar estava lisinho como o cristal de um grande espelho.

— E o Peixe-Cão, onde está? — perguntou voltando-se para um dos colegas.

— Deve ter ido almoçar — respondeu um deles sorrindo.

— Ou talvez tenha caído na cama para tirar um cochilo — acrescentou outro, rindo-se mais alto do que nunca.

Diante daquelas respostas incoerentes e da risalhada grosseira, Pinóquio compreendeu que os colegas lhe haviam pregado mais uma peça, dando a entender algo que não era verdadeiro; e, levando isso a mal, disse com voz irritada:

— E agora? qual foi a vantagem que tiveram em me enganar com a história do Peixe-Cão?

— Uma grande vantagem — responderam em coro os malandros.

— E qual é?

— A de fazer você faltar à escola e vir com a gente. Você não tem vergonha de se mostrar todos os dias tão dedicado e tão diligente nas aulas? Não tem vergonha de estudar tanto como faz?

— E, se eu estudo, o que têm a ver com isso?

— Temos muito, muitíssimo, porque nos leva a fazer uma péssima figura com o professor.

— Por quê?

— Porque os alunos que estudam fazem sombra sempre àqueles como nós, que não temos vontade de estudar. E não queremos ficar na sombra: também temos amor-próprio!

— E então, que devo fazer para contentá-los?

— Você também precisa perder o gosto pela escola, pelas aulas e pelo professor, que são os nossos três grandes inimigos.

— E se eu quiser continuar estudando?

— Não vamos mais olhar para a sua cara, e na primeira oportunidade você vai nos pagar.

— Para dizer a verdade, vocês me fazem quase rir — disse o boneco com um aceno de cabeça.

— Olha, Pinóquio! — gritou então o mais alto dos garotos partindo para ele. — Não fique aí bancando o valentão, se achando o tal!... porque, se você não tem medo da gente, nós também não temos medo de você. Lembre-se de que você é um só e nós somos sete.

— Sete, como os pecados mortais — disse Pinóquio soltando uma risada.

— Ouviram só? Está nos insultando! Ele nos chamou de pecados mortais! — Pinóquio, peça desculpas pela ofensa... senão, vai ver!

— Aqui, ó! — fez o boneco, batendo com o indicador na ponta o nariz, em sinal de deboche.

— Pinóquio, isso vai acabar mal!

— Aqui, ó!

— Está bancando o idiota!

— Aqui, ó!

— Vai voltar para casa com o nariz partido.

— Aqui, ó!

— Você vai ver o que é bom! — gritou o mais corajoso dos moleques. — Tome esta bolacha por conta e guarde-a para comer de noite.

E, dizendo assim, deu-lhe um tapa na cabeça.

Mas foi, como se diz, um toma lá dá cá, porque o boneco, como era de se esperar, respondeu logo com outro safanão, e então, de um momento para o outro, a peleja se tornou geral e encarniçada. Pinóquio, embora fosse sozinho, defendia-se como um herói. Com os pés de madeira duríssima manobrava tão bem que mantinha seus inimigos sempre a respeitosa distância. Onde quer que seus pés conseguissem alcançar e bater, sempre deixavam marcas como recordação.





Então os garotos, incomodados por não conseguirem se medir com o boneco num corpo a corpo, imaginaram poder lançar mão de projéteis e, desatando as pilhas de livros da escola, começaram a arremessar contra ele as cartilhas, as gramáticas, os vocabulários e outros livros escolares; mas o boneco, que tinha olhos ágeis e matreiros, sempre se esquivava a tempo, de modo que todos os volumes, passando por cima de sua cabeça, iam cair no mar.

Imaginem os peixes! Os peixes, achando que os livros fossem algo de comer, subiam em cardumes à flor da água; mas, depois de haverem abocanhado algumas páginas ou mesmo capas, cuspiam tudo fora, fazendo com as bocas uma espécie de careta como se quisessem dizer: “Isso não é para nós. Estamos acostumados a comer coisa muito melhor”. Enquanto a peleja se enfurecia cada vez mais, eis que um enorme Caranguejo, que havia saído da água, e vai que vai, acabou chegando à praia, gritou com um vozeirão de trombone constipado:

— Parem com isso, seus marotos, que não passam disto! Essas brigas de socos entre rapazes raramente acabam bem. Sempre acontece alguma desgraça.

Pobre Caranguejo! Foi o mesmo que se tivesse pregado ao vento. Até o malandro do Pinóquio, virando-se para trás para olhá-lo agressivo, disse-lhe grosseiramente:

— Fica quieto, seu Caranguejo asqueroso! Seria melhor que chupasse duas pastilhas de algas para curar essa inflamação da garganta. É melhor ir para a cama e tratar de suar. Enquanto isso, os meninos, que já haviam atirado todos os seus livros, viram ali a pouca distância o amarrado de livros do boneco e se apossaram dele em menos de um segundo.

Entre esses livros estava um volume encadernado em cartolina grossa com a lombada e as cantoneiras em pergaminho. Era um *Tratado de aritmética*. Deixo-lhes imaginar o quanto era pesado!

Um dos moleques apanhou o volume e, mirando a cabeça de Pinóquio, arremessou-o com toda a força que tinha no braço; mas, em vez de acertar no boneco, atingiu a cabeça de um de seus companheiros, que ficou branco como um pano lavado e não disse senão estas palavras:

— Ai, minha mãe, ajuda-me... porque vou morrer!

Depois caiu estendido na areia da praia.

À vista daquele corpinho morto, os rapazes espavoridos se puseram a escapar correndo, e em poucos minutos haviam desaparecido.

Mas Pinóquio lá permaneceu e, fosse pela dor e pelo susto ou também porque estivesse mais morto do que vivo, nem por isso deixou de correr e embeber seu lenço na água do mar, e foi molhar a têmpora de seu pobre colega de escola. Enquanto isso, chorando copiosamente e se desesperando, chamava-o pelo nome e dizia:

— Eugênio, Eugênio, meu pobre Eugênio!... abra os olhos e olhe para mim!... Por que não me responde? Não fui eu, sabe, quem lhe causou este mal! Acredite em mim, não fui eu!... Abra os olhos, Eugênio! Se você fica de olhos fechados, me faz morrer também, eu... Ó meu Deus, como farei agora para voltar em casa? Como vou ter coragem de me apresentar diante de minha boa mãe?... O que será de mim? Para onde fugir? Onde irei me esconder?... Ah, como teria sido melhor, mil vezes melhor, se eu tivesse ido à escola! Por que dei ouvidos a esses colegas que são a minha danação? E bem que o professor me havia dito!... e minha mãe me havia repetido: “Cuidado com as más companhias!”. Mas eu sou um cabeçudo, um teimosão: deixo todos falarem e ajo sempre do meu jeito. Depois quem paga sou eu... E assim, desde que vim ao mundo, nunca tive um quarto de hora de paz. Meu Deus, o que será de mim, que será de mim, que será de mim?

E Pinóquio continuava a chorar, a se lamentar, a dar socos na cabeça e a chamar pelo nome o pobre Eugênio, quando ouviu de repente um rumor surdo de passos que se avizinhavam.

Voltou-se: eram dois guardas.

— Que está fazendo aí estirado no chão? — perguntaram a Pinóquio.

— Estou ajudando este meu colega de escola.

— Ele está passando mal?

— Parece que sim...

— Mais que isto! — disse um dos guardas, abaixando-se e examinando Eugênio de perto. — Este garoto foi ferido na testa: quem foi que o feriu?

— Eu não fui! — balbuciou o boneco, que já não tinha mais fôlego.

— Se não foi você, quem foi então que o feriu?

— Não fui! — repetiu Pinóquio.

— E com que ele foi ferido?

— Com este livro. — E o boneco apanhou do chão o *Tratado de aritmética* encadernado em cartolina e pergaminho, para mostrá-lo aos guardas.

— E de quem é este livro?

— É meu.

— Basta: não precisa mais nada. Levante-se logo e venha conosco.

— Mas eu...

— Venha conosco!

— Mas eu sou inocente...

— Venha conosco!

Antes de irem embora, os guardas chamaram uns pescadores que passavam exatamente naquele momento com sua barca junto à praia, e lhes disseram:

— Nós lhes confiamos este rapazinho que está ferido na cabeça. Levem-no para a casa de vocês e tratem dele. Amanhã, voltaremos para vê-lo.

Em seguida, viraram-se para Pinóquio e, depois de o terem posto em meio deles, intimaram-no em tom militar:

— Avante! em marcha acelerada: senão, pior para você!

Sem ouvir mais nada, o boneco começou a caminhar pela estradinha que levava ao povoado. Mas o pobre coitado não sabia sequer em que mundo estava. Parecia sonhar, e que sonho horrível! Estava fora de si. Seus olhos viam tudo em duplicata, as pernas tremiam, a língua estava agarrada ao céu da boca e não podia pronunciar direito uma só palavra. No entanto, em meio àquela espécie de lerdeza e entorpecimento, um espinho pontiagudo pungia-lhe o coração: ou seja, o pensamento de que teria de passar sob a janela da casa de sua boa Fada, entre dois guardas. Antes preferia morrer.

Já iam chegando à entrada do povoado quando uma lufada de vento trapalhão arrancou o chapeuzinho da cabeça de Pinóquio, levando-o a uma distância de passos.

— Posso ir apanhar meu chapéu? — perguntou o boneco aos guardas.

— Vá, mas vá depressa.

O boneco andou, apanhou o chapéu, mas, em vez de botá-lo na cabeça, colocou-o entre os dentes e deitou a correr numa desabalada carreira em direção à praia. Ia veloz como uma bala de fuzil.

Os guardas, julgando que seria difícil alcançá-lo, acirraram um enorme cão para persegui-lo, um mastim que tinha ganhado o primeiro lugar em todas as corridas de cães. Pinóquio corria, e o cão corria mais que ele; por isso, toda a gente chegava à janela e se aglomerava no meio da rua, ansiosa por ver o final daquela disputa feroz. Mas não pôde desfrutar esse prazer, porque o cão mastim e Pinóquio levantavam ao longo da estrada tanta poeira, que poucos minutos depois já não se podia ver mais nada.

· CAPÍTULO XXVIII ·

Pinóquio corre o perigo de
ser frito numa frigideira
como um peixe.



DURANTE A CORRERIA DISPARADA HOUVE UM MOMENTO terrível, um momento em que pinóquio acreditou-se perdido: pois é preciso saber que azadouro (era este o nome do mastim), na fúria daquele corre-corre, já quase o tinha alcançado.

Basta dizer que o boneco sentia atrás de si, à distância de um palmo, o bafo ofegante daquela besta-fera, e sentia até mesmo o calor de sua respiração.

Por sorte a praia estava agora muito próxima e se via o mar ali a poucos passos.

Mal tocou a praia, o boneco desferiu um belíssimo salto, como teria feito um sapinho, e foi cair lá dentro da água. Azadouro, no entanto, tentou parar; mas, imbuído do ímpeto da corrida, acabou também entrando na água. E, como o pobre coitado não sabia nadar, começou de repente a se debater com as patas para se manter à tona: mas quanto mais se debatia mais afundava a cabeça na água.

Quando conseguiu botar o focinho de fora, o pobre cão tinha os olhos arregalados de medo, e latindo gritava:

— Estou afogando! Afogando!

— Pois morra! — respondeu-lhe de longe Pinóquio, que agora se achava a salvo de qualquer perigo.

— Socorro, meu Pinóquio!... salve-me da morte!...

Àqueles gritos lancinantes, o boneco, que no fundo tinha um maravilhoso coração, sentiu-se comovido e se voltou para o cão dizendo:

— Se eu te ajudar a se salvar, promete que não vai mais me azucrinar nem correr atrás de mim?

— Prometo! prometo! Mas venha logo, depressa, porque se demorar mais meio minuto vai me encontrar já morto.

Pinóquio hesitou um pouco; porém, lembrando-se de que o pai lhe dissera tantas vezes que a gente nunca se arrepende de fazer

uma boa ação, saiu nadando ao alcance de Azadouro e, agarrando-o pelo rabo com ambas as mãos, trouxe-o são e salvo para a areia enxuta da praia.

O pobre cão não se aguentava mais em pé. Tinha bebido, sem querer, tanta água salgada que estava inflado como um balão. Porém o boneco, não querendo se fiar muito, achou prudente atirar-se de novo ao mar; e, afastando-se da praia, gritou ao amigo já salvo:

— Adeus, Azadouro; faça boa viagem e recomendações aos seus.

— Adeus, Pinóquio — respondeu o cão —; muito obrigado por me salvar da morte. Você me fez um grande favor; neste mundo, tudo o que vem, volta. Se houver ocasião, vamos nos encontrar.



Pinóquio continuou a nadar, mantendo-se sempre próximo da terra. Finalmente pareceu-lhe ter chegado a um lugar seguro e, dando uma olhada para a praia, viu sobre os rochedos uma espécie de gruta da qual saía um longo penacho de fumaça.

“Naquela gruta”, disse então consigo, “deve haver fogo. Tanto melhor! Vou lá me secar e me aquecer e depois... depois venha o que vier.”

Tomando esta resolução, aproximou-se do rochedo; mas, quando estava a ponto de trepar nele, sentiu que algo vinha subindo, subindo de baixo da água e o erguia no ar. Tentou fugir de repente, mas já era tarde, porque para seu enorme espanto se viu preso dentro de uma enorme rede em meio a um fervilhar de peixes de todas as formas e tamanhos que rabeavam e se debatiam como almas penadas.

E ao mesmo tempo viu sair da gruta um pescador tão feio, mas tão feio que parecia um monstro marinho. Em vez de cabelos tinha um feixe muito espesso de algas verdes na cabeça, e verde também era a pele de seu corpo, verdes os olhos, verde a longuíssima barba que descia embaixo. Parecia um enorme lagarto verde erguido sobre as patas traseiras.

Quando tirou a rede do mar, o pescador gritou todo contente:



— Providência divina! Hoje também vou ter uma fartura de peixes.

“Ainda bem que não sou peixe!”, disse Pinóquio consigo, readquirindo um pouco de coragem.

A rede cheia de peixes foi levada para dentro da gruta, uma gruta escura e enfumaçada, no meio da qual frigia uma grande panela de óleo soltando um cheiro de pavio queimado que chegava a tirar a respiração.

— Vamos ver agora que peixes conseguimos apanhar — disse o pescador verde; e, metendo na rede a mãozona desproporcional, que parecia uma pá de forno, tirou de dentro um montão de salmonetes. — Que belos salmonetes! — disse, olhando-os e cheirando-os com satisfação. E, depois de havê-los cheirado, atirou-os num caldeirão sem água.

Em seguida, repetiu muitas vezes a mesma operação; e, no passo em que ia tirando fora da rede os outros peixes, sentia vir-lhe água na boca e exultando dizia:

— Que bons estes badejos!

— Saborosas estas tainhas! — Deliciosos estes linguados!

— Excelentes estas santolas!

— Muito boas estas anchovas com cabeça!

Como podem imaginar, os badejos, as tainhas, os linguados, as santolas e as anchovas todos misturados foram parar no caldeirão em companhia dos salmonetes.

O último que sobrou na rede foi Pinóquio.

Assim que o pescador o tirou da rede, arregalou com espanto os olhos verdes, gritando quase apavorado:

— Que espécie de peixe é este? De peixes como este não me lembro de ter comido nunca.

E voltou a observá-lo atentamente, e depois de havê-lo observado de um lado e do outro, acabou dizendo:

— Já sei: deve ser um caranguejo-aranha.

Então Pinóquio, desgostoso por ser confundido com um caranguejo, disse num tom de ressentimento:

— Mas que caranguejo que nada! Veja só como me trata! Para seu governo eu sou um boneco.

— Um boneco? — replicou o pescador. — Palavra de honra que peixe-boneco é uma novidade para mim. Melhor ainda: vou comer com mais vontade.

— Comer, a mim? mas não está percebendo que eu não sou um peixe? Ou não está vendo que eu falo e penso como você?

— É verdade — acrescentou o pescador —, e, como vejo que você é um peixe que tem a sorte de falar e pensar como eu, quero tratá-lo com a devida consideração.

— Que consideração?...

— Em sinal de amizade e estima pessoal, vou lhe deixar a escolha de como quer ser cozido. Quer ser frito na frigideira ou prefere ser ensopado na panela com molho de tomate?

— Para dizer a verdade — respondeu Pinóquio —, se posso escolher, prefiro antes ser posto em liberdade para poder voltar para a minha casa.

— Está brincando! Acha que vou perder a ocasião de provar um peixe tão raro? Não é todo dia que aparece um peixe-boneco nestes mares. Pois deixe comigo: vou fritá-lo na frigideira junto com os outros peixes, e você vai ficar contente. Ser frito em companhia de outros é sempre um consolo.

O infeliz Pinóquio, diante desta ameaça, começou a chorar, a estrilar, a se lamentar; e chorando dizia:

— Muito melhor se eu tivesse ido à escola!... Fui dar ouvidos aos colegas e agora pago por isso. Ai! ai! ai!... E porque se contorcía como uma enguia e fazia esforços incríveis para se desvencilhar das garras do pescador verde, este pegou uma corda de junco e, amarrando-lhe os pés e as mãos como um salame, atirou-o ao fundo do caldeirão com os outros.

Em seguida, abrindo uma arca de madeira cheia de farinha, começou a polvilhar todos aqueles peixes e, à medida que os ia enfarinhando, punha-os a fritar na frigideira.



Os primeiros a bailar no óleo fervente foram os pobres badejos, depois tocou a vez às santolas, depois às tainhas, depois aos linguados e às anchovas, até que veio a vez de Pinóquio. O qual, vendo-se tão próximo da morte (e que morte horrível!), foi tomado de tanto tremor e tanto espanto, que não tinha mais nem voz nem fôlego para se lamentar.

O pobre menino implorava com os olhos! Mas o pescador verde, sem lhe dar a mínima atenção, cobriu-o cinco ou seis vezes de farinha, enfarinhando-o tão bem da cabeça aos pés, que ele parecia um boneco de gesso.

Depois o agarrou pela cabeça e...

· CAPÍTULO XXIX ·

Pinóquio volta à casa da Fada,
a qual lhe promete que no dia
seguinte ele não será mais um
boneco e sim um menino.

Farta refeição de café com leite para
festejar o grande acontecimento.



QUANDO O PESCADOR ESTAVA MESMO A PONTO DE JOGAR pinóquio na frigideira, entrou na gruta um grande cão levado pelo forte e apetitoso cheiro da fritura.

— Passa fora! — gritou o pescador ameaçando-o e mantendo sempre na mão o boneco enfarinhado. Mas o pobre cão tinha uma fome que valia por quatro e, ganindo e sacudindo a cauda, parecia dizer:

— Dá-me um bocado de fritura que te deixo em paz.

— Passa fora, já disse! — repetiu o pescador; e esticou a perna para lhe dar um pontapé.

Aí o cão, que, quando tinha fome de fato, não era dado a deixar que lhe chegassem perto, revoltou-se a rosnar contra o pescador, mostrando-lhe as terríveis presas.

Neste instante ouviu-se na gruta uma voz muito fraquinha que dizia:

— Salve-me, Azadouro! Se não me salvar, estou frito!

O cão reconheceu imediatamente a voz de Pinóquio e se deu conta, para seu enorme espanto, de que a vozinha saía daquele pacote enfarinhado que o pescador tinha na mão.

Então, que faz? Dá um grande salto no ar, abocanha o pacote enfarinhado e, segurando-o levemente entre os dentes, sai correndo da gruta e dispara como um raio.

O pescador, enfurecido de ver que lhe arrebatavam das mãos um peixe que ia comer com tanta satisfação, tentou correr atrás do cachorro; mas, depois de uns poucos passos, veio-lhe um ataque de tosse e teve que voltar.

Enquanto isso, Azadouro, que havia encontrado o caminho de volta ao povoado, parou e depositou delicadamente no chão o amigo Pinóquio.

— Como lhe quero agradecer! — disse o boneco.

— Não é preciso — replicou o cão —; você me salvou, e o que vem, volta. Bem sabemos: neste mundo é preciso que uns ajudem aos outros.

— Mas como foi que você chegou àquela gruta?

— Eu continuava ali estendido na praia, mais morto do que vivo, quando o vento me trouxe de longe um cheirinho de fritura. Esse cheirinho me estimulou o apetite e fui atrás dele. Se chegasse um minuto mais tarde...

— Nem me diga! — gritou Pinóquio, que ainda tremia de medo.

— Nem me diga! Se chegasse um minuto mais tarde, eu estaria agora frito, comido e digerido. Brrr!... sinto arrepios só de pensar!

Azadouro, rindo, estendeu a pata dianteira para o boneco, que a apertou bem forte em sinal de grande amizade; depois se separaram.

O cão tomou o caminho de casa e Pinóquio, ficando só, foi a uma cabana pouco distante dali e perguntou a um velhote que estava à porta, aquecendo-se ao sol:

— Diga-me, meu senhor, se não sabe alguma coisa de um pobre menino que estava ferido na cabeça e que se chamava Eugênio?

— O menino foi trazido por alguns pescadores para esta cabana e depois... — E depois morreu!... — interrompeu Pinóquio com grande sentimento.

— Não: está vivo, e depois voltou para casa.

— É verdade, é verdade? — gritou o boneco pulando de alegria.

— Então o ferimento não era grave? — Mas podia ter sido gravíssimo e até mortal — respondeu o velhote —, porque atiraram na cabeça dele um grosso volume encadernado.

— E quem foi que atirou?

— Um colega de escola, um tal Pinóquio.

— E quem é esse Pinóquio? — perguntou o boneco fazendo-se de tolo.

— Dizem que é um moleque, um vagabundo, um verdadeiro salafrário.

— Calúnias, tudo calúnias!
— E você, conhece esse Pinóquio?
— De vista — respondeu o boneco.
— E que conceito faz dele? — perguntou-lhe o velhote.
— Eu acho que ele é um bom menino, cheio de vontade de estudar, obediente, afeiçoado ao pai e à família...

Enquanto o boneco desfilava de cara lavada todas essas mentiras, pôs o dedo no nariz e percebeu que este havia crescido mais de um palmo. Então, cheio de medo, começou a gritar:

— Não dê ouvidos, meu senhor, a todas essas boas coisas que lhe disse, pois conheço muito bem esse Pinóquio e posso também eu lhe assegurar que ele é de fato um moleque, um desobediente e um preguiçoso que, em vez de ir à escola, sai com os colegas a fazer peraltices.

Mal acabou de pronunciar essas palavras e seu nariz encurtou, voltando ao tamanho natural, como era antes.

— E por que você está assim todo branco? — perguntou de repente o velhote.

— Vou lhe contar... sem perceber eu me esfreguei numa parede que estava caiada de fresco — respondeu o boneco, com vergonha de confessar que o haviam enfarinhado como um peixe para depois fritá-lo na panela.

— E o que aconteceu com o seu jaleco, os seus calções e o chapeuzinho?

— Encontrei uns ladrões que me roubaram a roupa. Diga-me, bom velho, não teria por acaso para me dar uma roupinha qualquer, de modo que eu possa voltar para casa?

— Meu pequeno, de tecido mesmo só tenho um saquinho onde guardo os tremoços. Se quiser, pode pegá-lo: está ali.

E Pinóquio não se fez de rogado: apanhou logo o saco de tremoços que estava vazio e, depois de ter feito com a tesoura um pequeno buraco no fundo e dois buracos nos lados, nele se enfiou

como numa camisa. E assim, sumariamente vestido, rumou ao povoado.

Mas ao longo do caminho não se sentia nada tranquilo, tanto é verdade que dava um passo à frente e um atrás e, percorrendo para si mesmo, ia falando:

— Como farei para me apresentar diante da minha boa Fadinha? Que dirá ela quando me vir?... Irá me perdoar desta segunda travessura?... Aposto que não vai me perdoar: oh, não vai me perdoar mesmo! E tem razão: porque eu sou um moleque que prometo sempre que vou me corrigir e não cumpro nunca a promessa.

Chegou ao povoado já entrada a noite e, como fizesse mau tempo e a água descesse a cântaros, foi direto para a casa da Fada com a firme intenção de bater à porta até abrirem.

Mas, quando lá chegou, sentiu que faltava coragem e, em vez de bater, afastou-se correndo uma vintena de passos. Depois voltou uma segunda vez à porta e não resolveu nada; depois se aproximou uma terceira vez, e nada; na quarta vez, pegou tremendo o ferrolho e bateu à porta com um leve toque.

Toca a esperar, esperar, e finalmente depois de meia hora uma janela se abriu no último andar (a casa era de quatro andares) e Pinóquio viu ali se debruçar uma enorme Lesma com uma luzinha acesa na cabeça e que perguntou:

- Quem bate a estas horas?
- A Fada está em casa? — perguntou o boneco.
- A Fada está dormindo e não quer ser incomodada; mas quem é você?
- Sou eu.
- Eu quem?
- Pinóquio.
- Que Pinóquio?
- O boneco que mora aí na casa da Fada.

— Ah, agora sei — disse a Lesma —: espera aí embaixo, que já desço para abrir a porta.

— Mas depressa, por favor, que estou morrendo de frio.

— Meu rapaz, eu sou uma lesma, e as lesmas nunca têm pressa.

Passou uma hora, passaram duas, e a porta não se abria; por isso Pinóquio, que tremia de frio, de medo e com a água a lhe cair em cima, tomou coragem e bateu mais forte.

A esta segunda batida abriu-se uma janela do andar de baixo e nela apareceu a Lesma de sempre.

— Ó minha Lesminha — gritou Pinóquio lá de fora —, há duas horas que eu espero! E duas horas, nesta noite horrível, é o mesmo que dois anos. Depressa, por caridade.

— Meu rapaz — respondeu-lhe da janela o mesmo animalzinho todo paz e calma —, meu rapaz, eu sou uma lesma, e as lesmas nunca têm pressa.

E a janela voltou a se fechar.

Pouco depois soou a meia-noite, e depois a uma, as duas da manhã, e a porta permanecia fechada.

Então Pinóquio, perdendo a paciência, agarrou com raiva o ferrolho para bater com um golpe tão forte que ecoaria por todo o casarão; mas o batente, que era de ferro, transformou-se de repente numa enguia viva que, desprendendo de suas mãos, desapareceu no rego de água que se formara no caminho.

— Ah, é? — gritou Pinóquio, cada vez mais cego de raiva. — Se o batente sumiu, vou continuar batendo com a força de pontapés.



E, afastando-se um pouco, assentou uma fortíssima pezada na porta da casa. O chute foi tão forte que seu pé entrou na madeira até o meio; e, quando o boneco tentou tirá-lo, seu esforço foi inútil, pois o pé ficara ali cravado como um prego rebatido.

Imaginem o pobre Pinóquio! Ter de passar o resto da noite com um pé no chão e o outro suspenso no ar!

De manhã, ao nascer do dia, finalmente a porta se abriu.

Aquele ágil animalzinho, a dita Lesma, para descer do quarto andar até a porta da rua, havia gastado somente nove horas. É preciso dizer que foi uma verdadeira proeza.

— Que faz você aí com esse pé cravado na porta? — perguntou rindo ao boneco.

— Aconteceu uma desgraça. Veja só, minha Lesminha bela, se consegue livrar-me deste suplício.

— Meu rapaz, para tanto seria preciso um lenhador, e eu nunca fui lenhadora.

— Peça à Fada por mim...

— A Fada está dormindo e não quer ser acordada.

— Mas o que quer que eu faça cravado o dia inteiro nesta porta?

— Divirta-se contando as formigas que passam no caminho.

— Traga-me pelo menos alguma coisa para comer, pois me sinto esgotado.

— Trago logo! — disse a Lesma.

De fato, após três horas e meia, Pinóquio viu-a voltar com uma bandeja de prata na cabeça. Na bandeja havia um pão, um frango assado e quatro damascos maduros. — Eis a refeição que lhe manda a Fada — disse a Lesma.

À vista daquele presente de Deus, o boneco sentiu-se totalmente consolado. Mas qual não foi sua decepção quando, ao começar a comer, deu-se conta de que o pão era de gesso, o frango de papelão e os quatro damascos de pedras coloridas.

Quis chorar, entregar-se ao desespero, atirar longe a bandeja com tudo o que estava dentro; mas, em vez disso, fosse pelo grande sofrimento ou pela fraqueza de estômago, o fato é que caiu desmaiado.

Quando voltou a si, encontrou-se estendido num sofá, tendo a Fada a seu lado. — Ainda esta vez eu o perdoo — disse a Fada —, mas ai de você se me fizer outra das suas!

Pinóquio prometeu e jurou que haveria de estudar e que se comportaria sempre bem. E manteve a palavra por todo o resto do ano. De fato, nos exames semestrais, teve a honra de ser o melhor aluno da classe; seu comportamento, em geral, foi considerado tão louvável e satisfatório, que a Fada toda contente lhe disse:

— Amanhã finalmente o seu desejo será cumprido.

— Ou seja?

— Amanhã vai deixar de ser um boneco de madeira para ser um menino de bem.

Quem não presenciou a alegria de Pinóquio diante dessa notícia tão esperada, não poderá jamais imaginar o que foi. Todos os seus amigos e colegas de escola iriam ser convidados para no dia seguinte virem a um grande lanche na casa da Fada, a fim de festejarem juntos o belo acontecimento; e a Fada mandou preparar duzentas xícaras de café com leite e quatrocentas torradas com manteiga dos dois lados. Aquele dia tinha tudo para ser muito agradável e alegre, mas...

Infelizmente, na vida dos bonecos, há sempre um mas que estraga tudo.

· CAPÍTULO XXX ·

Pinóquio, em vez de se tornar
um menino, parte às escondidas
com seu amigo Pavario para
o País dos Folgedos.



COMO É NATURAL, PINÓQUIO PEDIU IMEDIATAMENTE À fada permissão para ir à cidade fazer os convites, e ela disse:

— Vá logo convidar os seus amigos para o lanche de amanhã, mas lembre-se de voltar para casa antes do anoitecer. Entendido?

— Dentro de uma hora prometo estar de volta — replicou o boneco.

— Ora, Pinóquio! Os meninos são rápidos em prometer, mas quase sempre lentos em cumprir as promessas.

— Mas eu não sou como os outros: eu, quando prometo uma coisa, cumpro.

— Vamos ver. Caso desobedeça, tanto pior para você.

— Por quê?

— Porque os meninos que não dão ouvidos àqueles que sabem mais que eles vão sempre ao encontro de alguma desgraça.

— E tive a prova disso! — disse Pinóquio. — Mas nessa não caio mais.

— Vamos ver se você diz a verdade.

Sem dizer mais palavras, o boneco cumprimentou a sua boa Fada, que para ele era uma espécie de mãe, e, cantando e dançando, saiu pela porta da casa.

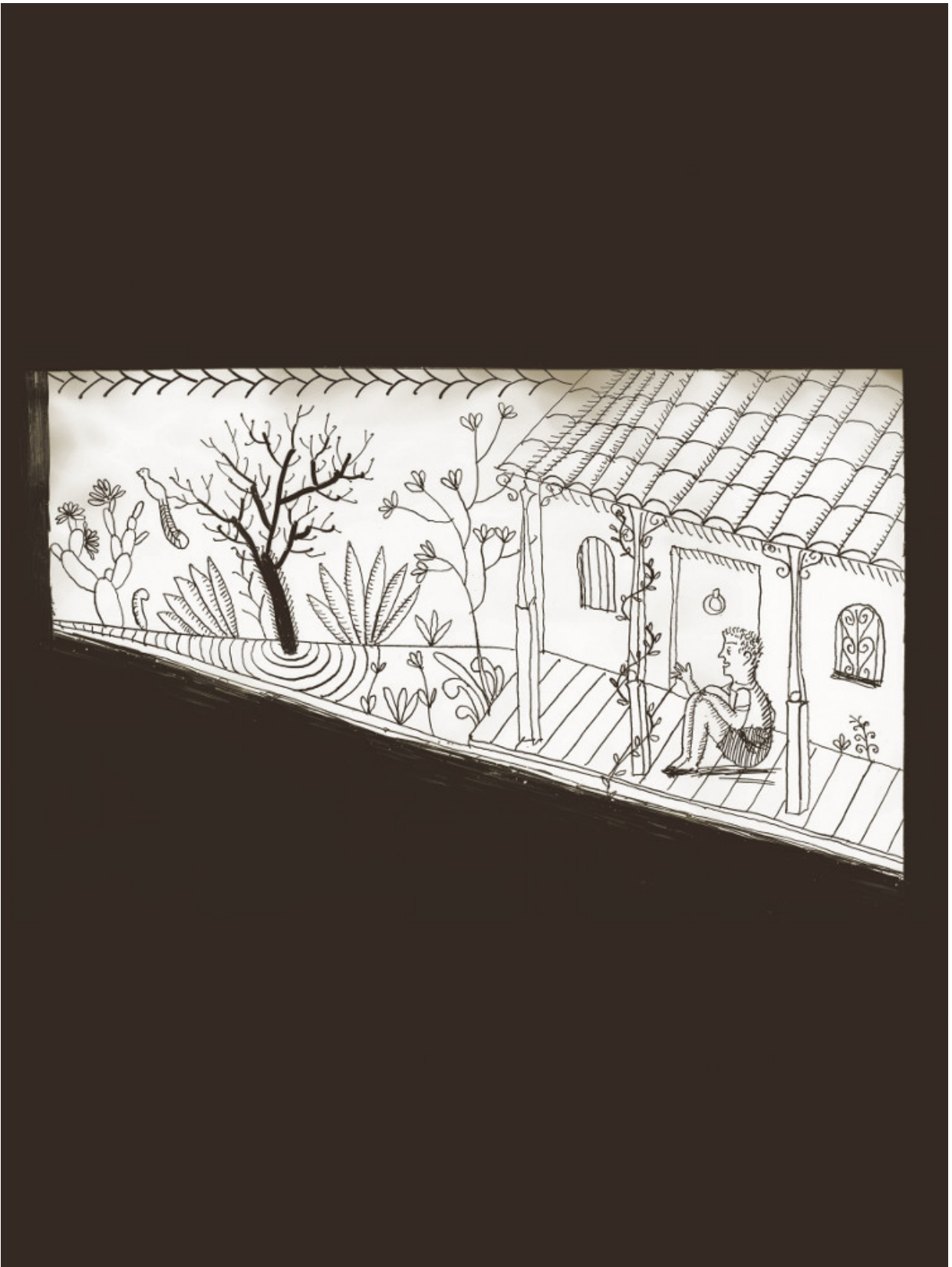
Em pouco mais de uma hora todos os seus amigos haviam sido convidados. Alguns aceitaram logo e com satisfação; outros a princípio se fizeram de difíceis, mas, quando souberam que as torradas para molhar no café com leite tinham manteiga passada dos dois lados, acabaram todos por dizer: “Nós também iremos contentá-lo”.

Ora, é preciso saber que Pinóquio, entre seus amigos e colegas de escola, tinha um predileto e muito querido que tinha por nome Romeu, mas que todos chamavam pelo apelido de PAVIO, por causa de sua figura esguia, seca e espevitada, tal qual o pavio novo de uma vela.

Pavio era o garoto mais indolente e traquinas de toda a escola, embora Pinóquio lhe quisesse muito bem. Foi logo procurá-lo em sua casa para convidá-lo ao lanche, e não o encontrou; voltou uma segunda vez e Pavio não estava; voltou uma terceira vez e fez a caminhada em vão.

Onde o poderia encontrar? Procura daqui, procura dali, até que o viu escondido na varanda de uma casa rústica.

- Que está fazendo aí? — perguntou Pinóquio aproximando-se.
- Espero chegar a meia-noite para ir embora.
- Para onde?
- Para longe, muito longe.
- E eu que fui procurar você em casa umas três vezes!...
- Que você queria?



— Não sabe do grande acontecimento? não sabe a sorte grande que tive? — Qual?

— Amanhã deixo de ser um boneco para me tornar um menino como você e como todos os outros.

— Pois que faça bom proveito.

— Então, amanhã espero você para um lanche na minha casa.

— Mas se estou dizendo que parto esta noite...

— A que horas?

— Daqui a pouco.

— E para onde vai?

— Vou morar num país... que é o mais belo país do mundo: verdadeira terra da fartura!

— E como se chama?

— Chama-se País dos Folguedos. Por que você não vem junto?

— Eu? de jeito nenhum!

— É pena, Pinóquio! Pois acredite que, se você não vier, vai se arrepender. Onde é que você vai encontrar um país mais próprio para os garotos como nós? Lá não há escolas, nem professores, nem livros. Nesse bendito país não se estuda nunca. Não há aula às quintas-feiras e a semana se compõe de seis quintas-feiras e um domingo. Imagine que as férias de junho começam em primeiro de janeiro e acabam no último dia de dezembro. Um país que me agrada de fato! Como deviam ser todos os países civilizados!

— Mas como se passa o dia nesse País dos Folguedos?

— Passa-se brincando e se divertindo de manhã à noite. À noite se vai dormir e na manhã seguinte tudo recomeça como antes. Que acha?

— Hum! — fez Pinóquio, e balançou levemente a cabeça como dizendo: “É uma vida que até eu gostaria muito de levar!”.

— Então, você vem comigo? Vem ou não? Decida logo.

— Não, não e novamente não. A partir de agora prometi à minha boa Fada que ia me tornar um menino de bem e quero manter

minha promessa. Aliás, como já está escurecendo, vou deixar você e ir-me embora. Portanto, adeus e boa viagem.

— Mas aonde vai com tanta pressa?

— Para casa. A minha boa Fada me pediu que eu voltasse antes do anoitecer.

— Espere mais dois minutos.

— Estou me atrasando.

— Só mais dois minutos.

— E se a Fada ralar comigo?

— Deixe-a ralar. E, depois de ter gritado bastante, acabará se calando — disse o safado do Pavio.

— E como vai partir? Sozinho ou com outros?

— Sozinho? Somos mais de cem garotos.

— E vão a pé? — Daqui a pouco virá uma carroça para me pegar e me levar até os confins desse afortunado país.

— Daria tudo para ver a carroça passar agora!

— Por quê?

— Para ver vocês todos partindo.

— Fique aqui mais um pouco e vai ver.

— Não posso: quero voltar para casa.

— Espere mais dois minutos.

— Já me demorei até demais. A Fada deve estar preocupada por minha causa.

— Pobre Fada! Deve ter medo até de que os morcegos o comam.

— Mas, então — retomou Pinóquio —, você está bem seguro de que nesse país não há mesmo escolas?

— Nem sombra.

— Nem mesmo professores?

— Nem um sequer.

— E não se tem obrigação de estudar?

— Nunca, nunca, jamais!

— Que país ótimo! — disse Pinóquio, sentindo água na boca. — Que país ótimo! Nunca estive lá, mas posso imaginar.

— Por que você não vem também?

— É inútil tentar-me. Agora já prometi à minha boa Fada que me tornaria um menino de juízo e não quero faltar com minha promessa.

— Então adeus, e lembranças à escola... e também ao colégio e a outros que encontrar pelo caminho.

— Adeus, Pavió: faça boa viagem, divirta-se e lembre-se de vez em quando dos amigos.

Dizendo isto, o boneco deu dois passos no sentido de ir-se embora; mas, em seguida, parou e voltando-se para o amigo, perguntou:

— Mas você está seguro de que nesse país todas as semanas são compostas de seis quintas-feiras e de um domingo?

— Seguríssimo!

— Mas está certo de que as férias começam a primeiro de janeiro e acabam no último dia de dezembro?

— Certíssimo!

— Que país ótimo! — repetiu Pinóquio, sentindo um falso consolo. Depois, de ânimo resoluto, ergueu-se todo apressado.

— Então, adeus mesmo; e boa viagem.

— Adeus.

— E quando parte?

— Daqui a pouco.

— Que pena! Se faltasse apenas uma hora para a partida, seria quase capaz de esperar.

— E a Fada?

— Agora já ficou tarde... e voltar para casa uma hora antes ou depois dá no mesmo.

— Pobre Pinóquio! E se a Fada ralar com você?

— Paciência! Vou deixá-la gritar. E, quando tiver gritado bastante, vai se calar.

Enquanto isso, a noite caíra, uma noite escura, quando de repente viram mover-se à distância uma luzinha e ouviram um

som de guizos e um toque claro de trombeta, tão leve e sufocado que parecia um zumbido de mosquito.

— Lá vem! — gritou Pávio, erguendo-se de pé.

— Quem? — perguntou Pinóquio em voz baixa.

— É a carroça que vem me buscar. Então, quer vir ou não, diga logo?

— Mas é verdade mesmo — perguntou o boneco — que nesse país os meninos não têm obrigação de estudar? — Nunca, nunca, jamais!

— Que país ótimo, que país ótimo, que país ótimo!

· CAPÍTULO XXXI ·

Depois de cinco meses no País dos Folgados, Pinóquio, para sua grande surpresa, sente crescer-lhe um belo par de orelhas de asno e se torna um burrinho com rabo e tudo.



FINALMENTE A CARROÇA CHEGOU; E CHEGOU SEM FAZER o menor ruído, porque as rodas estavam enfaixadas de estopa e de retalhos. Era puxada por doze parelhas de burricos, todos do mesmo tamanho, mas de pelagens diversas.

Alguns eram cinzentos, outros brancos, outros pintalgados do tipo sal e pimenta, e outros ainda malhados com grandes estrias amarelas e azuis.

Mas a coisa mais estranha era esta: aquelas doze parelhas, ou seja, aqueles vinte e quatro burricos, em vez de estarem ferrados como todos os animais de carga ou de transporte, tinham nos pés botinas de homem, todas de couro branco.

E o cocheiro?

Imaginem um homenzinho mais largo que comprido, afável e seboso como uma barra de manteiga, com uma carinha de jambo, uma boquinha que sorria sempre e uma voz sutil e acariciante, como a de um gato que quer conquistar o bom coração da patroa.

Todos os meninos que o viam ficavam logo encantados e faziam menção de subir em sua carroça para serem conduzidos àquele verdadeiro reino encantado, conhecido na carta geográfica pelo nome de País dos Folgedos.

De fato a carroça já estava carregada de meninos entre os oito e os doze anos, amontoados uns sobre os outros como sardinhas em lata. Estavam se sentindo mal, amassados, quase não podiam respirar; mas ninguém dizia um ai, ninguém se lamentava. O consolo de saberem que dali a poucas horas iriam chegar a um país em que não havia nem livros, nem escolas, nem professores, faziam-nos tão contentes e resignados que não sentiam nem desconforto, nem fadiga, nem fome, nem sede, nem sono.

Mal a carroça parou, o Homenzinho aproximou-se de Pávio e, com mil trejeitos e salamaleques, perguntou-lhe sorrindo:

— Diga, meu jovem, se você também quer ir para aquele venturoso país?

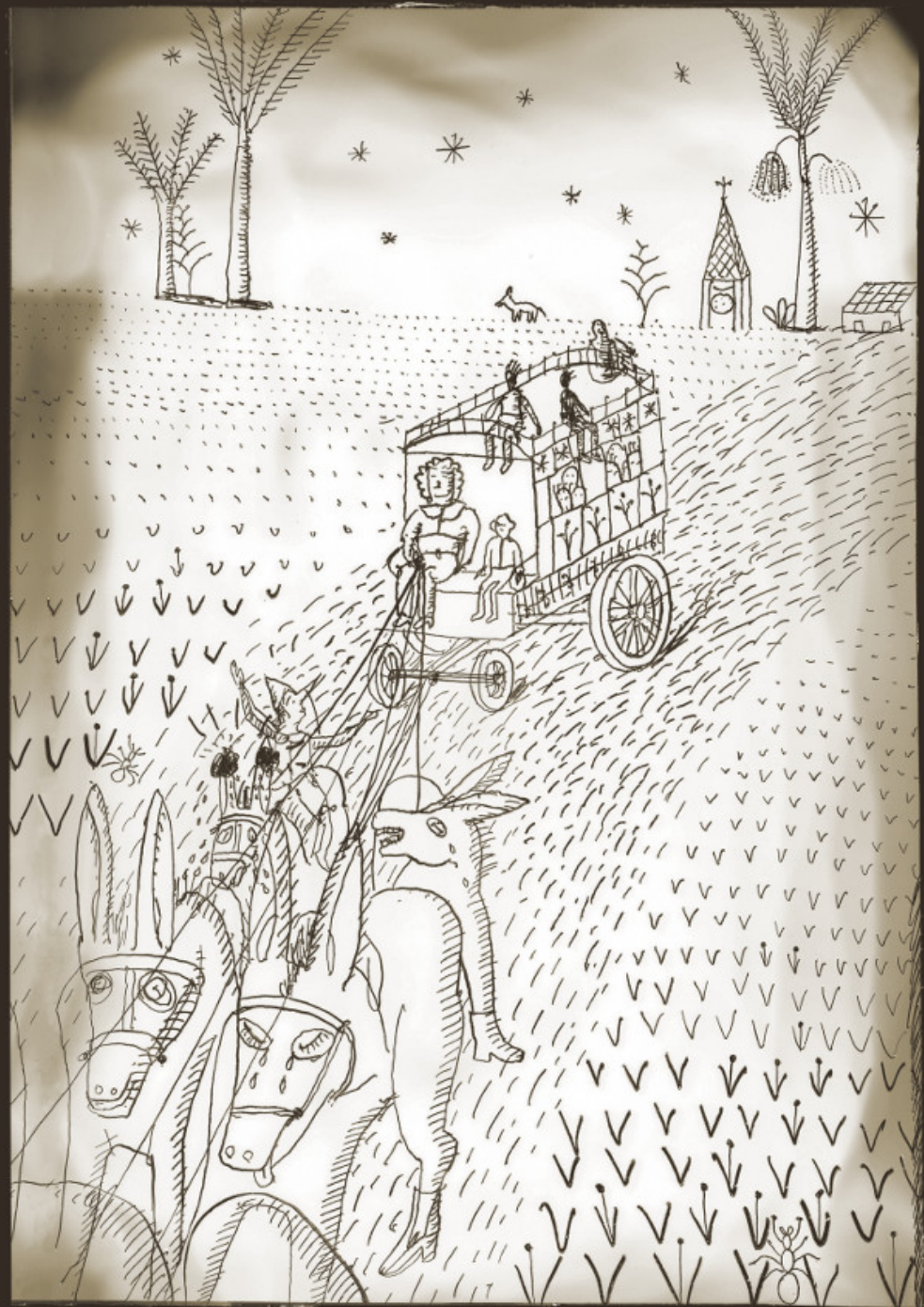
— Claro que quero ir.

— Mas eu previno, meu queridinho, que na carroça não há mais lugar. Como vê, está lotada.

— Paciência! — replicou Pavio. — Se não tem lugar lá dentro, eu me submeto a ir sentado nos varais da carroça. E, dando um salto, aboletou-se a cavalo num dos varais.

— E você, queridinho — disse o Homenzinho dirigindo-se todo cerimonioso a Pinóquio —, que pretende fazer? Vir conosco ou ficar aqui?

— Eu fico — respondeu Pinóquio. — Quero voltar para casa, quero estudar e tirar boas notas na escola, como fazem todos os meninos de bem.



– Que tenha bom proveito!

– Pinóquio! – disse então Pavio. – Ouça o meu conselho: venha logo conosco e seremos felizes.

– Não, não e não!

– Venha conosco e seremos felizes – gritaram outras quatro vozes de dentro da carroça.

– Venha conosco e seremos felizes – berraram todas juntas uma centena de vozes de dentro do carro.

– Mas, se eu for com vocês, o que dirá a minha boa Fada? – disse o boneco, que começava a amolecer e a faltar à promessa.

– Não encha a cabeça com tantas preocupações. Pense que vamos para um país onde poderemos fazer algazarra da manhã à noite.

Pinóquio não respondeu, mas soltou um suspiro; depois deu outro suspiro e mais um terceiro suspiro, e finalmente disse:

– Arranje um lugarzinho para mim, que eu também quero ir.

– Os lugares estão todos tomados – replicou o Homenzinho –, mas, para lhe mostrar o quanto é bem-vindo, posso lhe dar meu lugar na boleia.

– E o senhor?

– Eu faço o caminho a pé. – Não, de maneira alguma, que isso não permito. Prefiro montar na garupa de um desses burricos – gritou Pinóquio.

Dito isso, aproximou-se do burrico que estava à direita da primeira parelha e fez menção de querer montá-lo: mas o animalejo, virando-se instantaneamente, deu-lhe uma grande focinhada no estômago que o atirou de pernas para o ar.

Imaginem a risalhada impertinente e arrebatada de todos aqueles meninos presentes à cena.

Mas o Homenzinho não riu. Aproximou-se cheio de amabilidades do burrico rebelde e, fingindo que ia dar-lhe um beijo, arrancou-lhe com uma dentada a metade da orelha direita.

Enquanto isso, Pinóquio, levantando-se do chão enfurecido, alcançou com um salto a garupa do pobre animal. E o salto foi tão bonito que os meninos pararam de rir e começaram a gritar “Viva Pinóquio!” e a bater uma saraivada de palmas que não acabava mais.

Mas eis que de repente o burrico levantou as duas patas da frente e deu um fortíssimo pinote, arremessando o pobre boneco no meio da estrada em cima de um monte de areia.

Então voltaram as risadas de antes: mas o Homenzinho, em vez de rir, viu-se tomado de tanto amor por aquele inquieto burrico que, com um beijo, arrancou-lhe de uma vez a metade da outra orelha. Depois disse ao boneco:

— Monte de novo a cavalo e não tenha medo. Aquele burrico tinha algum grilo na cabeça, mas eu lhe disse duas palavrinhas no ouvido e espero que ele agora fique manso e sensato.

Pinóquio montou e a carroça começou a se mover, mas, enquanto os burricos galopavam e a carroça corria sobre as lajes da estrada principal, pareceu ao boneco ouvir uma voz baixinha e apenas inteligível que lhe dizia:

— Pobre idiota, quis fazer as coisas a seu modo, mas vai se arrepender.

Pinóquio, um tanto assustado, olhou para um lado e para o outro a fim de descobrir de onde vinham tais palavras, mas não viu ninguém: os burricos galopavam, a carroça corria e os meninos dentro dela dormiam, Pávio roncava como um porco e o Homenzinho, sentado à boleia, cantarolava entre os dentes:

*Todos dormem à noite,
mas eu não durmo jamais...*

Percorrido outro meio quilômetro, Pinóquio ouviu de novo a mesma vozinha que lhe dizia:

— Lembre-se disto, seu pateta! Os meninos que deixam de estudar e voltam as costas para os livros, para a escola e os professores, para se entregarem inteiramente aos brinquedos e diversões, não podem ter senão um fim miserável... Eu sei por experiência própria... e posso bem lhe dizer. Vai chegar um dia em que você também há de chorar, como hoje eu choro... mas então será tarde. A estas palavras sussurradas bem baixinho, o boneco, amedrontado mais que nunca, saltou da garupa da sua cavalgada e foi pegar o burrico pelo focinho. E imaginem como ficou quando se deu conta de que seu burrico chorava... e chorava igualzinho a um menino! — Hei, seu Homenzinho — gritou Pinóquio ao condutor da carroça —, sabe o que está havendo? Este burrinho chora.

— Deixe-o chorar: ele vai rir quando se casar.

— Mas o senhor por acaso lhe teria ensinado também a falar?

— Não: ele aprendeu sozinho a balbuciar algumas palavras, quando esteve na companhia de cães amestrados.

— Pobre animal!

— Vamos, vamos — disse o Homenzinho —, não percamos tempo vendo um burro chorar. Monte de novo e vamos: a noite é fresca e a estrada é longa.

Pinóquio obedeceu sem reclamar. A carroça retomou a sua marcha: e, de manhã, ao raiar do dia, chegaram felizes ao País dos Folguedos.

O país não se parecia com nenhum outro do mundo. A população era formada apenas de meninos. O mais velho deles tinha catorze anos e o mais jovem não chegava a oito. Pelas ruas uma alegria, um alvoroço, uma berraria de estourar os tímpanos! Bandos de garotos por toda parte: aqui se jogava birosca, ali malha, mais além bola; alguns andavam de velocípede, outros de cavalinho de pau; uns brincavam de cabra-cega, outros de esconde-esconde; uns, vestidos de palhaços, brincavam de engolir fogo; outros recitavam, cantavam, davam saltos-mortais; aqui se

divertia em andar com as mãos no chão e com as pernas para o ar; ou se rodava arco, passeava-se vestido de general com um elmo de papel e o espadão de cartolina; aqui se ria, ali se gritava, além se chamava, batiam-se palmas, assoviava-se, imitava-se o som da galinha botando ovo: em suma um tal pandemônio, um tal vozerio, uma tal balbúrdia endiabrada de se meter algodões nos ouvidos para não se ficar surdo. Em todas as praças, teatrinhos de lona, repletos de meninos da manhã à noite, e em todos os muros das casas viam-se escritas a carvão coisas belíssimas como estas: “queremo us brinquedo”, “abacho a escola”, “xega de deveris” e outras pérolas do gênero.

Pinóquio, Pávio e todos os outros meninos que fizeram a viagem com o Homenzinho, mal puseram o pé na cidade se entrosaram logo na grande balbúrdia e, em poucos minutos, como é fácil de imaginar, tornaram-se amigos de todos. Quem era o mais feliz, o mais contente deles todos?

Em meio aos contínuos passatempos e às mais variadas diversões, as horas, os dias, as semanas passavam como se fossem relâmpagos.

— Oh, que bela vida! — dizia Pinóquio todas as vezes em que se encontrava com Pávio.

— Está vendo como eu tinha razão? — retomava este último. — E pensar que você não queria vir! E pensar que tinha metido na cabeça a ideia de voltar para a casa da sua Fada, para perder seu tempo estudando!... Se hoje você se libertou da chatice dos livros e da escola, deve isso a mim, aos meus conselhos, à minha insistência: não concorda? Só os verdadeiros amigos são capazes de nos proporcionar estes favores?



— É verdade, Pávio. Se hoje sou um menino verdadeiramente feliz, o mérito é todo seu. E o nosso professor, ao contrário, sabe o que me dizia a seu respeito? Dizia sempre: “Não ande com aquele malandro do Pávio, porque o Pávio é um mau companheiro e não pode aconselhar os outros senão para o mal”.

— Pobre professor! — replicou o outro balançando a cabeça. — Sabia bem que ele não me engolia e não cansava de me caluniar; mas eu sou generoso e o perdoo!

— Grande alma! — disse Pinóquio, abraçando afetuosamente o amigo e lhe dando um beijo na testa.

Contudo, já havia cinco meses que durava essa bela fantasia de brincadeiras e diversões o dia inteiro, sem sequer olhar para um livro, ou para uma escola, quando certa manhã Pinóquio, acordando, teve, como se costuma dizer, uma baita surpresa que o pôs realmente de mau humor.

· CAPÍTULO XXXII ·

Pinóquio vê que lhe cresceram
orelhas de asno e depois
se transforma realmente
num burrico
e começa a rinchar.



E A SURPRESA, QUAL FOI?

Eu lhes direi, meus caros e jovens leitores: a surpresa foi que ao acordar, Pinóquio ficou com vontade de coçar a cabeça; e ao coçar a cabeça percebeu...

Será que adivinham o que ele percebeu?

Percebeu para seu enorme espanto que as suas orelhas haviam crescido mais de um palmo.

Vocês sabem que o boneco, desde que nasceu, tinha umas orelhas muito pequeninas, tão pequenas que, a olho nu, quase não se viam. Imaginem agora a cara dele quando pôde perceber que as orelhas, durante a noite, tinham crescido tanto que pareciam duas vassouras de esfregão.

Foi logo à procura de um espelho para poder ver-se; mas, não encontrando um espelho, encheu de água a bacia do lavabo e, refletindo-se nela, viu o que jamais queria ver: ou seja, viu sua imagem embelezada com um magnífico par de orelhas de burro.

Deixo a vocês pensarem na dor, na vergonha e no desespero do pobre Pinóquio.

Começou a chorar, a berrar, a bater com a cabeça na parede; mas, quanto mais se desesperava, mais as suas orelhas cresciam e cresciam e cresciam, ficando peludas na parte de cima.

Ao barulho daquela gritaria agudíssima, entrou no quarto uma bela Marmotinha que morava no andar de cima, a qual, vendo o boneco em tão grande inquietação, perguntou-lhe:

— Que houve, meu caro vizinho?

— Estou doente, Marmotinha minha, muito doente... e doente de uma enfermidade que me dá muito medo. Você sabe tomar o pulso?

— Um pouquinho.

— Veja então se por acaso estou com febre.

A Marmotinha ergueu a pata direita dianteira e, depois de haver tomado o pulso de Pinóquio, disse-lhe suspirando:

— Meu amigo, sinto ter de dar uma triste notícia.

— Qual?

— Você está com uma baita febre.

— E que febre é esta?

— É a febre asinina.

— Não entendo o que seja essa febre — respondeu o boneco, que no entanto havia compreendido muito bem.

— Pois vou explicar — acrescentou a Marmotinha. — Saiba que daqui a duas ou três horas você não será mais nem boneco nem menino...

— E que serei?

— Daqui a duas ou três horas você se transformará num verdadeiro burro, como esses que puxam carroças e levam legumes ao mercado.

— Ai! pobre de mim, pobre de mim! — gritou Pinóquio agarrando com ambas as mãos as duas orelhas e as puxando e torcendo raivosamente como se fossem as orelhas de um outro.

— Meu caro — replicou a Marmotinha para consolá-lo —, que está querendo fazer? Cumpriu-se o destino. Está escrito nos decretos da sabedoria que todos os meninos preguiçosos que, desprezando os livros, a escola e os professores, passam os dias em brincadeiras, jogos e diversões, vão acabar mais cedo ou mais tarde se transformando em verdadeiros asnos.

— Mas isto é verdade mesmo? — perguntou soluçando o boneco.

— Infelizmente, é. E então não adianta chorar. O certo era ter pensado antes!

— Mas a culpa não é minha: a culpa, acredite, Marmotinha, é toda do Pavio.

— E quem é esse Pavio?

— Um colega de escola. Eu queria voltar para casa, queria ser obediente, queria continuar a estudar para ser alguém... mas Pávio me disse: “Por que vai se amolar estudando? por que ir à escola? Antes venha comigo ao País dos Folguedos: lá não se estuda mais, lá nós vamos nos divertir da manhã à noite e seremos sempre felizes”.

— E por que você seguiu o conselho desse falso amigo? Desse mau companheiro?

— Por quê?... Porque, Marmotinha minha, porque sou um boneco sem juízo... e sem coração. Oh, se tivesse um tiquinho de coração jamais teria abandonado aquela boa Fada que me queria tanto como se fosse minha mãe e que fez tanto por mim!... E a esta hora eu não seria mais um boneco, mas sim um garoto educado como há tantos. Mas, se eu encontrar de novo esse Pávio, ai dele! Vou lhe dizer poucas e boas.

E fez menção de querer sair. Mas, quando chegou à porta, lembrou-se de que tinha orelhas de burro e, com vergonha de mostrá-las em público, que foi que inventou? Apanhou um grande gorro de algodão e, enfiando-o na cabeça, enterrou-o até a ponta do nariz.

Depois saiu e começou a procurar Pávio por toda parte. Procurou-o nas ruas, nas praças, nos teatrinhos, em todos os lugares: mas não o encontrou. Pediu notícias dele a todas as pessoas que encontrava no caminho, mas ninguém o havia visto.

Então foi procurá-lo em casa e, chegando à porta, bateu.

— Quem é? — perguntou Pávio lá de dentro.

— Sou eu — respondeu o boneco.

— Espera um pouco que vou abrir.

Depois de meia hora a porta se abriu: e imaginem como ficou Pinóquio quando, entrando no quarto, viu seu amigo com um grande gorro de algodão na cabeça, que lhe descia até o nariz.

À vista daquele gorro, Pinóquio sentiu quase um consolo e pensou logo dentro de si: “Será que ele adoeceu da mesma

enfermidade que eu? Que também está com a febre asinina?”.

E, fingindo não ter se dado conta de nada, perguntou sorrindo:

— Como vai, meu caro Pávio? — Vou muito bem: como um rato numa forma de queijo parmesão.

— Está falando sério?

— E por que haveria de mentir?

— Desculpe, amigo, mas por que você tem na cabeça esse gorro de algodão que lhe cobre as orelhas?

— Foi o médico que me mandou usar, porque machuquei o joelho. E você, meu caro boneco, por que está com esse gorro de algodão enfiado até o nariz?

— Foi o médico que me mandou usar, porque esfolei o pé.

— Ah, pobre Pinóquio!

— Ah, pobre Pávio!

Depois destas palavras houve um longuíssimo silêncio, durante o qual os dois amigos não fizeram outra coisa senão olhar-se entre si com ar de deboche.

Finalmente o boneco, com uma vozinha melosa e flautada, disse ao companheiro:

— Desculpe a curiosidade, meu caro Pávio, mas você já sofreu alguma vez de dor de ouvido?

— Nunca!... e você?

— Nunca! Porém hoje pela manhã comecei a sentir uma dor no ouvido.

— Também senti a mesma coisa.

— Você também?... E qual o ouvido que lhe dói?

— Os dois. E em você?

— Os dois também. Será a mesma doença?

— Tenho medo que seja.

— Quer me fazer um favor, amigo Pávio?

— Claro! Com muito gosto!

— Deixe-me ver seus ouvidos?

— Por que não? Mas, antes, quero ver os seus, meu caro Pinóquio.

— Não: o primeiro deve ser você.

— Não, meu caro! Primeiro você e depois eu.

— Pois bem — disse então o boneco —, vamos fazer um trato como bons amigos.

— Que espécie de trato?

— Vamos tirar juntos os gorros ao mesmo tempo: topa?

— Topo.

— Então, vamos lá! — E Pinóquio começou a contar em voz alta:

— Um! dois! três!

À palavra três, os dois meninos tiraram os gorros da cabeça e os atiraram para o ar.

E então ocorreu uma cena que pareceria incrível se não fosse verdade. Ou seja, ocorreu que Pinóquio e Pávio, quando se viram ambos sofrendo da mesma moléstia, em vez de ficarem mortificados e lamentosos, começaram a abanar suas orelhas desmesuradamente crescidas e, depois de mil molecagens, acabaram por dar uma bela risada.

E riram, riram, riram, até não poder mais, até que, no melhor do riso, Pávio de repente se calou e, cambaleando e mudando de cor, disse ao amigo:

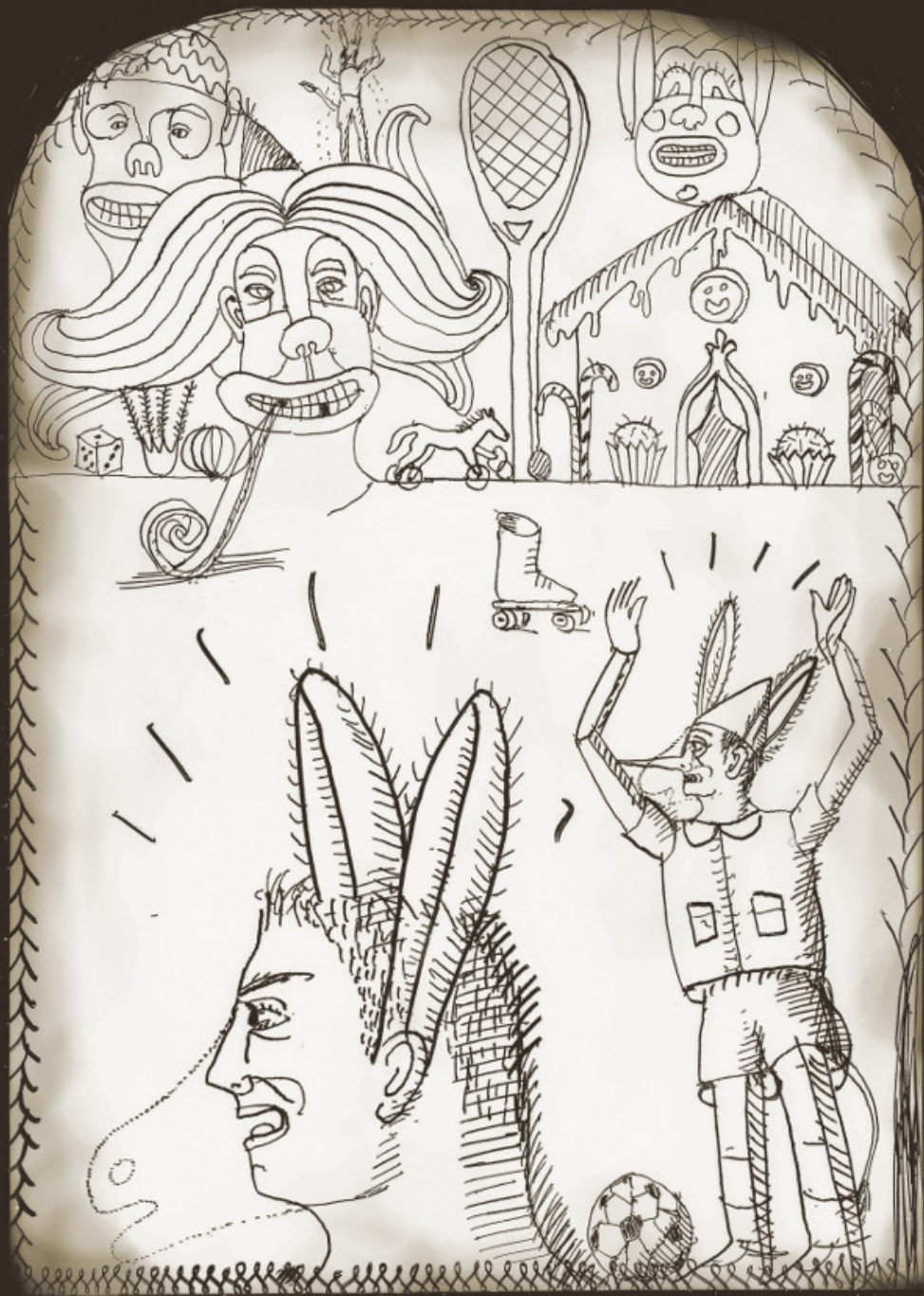
— Socorro, Pinóquio, ajude-me!

— Que você tem?

— Ai de mim, não consigo mais manter-me em pé.

— Nem eu tampouco — gritou Pinóquio chorando e vacilando.

E, enquanto diziam isso, puseram-se os dois a engatinhar e, caminhando com as mãos e os pés, conseguiram mover-se correndo pelo quarto. E, à medida que corriam, seus braços se tornaram patas, os rostos se alongaram em formato de focinho e as costas se cobriram de um pelame amarelado claro, malhado de negro.



Mas o momento mais terrível para os dois coitados, sabem qual foi? O momento mais terrível e humilhante foi quando sentiram que atrás lhes cresciam rabos. Arrasados então pela vergonha e pelo sofrimento, tentaram chorar e lamentar a sorte.

Melhor não o tivessem feito! Em vez de gemidos e lamentos, emitiram zurros asnáticos; e, zurrando sonoramente, faziam ambos em coro:

– Ihah, ihah, ihah.

Neste momento, bateram à porta, e uma voz de fora lhes disse:

– Abram! Sou o Homenzinho, o cocheiro que os trouxe a este país. Abram logo, senão vocês vão ver!

· CAPÍTULO XXXIII ·

Tornando-se um burrico
de verdade, Pinóquio é
posto à venda e comprado
pelo diretor de uma
companhia de circo,
que lhe ensina a dançar
e a saltar por entre um
arco; mas numa noite
ele fica manco e é então
comprado por outra
pessoa que quer fazer um
tambor com sua pele.



VENDO QUE A PORTA NÃO SE ABRIA, O HOMENZINHO A escancarou com um violentíssimo pontapé; e, depois de entrar no quarto, disse com seu risinho de costume a Pinóquio e a Pávio:

– Muito bem, meninos! Urraram muito bem, e eu logo os reconheci pela voz. E por isso estou aqui.

A estas palavras, os dois burricos ficaram quietinhos, de cabeça baixa, as orelhas caídas e o rabo entre as pernas.

A princípio, o Homenzinho os alisou, acariciou, apalpou; depois, apanhando uma escova, começou a raspá-los para valer. E então, depois de ter furiosamente raspado, tornando-os lustrosos como dois espelhos, passou-lhes o cabresto e os levou para a praça do mercado, esperando vendê-los e abocanhar algum lucro.

E os compradores, de fato, não se fizeram esperar.

Pávio foi comprado por um lavrador cujo burrico havia morrido no dia anterior, e Pinóquio foi vendido ao Diretor de uma companhia de palhaços e puladores de corda, que o comprou para amestrá-lo e fazê-lo mais tarde saltar e dançar junto com os outros animais da companhia.

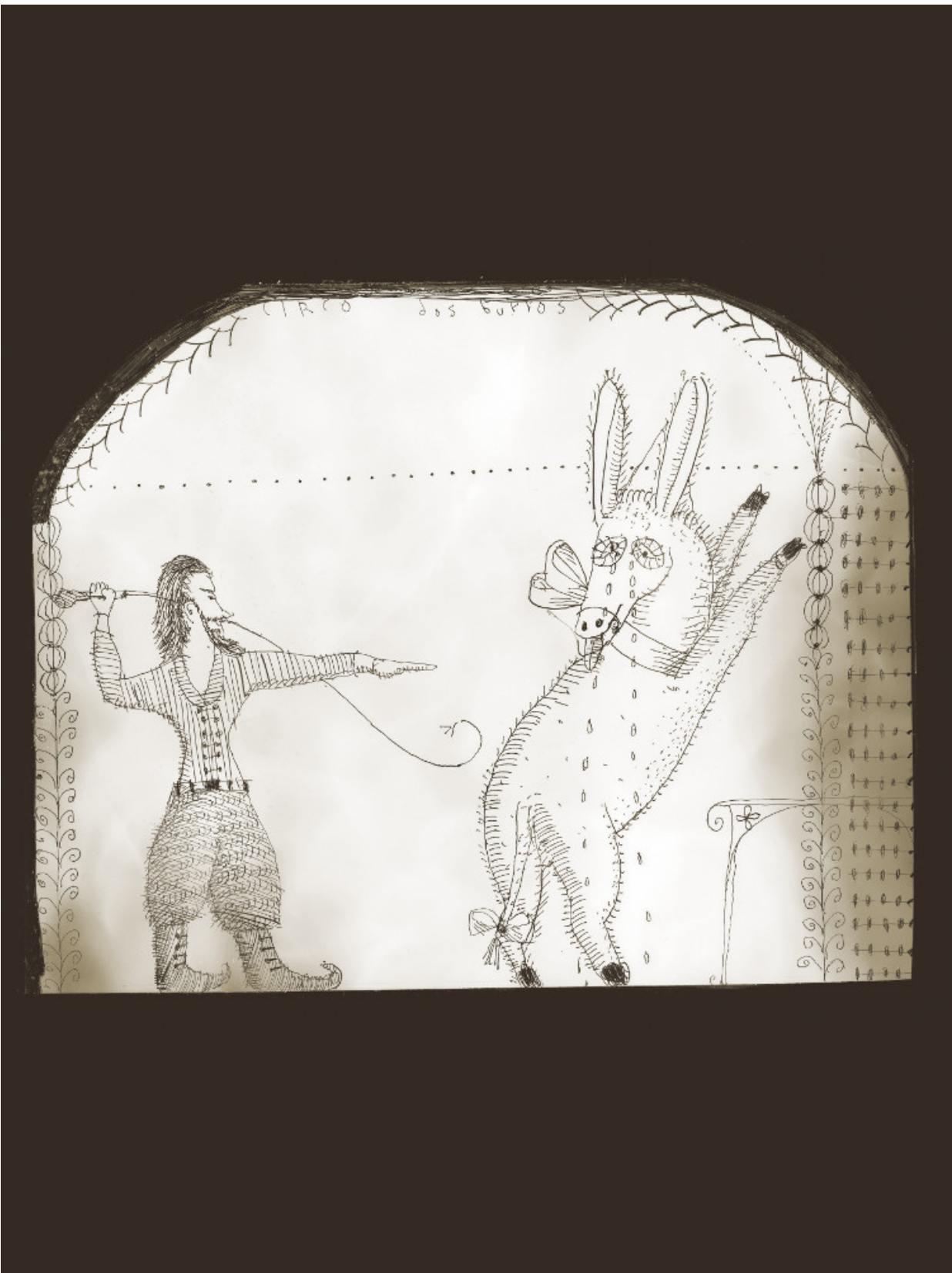
E agora vocês compreenderam, meus caros pequenos leitores, qual era a boa profissão do Homenzinho? Este horrível monstrengo, que tinha uma fisionomia tão águia com açúcar, ia de quando em quando por aí com uma carroça e no caminho recolhia com promessas e dengos todas as crianças negligentes que tinham aversão aos livros e à escola e, depois de havê-las carregado na carroça, levava-as para o País dos Folguedos, onde passariam todo o tempo a brincar, na pândega e se divertindo. Quando depois aqueles pobres meninos iludidos, por força de se entreterem sem nunca estudar, se transformavam em burricos, ele então, todo alegre e contente, os levava para vendê-los nas feiras e mercados. E assim em poucos anos havia juntado um bom dinheiro e se tornara milionário.

O que aconteceu com Pávio, não sei: sei por alto que Pinóquio enfrentou, desde o primeiro dia, uma vida duríssima e fatigante. Quando foi levado para a estrebaria, o novo patrão encheu-lhe a manjedoura de palha: mas Pinóquio, depois de ter provado uma bocada, cuspiu fora.

Então o patrão, resmungando, encheu a manjedoura de feno: mas nem mesmo o feno lhe agradou.

— Ah, não gosta também de feno? — gritou o patrão emburrado. — Fique sabendo, meu bom burrico, que, se tem caprichos na cabeça, eu saberei bem como tirá-los.

E, a título de correção, sapecou-lhe logo uma chicotada nas pernas.



Pinóquio, sentindo dores, começou a chorar e a zurrar, e zurrando dizia:

– Ihah, ihah, eu não consigo digerir a palha.

– Então coma o feno – replicou o patrão, que entendia perfeitamente o dialeto asinino.

– Ihah, ihah, o feno me dá dores no corpo.

– Você acha então que um burrico igual a você deva ser mantido a peito de frango e galantina? – acrescentou o patrão, enfurecendo-se cada vez mais e lhe vibrando uma segunda chicotada. Àquela segunda chicotada, Pinóquio, por prudência, aquietou-se e não disse mais nada.

No entanto, quando fecharam a estrebaria e Pinóquio lá permaneceu sozinho, por ter passado horas sem comer começou a bocejar de fome. E ao bocejar arreganhava uma boca que parecia um forno.

Por fim, não encontrando outra coisa na manjedoura, resignou-se a mastigar um pouco de feno; e, depois de mastigá-lo muito bem, fechou os olhos e o engoliu.

“Até que este feno não é mau”, disse dentro de si, “mas como seria muito melhor se eu tivesse continuado a estudar!... A esta hora, em vez de feno, podia estar comendo um bocado de pão fresco e uma bela fatia de salame. Paciência!...”

Na manhã seguinte, ao acordar, procurou logo na manjedoura mais um pouco de feno; não encontrou nada, pois havia comido tudo durante a noite.

Então pegou uma bocada de palha moída: mas, enquanto a mastigava, teve de admitir que o sabor da palha moída não se parecia nada com o do risoto à milanesa nem com o macarrão à napolitana.

– Paciência! – repetiu continuando a mastigar. – Que ao menos possa a minha desgraça servir de lição a todos os meninos

desobedientes que não têm vontade de estudar. Paciência!...
Paciência!...

— Paciência uma ova! — urrou o patrão, entrando naquele momento na estrebaria. — Acha, por acaso, meu belo burrico, que o comprei unicamente para lhe dar de comer e beber? Comprei para que trabalhe para mim e me faça ganhar muito dinheiro. Vamos, levante logo! Venha comigo ao circo para eu lhe ensinar a saltar por entre os arcos, a romper com a cabeça as tinas de papel, a dançar a valsa e a polca equilibrando-se nas patas traseiras.

O pobre Pinóquio, por bem ou por mal, teve que aprender todas essas tremendas coisas; mas, para aprendê-las, foram necessários três meses de lições e muitas chicotadas de tirar o pelo.

Chegou finalmente o dia em que o patrão pôde anunciar um espetáculo verdadeiramente extraordinário. Cartazes de várias cores, afixados nas esquinas das ruas, assim diziam:

GRANDE ESPETÁCULO DE GALA

ESTA NOITE. SERÃO REALIZADOS OS SALTOS HABITUAIS

E EXERCÍCIOS SURPREENDENTES

Executados por todos os artistas
e por todos os cavalos de ambos os sexos
da Companhia,
e mais:

SERÁ APRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ

O FAMOSO BURRICO PINÓQUIO,

conhecido como

A ESTRELA DA DANÇA

.....

O teatro estará feericamente iluminado

Aquela noite, como podem imaginar, uma hora antes de começar o espetáculo, o teatro já estava totalmente apinhado.



GRANDE

ESPECTÁCULO de gala

ESTA NOITE SERÃO REALIZADOS OS SALTOS HABITUAIS
e EXERCÍCIOS SURPREENDENTES
executados por todos os artistas e por todos os
cavalos de ambos os sexos da
companhia, e mais:

Será apresentado pela primeira vez
o famoso burrico **Pinóquio,**
conhecido como

A ESTRELA D'ADANÇA

* * * o teatro estará felicemente
iluminado! * * *



Não havia nem mais uma poltrona, nem frisas disponíveis, nem um camarote sequer, mesmo a peso de ouro.

As arquibancadas do circo formigavam de meninos, meninas e rapazes de todas as idades, que estavam loucos para ver dançar o famoso burrico Pinóquio.

Terminada a primeira parte do espetáculo, o Diretor da companhia, vestido de casaca negra, culotes brancos e botas de couro até acima dos joelhos, apresentou-se ao mui aglomerado público e, fazendo uma grande reverência, principiou com muita solenidade o seguinte e despropositado discurso: — Respeitável público, senhoras damas e cavalheiros! O humilde subscritor de passagem por esta ilustre metrópolis teve por bem conceder-me a honra senão o prazer de apresentar a este inteligente e conspícuo auditório o célebre burrico que teve o privilégio de dançar na presença de Sua Majestade, o Imperador de todas as Cortes principais da Europa. E com os meus preclaros agradecimentos, amparado em vossa animadora presença, vos conclamo!”.

Tal discurso foi acolhido com muitas risadas e muitos aplausos; mas os aplausos se multiplicaram tornando-se uma espécie de furacão quando apareceu o burrico Pinóquio no meio da arena. Estava todo enfeitado como para uma festa. Tinha uma rédea nova de couro reluzente com fivelas e tachas de latão, duas camélias brancas nas orelhas, a crina dividida em muitos cachos presos por cordões de seda carmesim, uma grande faixa de ouro e prata em volta da barriga, e a cauda toda trançada com fitas de veludo amarelo e azul-celeste. Era em suma um burrico apaixonante.

O Diretor, ao apresentá-lo ao público, acrescentou estas poucas palavras:

— Meus respeitáveis audientes! Não venho aqui para vos mentir sobre as grandes dificuldades que pesaram sobre mim para compreender e subjugar este mamífero, enquanto pastava livremente pelas montanhas da planície da zona tórrida. Observai,

solicito-vos, quanta selvageria transborda de seus olhos, donde considerar-se como sendo proezas vaidosas todos os meios empregados para domesticá-lo à vida dos quadrúpedes civilizados, obrigando-me muitas vezes a recorrer ao afável dialeto do chicote. Mas todas as gentilezas minhas, em vez de me fazer benevolente aos olhos dele, contrariamente em sua maior parte tornaram-lhe o ânimo agressivo. Mas, de minha parte, seguindo o método de Galles, encontrei em seu crânio uma cartilágena óssea, que a própria Faculdade Medicinal de Paris reconhece como sendo o bulbo regenerador dos cabelos e da dança pírrica. E por essa razão foi que eu determinei amestrá-lo na dança, e bem assim nos relativos saltos entre arcos e sobre barricadas forradas de papel. Admirai-o e depois julgai! Mas, antes de me despedir de vós, permiti-me, senhores, que eu vos convide para o espetáculo diurno de amanhã à noite; mas na apoteose de que o tempo chuvoso ameace água, então o espetáculo, em vez de amanhã à noite, será posticipado para depois de amanhã, às onze horas antimeridianas da tarde.

Aqui o Diretor fez outra profundíssima reverência, e a seguir, voltando-se para Pinóquio, disse:

— Coragem, Pinóquio. Antes de dar início os exercícios, cumprimente o respeitável público, cavalheiros, damas e moçada!

Pinóquio, obediente, dobrou logo os joelhos da frente até o chão e permaneceu ajoelhado o tempo todo, até que o Diretor, estalando o chicote, gritou:

— A passo!

Então o burrico se ergueu nas quatro patas e começou a girar no picadeiro, andando sempre a passo.

Depois de um pouco, o Diretor gritou:

— A trote! — e Pinóquio, obedecendo ao comando, trocou o passo pelo trote.

— A galope! — e Pinóquio abalou-se a galope.

— A carreira! — e Pinóquio saiu numa desabalada carreira. Mas, enquanto ele corria como um puro-sangue, o Diretor, erguendo um braço no ar, disparou um tiro de pistola.

Àquele tiro, o burrico, fingindo estar ferido, caiu estendido no picadeiro qual se estivesse mesmo moribundo.

Erguendo-se do chão em meio a uma explosão de aplausos, de gritos e de palmas que subia pelos ares, teve naturalmente de erguer a cabeça e olhar para cima... e ao olhar viu num camarote uma bela senhora que trazia ao pescoço um grande colar de ouro, do qual pendia um medalhão. No medalhão estava pintado o retrato de um boneco.

“É o meu retrato!... e aquela senhora é a Fada!”, disse Pinóquio dentro de si, reconhecendo-a logo; e, deixando-se vencer pelo grande contentamento, tentou gritar:

— Ó minha Fadinha, ó minha Fadinha!

Mas, em vez destas palavras, saiu-lhe da garganta um zurro tão sonoro e prolongado que fez rir a todos os espectadores, particularmente todos os meninos que estavam no teatro. Então o Diretor, para lhe ensinar e fazê-lo compreender que não é de bom-tom zurrar em frente ao público, deu-lhe com o cabo do chicote uma pancada no focinho.

O pobre burrico, deitando para fora um palmo de língua, passou pelo menos cinco minutos lambendo as fuças, talvez pensando que com isto aliviasse a dor que sentia.

Mas qual foi seu desespero quando, olhando de novo para cima, viu que o camarote estava vazio e que a Fada havia desaparecido!...

Sentiu-se como para morrer: os olhos se encheram de lágrimas e começou a chorar copiosamente. Ninguém se deu conta disso e menos ainda o Diretor que, estalando ainda o chicote, gritou:

— Bravo, Pinóquio! Agora faça ver a estes senhores com que graça você sabe saltar entre os arcos.

Pinóquio tentou duas ou três vezes; mas toda vez que chegava em frente do arco, em vez de saltar entre ele, passava calmamente

por baixo. Por fim desferiu um salto e o atravessou, mas as patas traseiras ficaram desgraçadamente emaranhadas no arco: motivo por que caiu no chão, do outro lado, como um pacote.

Quando se ergueu, estava manco, e mal pôde voltar à cocheira.

— Venha Pinóquio! Queremos o burrico! Venha o burrico! — gritavam os rapazes da plateia, compadecidos e emocionados com o tristíssimo caso.

Mas o burrico naquela noite não mais apareceu.

Na manhã seguinte, o veterinário, quer dizer, o médico dos animais, quando veio examiná-lo, declarou que ele ficaria manco para o resto da vida.

Então o Diretor disse ao seu cavaliço:

— Que quer que eu faça com um burro manco? Seria uma boca inútil. Leve-o então à praça para vendê-lo.

Chegando à praça, encontraram logo um comprador, que perguntou ao cavaliço: — Quanto quer por este burrico manco?

— Vinte liras.

— Pois lhe dou vinte soldos. Não pense que vou comprá-lo para servir-me: é unicamente pelo seu couro. Vejo que tem o couro muito duro, e com ele quero fazer um tambor para a banda de música da minha terra.

Deixo a vocês, meninos, pensarem o pasmo em que o pobre Pinóquio ficou ao saber que estava destinado a se tornar tambor.

O fato é que o comprador, mal pagou os vinte soldos, conduziu o burrico para a beira do mar e, atando-lhe uma pedra ao pescoço, amarrou-lhe uma das patas com a corda que tinha nas mãos, deu-lhe de repente um empurrão e o atirou dentro da água.

Pinóquio, com aquele pedregulho no pescoço, foi logo ao fundo; e o comprador, segurando sempre a corda, ficou sentado numa pedra, dando ao burrico todo o tempo que quisesse para morrer afogado; depois era só tirar-lhe a pele.

· CAPÍTULO XXXIV ·

Pinóquio, atirado ao mar,
é comido pelos peixes e
volta a ser um boneco
de madeira como antes;
mas, ao nadar
para se salvar,
é engolido pelo
terrível Peixe-Cão.



DEPOIS DE ESTAR O BURRICO CINQUENTA MINUTOS EMBAIXO da água, o comprador disse, falando para si mesmo:

— A esta hora o meu pobre burrico manco já deve estar bem afogado. Vamos, pois, retirá-lo e fazer com sua pele um belo tambor.

E começou a puxar a corda com que o havia amarrado pela perna; e toca a puxar até que apareceu à flor da água... adivinhem? Em vez de um burrico morto, viu aparecer um boneco vivo, que saracoteava como se fosse uma enguia.

Vendo aquele boneco de madeira, o pobre homem achou que estava sonhando e ficou ali atordoado, de boca aberta e os olhos fora das órbitas. Recuperando-se um pouco desse primeiro estupor, disse a lamentar-se balbuciando:

— E o burrico que atirei no mar, onde está ele?

— O burrico sou eu — respondeu o boneco sorrindo.

— Você?

— Sim, eu.

— Ah, maroto! Está querendo por acaso debochar de mim?

— Debochar do senhor? Pelo contrário, meu patrão: estou falando sério.

— Mas como é possível que ainda há pouco você fosse um burrico, que atirei na água, e agora sai transformado num boneco de madeira?

— Talvez seja por efeito da água do mar. O mar nos prega às vezes cada peça!

— Pare com isto, seu boneco!... Não queira se divertir às minhas custas. Ai de você se eu perco a paciência!

— Pois bem, patrão: quer saber a história toda? Desate-me esta corda do pé que eu vou contar.

O bom trapalhão do comprador, curioso de conhecer a verdadeira história, desatou-lhe em seguida o nó da corda em que

estava amarrado; e então Pinóquio, achando-se livre como um pássaro no ar, começou a dizer o seguinte:

— Saiba que eu era antes um boneco de madeira, como sou agora, e estava a ponto de me tornar um menino como tantos outros deste mundo quando, por causa de minha pouca vontade de estudar, e por dar ouvidos aos maus companheiros, fugi de casa... e um belo dia, ao acordar, me encontrei transformado em burro com orelhas e tudo... e rabo também. Que vergonha foi a minha!... Uma vergonha, caro patrão, que o bendito Santo Antônio não a faça provar nem mesmo ao senhor! Posto à venda no mercado dos burros, fui comprado pelo Diretor de uma companhia equestre, que meteu na cachola a ideia de fazer de mim um grande bailarino e um grande saltador de arcos; mas uma noite, durante o espetáculo, levei um trambolhão no teatro e acabei manco das duas pernas. O Diretor aí, sem saber o que fazer de um asno manco, pôs-me de novo à venda e o senhor me comprou. — Infelizmente! Paguei vinte soldos por você. E agora quem vai me devolver meus pobres vinte soldos?

— E para que foi que me comprou? Comprou para fazer um tambor com a minha pele!... Um tambor!...

— Infelizmente! E agora onde vou encontrar outra pele?...

— Não se desespere, patrãozinho. Há tantos burricos neste mundo!

— Diga lá, seu moleque impertinente: e a sua história acaba aí?

— Não — respondeu o boneco —, mais outras duas palavras e então termino. Depois que me comprou, o senhor me trouxe para este lugar para me matar, mas então, cedendo a um sentimento humanitário, preferiu amarrar-me uma pedra no pescoço e me atirar ao fundo do mar. Este sentimento de benevolência lhe confere uma grande honraria e lhe sou eternamente reconhecido por isto. Mas, por outro lado, caro patrão, desta vez o senhor não considerou a Fada.

— Qual Fada?

— A minha mãe, que se assemelha a todas as boas mães que querem grande bem a seus filhos, e não os perde de vista, ajudando-os amorosamente em todas as desgraças, mesmo quando esses garotos, por seus desatinos e mau comportamento, merecessem ser abandonados e deixados à própria sorte. Mas eu dizia que a boa Fada, assim que me viu em perigo de afogar, mandou logo um imenso cardume que, acreditando de fato que eu fosse um burrico já morto, começaram a me comer. E que mordidas me davam! Nunca pensei que os peixes fossem ainda mais gulosos que os meninos... Uns me comeram as orelhas, outros o focinho, outros mais o pescoço e a crina, aquele a pele das patas, aquele outro o pelo do lombo... e no meio do cardume havia um peixinho mais gracioso que se dignou até mesmo de me comer a cauda.

— De hoje em diante — disse o comprador horrorizado —, juro que não vou mais provar carne de peixe. Seria muito desagradável se ao abrir um salmonete ou um badejo frito encontrasse lá dentro um rabo de burro.

— Penso como o senhor — replicou o burrico sorrindo. — Afinal, saiba que, quando os peixes acabaram de comer toda aquela crosta asinina que me recobria da cabeça aos pés, chegaram, como é natural, ao osso... ou, melhor dizendo, chegaram à madeira: porque, como está vendo, sou todo feito de madeira duríssima. Mas, depois de darem as primeiras mordidas, aqueles peixes glutões perceberam que a madeira não era carne para os seus dentes e, com náusea daquele alimento indigesto, lá se foram, cada qual para o seu lado, sem ao menos terem a gentileza de me agradecer. E assim fica narrado como foi que o senhor, puxando pela corda, acabou encontrando um boneco vivo em vez de um burrico morto.

— Não acho graça na sua história — gritou o comprador irritado. — Só sei que desembolsei vinte soldos para comprar você e quero meu dinheiro de volta. Sabe o que vou fazer? Levar você de volta

ao mercado e revendê-lo a peso de lenha seca para acender o fogo da lareira.

— Então me revenda: fico feliz — disse Pinóquio.

Mas, ao dizer isto, deu um belo salto e foi cair no meio da água. E, nadando alegremente e se afastando da praia, gritava ao pobre comprador:

— Adeus, patrão: lembre-se de mim se precisar de uma pele para fazer tambor.

E depois, rindo, continuava a nadar; após um tempo, voltando para trás, berrou mais forte:

— Adeus, patrão: se precisar de um pouco de lenha seca para acender a lareira, lembre-se de mim.

O fato é que com um piscar de olhos já se havia afastado tanto que não via quase mais nada; ou seja, via apenas na superfície do mar um pontinho negro que de tempos em tempos levantava as patas fora da água e dava saltos e cabriolas, como um golfinho quando está de bom humor.

Nesse entretanto em que Pinóquio nadava ao léu, viu no meio do mar um rochedo que parecia de mármore branco; e, em cima dele, uma bela Cabrinha que balia amorosamente e lhe fazia sinais para aproximar-se.

A coisa mais singular era esta: a lã da Cabrinha, em vez de ser branca ou preta, ou listrada de duas cores, como a das outras cabras, era em vez disso de cor turquesa, mas de uma cor turquesa fulgurante que fazia lembrar muitíssimo a dos cabelos da bela Mocinha. Deixo a vocês pensar se o coração do pobre Pinóquio começou a bater mais forte!

Redobrando forças e energia, pôs-se a nadar em direção do rochedo branco; e já estava a meio percurso, quando de repente surgiu fora da água e veio a seu encontro a horrível goela de um monstro marinho, com a boca arreganhada como um abismo, e três fileiras de presas que dariam medo mesmo se vistas em pintura.

E sabem quem era esse monstro marinho?



Aquele monstro marinho era, nem mais nem menos, o gigantesco Peixe-Cão mencionado tantas vezes nesta história e que, pela sua matança e por sua insaciável voracidade, era denominado o Átila dos peixes e dos pescadores...

Imaginem o espanto do pobre Pinóquio ao ver o monstro. Procurou desviar-se, mudar de rumo, tentou fugir; mas aquela boca imensa arreganhada vinha sempre ao seu encontro com a velocidade de uma flecha.

— Depressa, Pinóquio, pelo amor de Deus! — gritava balindo a bela Cabrinha.

E Pinóquio nadava desesperadamente com os braços, o peito, as pernas e os pés.

— Corre, Pinóquio, porque o monstro se aproxima!

E Pinóquio, recolhendo todas as suas forças, redobrava de alento na corrida.

— Vamos, Pinóquio!... senão o monstro vai pegá-lo!... Lá vem ele!... lá vem ele! Mais rápido, por favor, senão está perdido!

E Pinóquio a nadar mais rápido do que nunca, lá ia e ia e ia, como se fosse uma bala de fuzil. E já estava próximo do rochedo, e já a Cabrinha, debruçando-se toda para o mar, esticava para ele as patinhas dianteiras para ajudá-lo a sair da água...

Mas já era tarde! O monstro o havia alcançado: numa golada bebeu o pobre boneco tal como teria bebido um ovo de galinha; e o engoliu com tamanha violência e com tanta avidez, que Pinóquio, caindo dentro do corpo do Peixe-Cão, sofreu um choque tão violento que ficou atordoado por um quarto de hora.

Quando voltou a si daquele torpor, não conseguiu sequer concatenar em que mundo estaria. Ao seu redor havia em toda parte uma escuridão, mas uma escuridão tão negra e profunda que lhe parecia ter entrado de cabeça num tinteiro. Ficou à escuta e não ouviu nenhum rumor: somente de vez em quando sentia

fustigarem-lhe a cara umas grandes rajadas de vento. A princípio não conseguiu entender de onde saía aquele vento, mas depois compreendeu que ele vinha dos pulmões do monstro. Porque é preciso saber que o Peixe-Cão sofria muitíssimo de asma e, quando respirava, até parecia que soprava um vendaval.

Pinóquio, antes de mais nada, empenhou-se em tomar um pouco de coragem; mas, quando teve a prova e a contraprova de se encontrar preso no corpo do monstro marinho, começou a chorar e gritar, e chorando dizia:

— Socorro! socorro! Ai, pobre de mim! Não há ninguém aqui que me possa salvar?

— Quem acha que poderá salvá-lo, desgraçado? — disse naquela escuridão uma vozinha rachada de guitarra desafinada.

— Quem está falando aí? — perguntou Pinóquio, sentindo-se gelar de pavor.

— Sou eu: um pobre Atum, que foi engolido pelo Peixe-Cão como você. E que peixe você é?

— Não tenho nada a ver com peixes. Sou um boneco.

— E então, se não é peixe, por que se deixou engolir pelo monstro?

— Não fui eu que me deixei engolir: foi ele que me engoliu! E agora que devemos fazer aqui no escuro?

— Resignar-nos e esperar que o Peixe-Cão nos digira a nós dois.

— Mas eu não quero ser digerido! — berrou Pinóquio, recomeçando a chorar.

— Eu também não quero — acrescentou o Atum —, mas sou filósofo o bastante e me consolo pensando que, quando se nasce atum, há mais dignidade em se morrer embaixo da água do que dentro da fritura.

— Tolices! — gritou Pinóquio.

— Foi uma opinião — replicou o Atum —, e as opiniões, como dizem os atuns políticos, devem ser respeitadas.

— Em suma, quero ir-me embora daqui... quero fugir.

— Pois fuja, se você conseguir.

— Este Peixe-Cão que nos engoliu é muito grande? — perguntou o boneco.

— Imagine que o corpo dele tem mais de um quilômetro, sem contar a cauda.

Enquanto trocavam estas palavras no escuro, pareceu a Pinóquio que via muito ao longe uma espécie de clarão.

— Que coisa será aquela luzinha lá bem ao longe? — disse Pinóquio.

— Talvez seja algum nosso companheiro de infortúnio que esteja à espera como nós do momento de ser digerido.

— Pois vou ao encontro dele. Não poderia ser por acaso algum velho peixe capaz de me ensinar o caminho da fuga?

— Espero de coração que você consiga, caro boneco.

— Adeus, Atum.

— Adeus, boneco, e boa sorte.

— Será que nos veremos outra vez?

— Quem sabe?... É melhor nem pensarmos nisso!

· CAPÍTULO XXXV ·

Pinóquio encontra no bucho
do Peixe-Cão... quem mesmo?

Leiam este capítulo e
logo vão saber.



PINÓQUIO, ASSIM QUE DISSE ADEUS AO SEU BOM AMIGO Atum, saiu tateando em meio àquela escuridão e começou a caminhar às apalpadelas dentro do corpo do Peixe-Cão, acelerando um passo após o outro em direção àquele pequeno clarão que via tremeluzir lá longe, muito longe.

E ao caminhar sentia que seus pés chafurdavam numa poça de água gordurenta e escorregadia, que desprendia um odor agudo de peixe frito a ponto de lhe parecer estar em plena feira.

E, quanto mais avançava, mais o clarão se fazia reluzente e distinto; até que, nesse caminhar, enfim chegou lá, e, ao chegar... que foi que encontrou? Dou um doce para quem adivinhar: encontrou uma mesinha posta, tendo em cima uma vela acesa, metida dentro de uma garrafa de cristal verde e, sentado à mesa, um velhinho de cabelos brancos como se fossem de neve ou de creme de leite, que lá estava mascando alguns peixinhos vivos, mas tão vivos, que às vezes, enquanto mastigava, alguns lhe escapavam da boca.

Ao ver aquilo, o pobre Pinóquio sentiu uma alegria tão profunda e tão inesperada, que faltou pouquíssimo para entrar em delírio. Queria rir, queria chorar, queria dizer um montão de coisas; e em vez disso gemia confusamente e balbuciava palavras soltas e sem sentido. Por fim conseguiu soltar um grito de alegria e, escancarando os braços e atirando-se ao pescoço do velhinho, começou a gritar: — Oh, meu paizinho! Finalmente o encontrei! Agora, sim, não vou deixá-lo nunca mais!



— Será verdade o que os meus olhos dizem? — replicou o velhinho esfregando os olhos. — Então é você mesmo o meu querido Pinóquio?

— Sim, sou sim, sou eu mesmo! E o senhor já me perdoou, não é verdade? Oh, paizinho, como você é bom!... E pensar que eu, em vez disso... Ah, mas se soubesse quantas desgraças me tombaram na cabeça e quantas coisas me saíram pelo avesso! Imagina que, no dia em que o senhor, meu pobre pai, vendeu o próprio casaco para me comprar uma cartilha a fim de eu ir para a escola, eu fugi para ver os fantoches, e o titereiro me quis botar no fogo para eu lhe cozinhar o carneiro assado, esse mesmo que me deu depois cinco moedas de ouro para lhe trazer, mas aí encontrei a Raposa e o Gato, que me levaram para a hospedaria do Camarão Vermelho, onde comeram como lobos, e eu saí sozinho de noite e encontrei os assassinos, que se puseram a correr atrás de mim, e eu ia correndo e ia correndo, e eles sempre atrás, e eu correndo até que me enforcaram num galho daquele Carvalho Gigante, de onde a bela Menina dos Cabelos Turquesa me mandou tirar com a carruagem pequenina, e os médicos, quando me examinaram, disseram logo: “Se não está morto, é sinal de que ainda está vivo”, e aí acabei soltando uma mentira e meu nariz começou a crescer que não passava mais pela porta do quarto, motivo pelo qual fui com a Raposa e o Gato enterrar as quatro moedas de ouro, pois uma tinha gasto na hospedaria, e o Papagaio começou a rir, e vice-versa; e em vez das duas mil moedas não encontrei mais nada, e quando o Juiz soube que eu tinha sido roubado, de repente mandou-me botar na cadeia, para dar uma satisfação aos ladrões, de onde, ao sair, vi um belo ramo de uvas num pomar, onde fiquei preso numa armadilha, e o lavrador daquela santa região me botou uma coleira de cachorro para eu montar guarda do galinheiro, mas reconhecendo minha inocência me deixou seguir, e a Serpente com o rabo fumegante começou a rir e uma veia lhe arreventou no

peito, e assim regressei à casa da Menina, que estava morta, e o Pombo, vendo que eu chorava, disse-me: “Vi seu pai construindo um barquinho para ir procurá-lo”, e eu disse: “Ah, se eu também tivesse asas!”, e ele disse: “Quer ir aonde está seu pai?”, e eu disse: “Quem me dera! Mas quem me leva lá?”, e ele disse: “Eu o levo”, e eu disse: “Mas como?”, e ele disse: “Monte na minha garupa”, e assim passamos voando toda a noite, até que de manhã os pescadores que olhavam para o mar me disseram: “Há um pobre homem num barquinho que está quase se afogando”, e eu de longe logo o reconheci, porque o coração me dizia, e lhe fiz sinais para voltar à praia.

— Também eu reconheci você — falou Geppetto —, e teria voltado de boa vontade à praia, mas como fazer? O mar estava agitado, e um vagalhão revirou o barco. Aí um terrível Peixe-Cão que estava ali perto, mal me viu cair na água, avançou rápido contra mim e, botando a língua para fora, apanhou-me fácil e me engoliu como uma tortazinha de queijo. — E desde quando está preso aqui dentro? — perguntou Pinóquio.

— Daquele dia até hoje, serão agora dois anos: dois anos, meu Pinóquio, que me pareceram dois séculos.

— E como fez para sobreviver? Onde encontrou a vela? E os fósforos para acendê-la, quem lhe deu? — Agora vou lhe contar tudo. Fique sabendo que a mesma tempestade que revirou meu barquinho fez naufragar também um navio mercante. Os marinheiros salvaram-se todos, mas o navio foi ao fundo e o famoso Peixe-Cão, que naquele dia estava com um apetite excelente, depois de me haver engolido, engoliu também o navio.

— Como? Engoliu inteiro de uma bocada? — perguntou Pinóquio maravilhado.

— De uma só bocada: e cuspiu fora apenas a vela mestra que lhe ficou entre os dentes como uma espinha de peixe. Para grande sorte minha, o navio estava carregado de carne enlatada, biscoitos, ou seja, pão torrado, garrafas de vinho, uvas-passas, queijos, café,

açúcar, velas de estearina e caixas de fósforos. Com toda essa graça de Deus pude resistir por dois anos: mas hoje estou chegando ao fim; na despensa já não tenho nada e esta vela acesa é a última que me resta.

— E depois?

— Depois, meu caro, ficaremos nós dois no escuro.

— Então, paizinho — disse Pinóquio —, não há tempo a perder.

Precisamos pensar logo em fugir.

— Fugir? Mas como?

— Escapar pela boca do Peixe-Cão e sair nadando no mar.

— O que diz é certo; mas eu, caro Pinóquio, não sei nadar.

— E que importa?... Monta a cavalinho em minhas costas e, como sou bom nadador, levo-o são e salvo até a praia.

— Ilusão, meu caro menino! — replicou Geppetto, balançando a cabeça e sorrindo melancolicamente. — Você acha possível que um boneco de apenas um metro de altura como você possa ter força suficiente para me levar a nado sobre as costas?

— Vamos experimentar e veremos! Se de todo estiver escrito no céu que devemos morrer, vamos ter pelo menos o grande consolo de morrermos abraçados.

E, sem dizer mais nada, Pinóquio tomou a vela na mão e, andando na frente para alumiar o caminho, disse ao pai:

— Venha atrás de mim e não tenha medo.

E assim caminharam um bom pedaço, atravessando todo o corpo e todo o estômago do Peixe-Cão. Mas, quando chegaram ao ponto em que começava a enorme goela do monstro, acharam por bem parar para dar uma olhada e esperar o momento oportuno para a fuga.

Ora, é preciso saber que o Peixe-Cão, sendo muito velho e sofrendo de asma e de palpitações cardíacas, era forçado a dormir de boca aberta: razão pela qual Pinóquio, debruçando-se no início da goela e olhando para cima, pôde ver lá fora daquela enorme

boca arreganhada uma bela parte do céu estrelado e um belíssimo luar.

— Este é o momento ideal para fugirmos — murmurou então, virando-se para o pai. — O Peixe-Cão dorme como uma pedra, o mar está calmo e se enxerga como de dia. Venha, papai, atrás de mim, e logo estaremos salvos.

Dito e feito, subiram pela garganta do monstro marinho e, chegando à imensa boca, começaram a caminhar nas pontas dos pés sobre a língua tão larga e tão comprida, que parecia uma alameda. E já estavam a ponto de dar o grande salto final e se atirar a nado no mar, quando de repente o Peixe-Cão espirrou, e ao espirrar deu uma sacudidela tão violenta, que Pinóquio e Geppetto ricochetearam para dentro e foram arremessados novamente ao fundo do estômago do monstro.

No grande embate da queda, a vela se apagou, e pai e filho ficaram no escuro.

— E agora?... — perguntou Pinóquio sério.

— Ora, meu menino, estamos mesmo perdidos.

— Por que perdidos? Me dê a mão, papai, e trate de não escorregar.

— Aonde me leva?

— Devemos tentar fugir de novo. Venha comigo e não tenha medo.

Isso dito, Pinóquio tomou o pai pela mão e, caminhando sempre nas pontas dos pés, voltaram a subir pela garganta do monstro, depois atravessaram toda a língua e escalaram as três fileiras de dentes. Mas, antes de dar o grande salto, o boneco disse ao pai:

— Monta a cavalo em minhas costas e me abraça com toda a força. O resto, deixa comigo.

Logo que Geppetto se acomodou bem nas costas do filho, Pinóquio, totalmente seguro do que fazia, atirou-se na água e começou a nadar. O mar estava tranquilo como um espelho, a lua brilhava com todo o seu fulgor e o Peixe-Cão continuava a dormir

seu sono tão profundo que não o despertaria nem mesmo um tiro de canhão.

· CAPÍTULO XXXVI ·

Pinóquio deixa
finalmente
de ser um boneco
e se torna um
menino do bem.



ENQUANTO PINÓQUIO NADAVA LIGEIRO PARA ALCANÇAR a praia, o pai, que estava montado em suas costas e com as pernas dentro da água, não parava de tremer, como se o pobre homem tivesse uma febre terçã.

Tremia de frio ou de medo? Quem vai saber?... Talvez fosse um pouco de cada um. Mas Pinóquio, achando que o tremor fosse de medo, disse-lhe para confortá-lo:

— Coragem, pai! Em poucos minutos chegaremos a terra e estaremos salvos.

— Mas onde está essa bendita praia? — perguntou o velhinho cada vez mais inquieto e aguçando os olhos como fazem os alfaiates quando enfiam uma linha na agulha. — Estou cansado de olhar para todos os lados e só ver céu e mar.

— Mas estou vendo também a praia — disse o boneco. — Para seu governo, sou como os gatos que veem melhor de noite que de dia.

O pobre Pinóquio fingia estar de bom humor; mas, em vez disso... em vez disso começava a se desencorajar: as forças lhe faltavam, a respiração se tornava pesada e difícil; enfim, não aguentava mais, e a praia continuava sempre muito distante.

Nadou até não ter mais fôlego; depois voltou o rosto para Geppetto e disse com palavras interrompidas:

— Paizinho... me ajude... que estou morrendo!

E pai e filho estavam então a ponto de se afogarem, quando ouviram uma voz de guitarra desafinada que dizia:

— Quem está morrendo?

— Eu e o meu pobre pai.

— Eu conheço esta voz! Você é o Pinóquio!

— Exato, e você?

— Eu sou o Atum, seu companheiro de prisão no bucho do Peixe-Cão.

— E como fez para escapar?

— Imitei seu exemplo. Você me ensinou o caminho e, depois que você fugiu, eu fugi também.

— Meu Atum, você chegou mesmo a tempo! Eu lhe peço pelo amor que você tem pelos atunzinhos seus filhotes: ajude-nos ou estaremos perdidos.

— Com toda a boa vontade e todo o coração. Grudem-se à minha cauda e me deixem guiá-los. Em quatro minutos eu os levo à praia.

Geppetto e Pinóquio, como podem imaginar, aceitaram logo o convite; mas, em vez de se agarrarem à cauda, julgaram mais cômodo sentarem-se completamente na garupa do Atum.

— Somos muito pesados? — perguntou Pinóquio.

— Pesados? Nem por sombra: parece-me ter no lombo apenas duas conchinhas — respondeu o Atum, que era de uma corpulência tão grande e robusta que parecia um bezerrinho de dois anos.

Chegando à praia, Pinóquio saltou em terra primeiro, para ajudar o pai a fazer o mesmo; depois, voltou-se para o Atum e disse com voz comovida:

— Meu amigo, você salvou meu pai! Portanto, não tenho palavras suficientes para lhe agradecer. Permite ao menos que lhe dê um beijo em sinal de eterno reconhecimento.

O Atum apontou o focinho fora da água, e Pinóquio, ajoelhando-se na areia, pousou-lhe um afetuosíssimo beijo na boca. A essa manifestação de espontânea e intensa ternura, o pobre Atum, que não estava acostumado, sentiu-se de tal forma comovido, que, com vergonha de se mostrar chorando como uma criança, recolheu o focinho dentro da água e desapareceu. Enquanto isso, o dia nasceu.

Então Pinóquio, oferecendo o braço a Geppetto, que só tinha fôlego para se manter em pé, disse-lhe:

— Apoie-se mesmo no meu braço, meu paizinho, e vamos andar. Vamos seguir bem devagarzinho como as formigas, e

quando estivermos cansados descansaremos na margem da estrada. — E para onde iremos? — perguntou Geppetto.

— À procura de uma casa ou de uma cabana, onde nos possam dar por caridade um pedaço de pão e um pouco de palha que nos sirva de leito.

Não tinham feito ainda nem cem passos quando viram, sentados à beira da estrada, duas caras horríveis, que ali estavam no ato de pedir esmola. Eram o Gato e a Raposa, mas não se reconheciam neles as caras de antigamente. Imaginem que o Gato, de tanto se fingir de cego, acabara cegando de verdade; e a Raposa, envelhecida, carcomida e toda paralisada de um lado, não tinha agora nem sequer a cauda. É isto: aquela larápia miserável, caindo na mais esqualida miséria, viu-se obrigada um dia a vender até mesmo sua bela cauda a um vendedor ambulante que a comprou para fazer dela espanador.

— Ó, Pinóquio — gritou a Raposa com voz lamurienta —, faça uma caridade a estes dois pobres enfermos.

— Enfermos! — repetiu o Gato.

— Adeus, seus farsantes! — respondeu o boneco. — Vocês me enganaram uma vez, mas agora não me pegam mais. — Acredite, Pinóquio, que hoje estamos pobres e desgraçados de verdade!

— De verdade! — repetiu o Gato. — Se estão pobres, bem que o merecem. Lembrem-se do provérbio que diz: “Dinheiro roubado não dá fruto”. Adeus, seus farsantes!

— Tenha compaixão de nós!

— De nós!

— Adeus, seus farsantes! Lembrem-se do provérbio que diz: “A farinha do diabo não passa de farelo”.

— Não nos abandone!

— ... one! — repetiu o Gato.

— Adeus, seus farsantes! Lembrem-se do provérbio que diz: “Quem rouba a camisa do próximo, acaba morrendo nu”.

E, assim dizendo, Pinóquio e Geppetto seguiram tranquilamente seu caminho; até que, depois de outros cem passos, viram no fundo de uma vereda, no meio do mato, uma bela cabana de palha com o teto coberto de telhas-vãs.

— Aquela cabana deve ser habitada por alguém — falou Pinóquio. — Vamos lá chamar.

De fato, lá foram e bateram à porta.

— Quem é? — disse uma vozinha lá de dentro.

— Somos um pobre pai e um pobre filho, sem pão e sem teto — respondeu o boneco.

— Girem a chave que a porta se abrirá — disse a mesma vozinha.

Pinóquio girou a chave, e a porta se abriu. Entrando, olharam para um lado e para o outro e não viram ninguém.

— Onde está o dono da casa? — disse Pinóquio espantado.

— Estou aqui em cima!

Pai e filho olharam de repente para o teto e viram, em cima de um caibro, o Grilo Falante.

— Oh!, meu querido Grilinho — disse Pinóquio saudando-o gentilmente.

— Agora você me chama de querido Grilinho, não é mesmo? Mas lembre-se de quando, para me expulsar de sua casa, atirou-me um cabo de martelo?

— Tem razão, Grilinho! Pode me expulsar também... atire-me um cabo de martelo; mas tenha piedade de meu pobre pai.

— Terei piedade do pai e também do filho: mas eu quis lembrar-lhe, com a esfrega que lhe dei, que neste mundo precisamos nos mostrar corteses com todos se quisermos que nos tratem cortesmente nos dias de penúria.

— Tem razão, Grilinho, tem razão para dar e vender, e vou guardar na cachola a lição que hoje me deu. Mas me diga, como conseguiu comprar esta bela cabana?

— Esta cabana me foi dada ontem de presente por uma graciosa Cabra que tinha um belíssimo pelo cor turquesa.

— E para onde foi essa Cabra? — perguntou Pinóquio com viva curiosidade.

— Não sei.

— E quando volta?

— Não vai voltar. Partiu ontem toda aflita, e balindo parecia dizer: “Pobre Pinóquio, nunca mais o verei: o Peixe-Cão a esta altura já o terá certamente devorado!”.

— Falou mesmo isso?... Então era ela!... Era ela!... Era a minha querida Fadinha!... — começou a berrar Pinóquio, soluçando e chorando copiosamente. Depois de muito chorar, enxugou os olhos e, preparando uma boa caminha de palha, nela estendeu o velho Geppetto. Depois perguntou ao Grilo Falante:

— Diga-me aqui, Grilinho: onde posso conseguir um copo de leite para o meu pobre pai?

— A pouca distância daqui há um hortelão de nome Janjo que tem uma vaca. Vá até ele que pode encontrar o leite que procura.

Pinóquio foi correndo à casa do hortelão Janjo; mas este lhe disse:

— Quanto quer de leite?

— Quero um copo cheio.

— Um copo de leite custa um soldo. Então comece por me dar um soldo.

— Não tenho sequer um níquel — respondeu Pinóquio mortificado e triste.

— Muito mal, meu boneco — replicou o hortelão. — Se não tem sequer um níquel, então não leva nem um pingo de leite.

— Paciência! — disse Pinóquio, fazendo menção de ir-se embora.

— Espere um pouco — disse Janjo. — Podemos entrar num acordo. Você sabe girar a nora?

— O que é nora?

— Aquele engenho de madeira que serve para tirar água da cisterna e regar as hortaliças.

— Posso tentar.

— Então, você me tira cem baldes de água, que lhe darei em troca um copo cheio de leite.

— Está bem.

Janjo levou o boneco à horta e lhe ensinou a maneira de girar a nora. Pinóquio meteu-se logo ao trabalho; mas, depois de haver tirado os cem baldes de água, estava coberto de suor da cabeça aos pés. Um trabalho pesado como aquele nunca havia feito antes.

— Até agora este trabalho de girar a nora — disse o hortelão — era feito pelo meu burrico: mas hoje o pobre animal está morrendo.

— Você me deixa vê-lo? — disse Pinóquio.

— À vontade.

Assim que Pinóquio entrou no estábulo, viu um belo burrico estendido sobre a palha, acabado pela fome e o excesso de trabalho. Depois de olhar para ele fixamente, disse para si mesmo, conturbado:

“E não é que eu conheço este burrico? Sua fisionomia não é nova para mim!”.

E, inclinando-se para ele, perguntou em dialeto asinino:

— Quem é você?

A esta pergunta o burrico abriu os olhos moribundos e respondeu balbuciando no mesmo dialeto:

— Eu sou o Pa... vi... o.

E depois fechou os olhos e expirou.

— Ah, pobre Pávio! — disse Pinóquio à meia-voz; e, tomando um punhado de palha, enxugou uma lágrima que lhe escorria pelo rosto.

— Você se comove tanto por causa de um asno que não lhe custou nada? — disse o hortelão. — Que dizer de mim que o comprei à vista?

— Eu lhe digo... era meu amigo.

— Seu amigo?

— Um colega de escola.

— Como? — urrou Janjo dando uma grande risada. — Então havia burros entre os seus colegas de escola?... Imaginem que belo estudo deviam fazer!

O boneco, sentindo-se mortificado com aquelas palavras, não respondeu: mas apanhou seu copo de leite quase quente e voltou para a cabana.

E daquele dia em diante continuou por mais de cinco meses a se levantar todas as manhãs antes do nascer do sol para ir girar a nora e ganhar assim aquele copo de leite que fazia tão bem à saúde do pai. E não se contentou com isto: no tempo restante, aprendeu a fazer também umas cestas e artefatos de junco; e, com as moedas que ganhava, provia com muita parcimônia as despesas caseiras. Além de outras coisas, fez sozinho uma pequena carroça para conduzir ao ar livre o pai em passeios nos dias bonitos e deixá-lo respirar o ar puro.

Nas vigílias da noite, ainda se exercitava em ler e escrever. Comprara no povoado vizinho por alguns níqueis um grosso volume ao qual faltavam a capa e o índice, e com ele praticava a leitura. Quanto a escrever, servia-se de um graveto em formato de pena; e, não tendo nem tinteiro nem tinta, molhava-o num frasquinho cheio de suco de amora e de cereja.

A verdade é que, com sua boa vontade de aprender, de trabalhar e de seguir avante, não só havia conseguido manter quase comodamente seu pai sempre doente, mas além disso tinha conseguido juntar quarenta soldos para comprar uma roupinha nova.

Certa manhã disse ao pai:

— Vou aqui ao mercado vizinho para comprar uma jaqueta, um chapeuzinho e um par de sapatos. Quando voltar aqui — acrescentou sorrindo —, vou estar tão bem-vestido que o senhor vai me achar um cavalheiro.

E, saindo de casa, começou a correr muito alegre e contente, até que a certa altura ouviu que alguém o chamava pelo nome e, voltando-se, viu uma bela Lesma que punha a cabeça fora da sebe.

— Não me reconhece? — perguntou a Lesma.

— Acho que sim e acho que não...

— Você não se lembra daquela Lesma que era empregada da Fada dos Cabelos Turquesa? Não se lembra daquela vez, quando descí para deixá-lo entrar e você estava com um pé enfiado na porta da casa?

— Lembro-me de tudo — gritou Pinóquio. — Responda-me logo, Lesminha bela: onde foi que você deixou a minha boa Fada? Ela, como está? Será que me perdoou? Ainda gosta de mim? Está muito longe daqui? Posso encontrá-la?

A todas essas perguntas, feitas precipitadamente e sem tomar fôlego, a Lesma respondeu com sua calma de sempre:

— Meu Pinóquio, a pobre Fada jaz no fundo de um leito de hospital.

— Hospital?

— Infelizmente. Atingida por mil desgraças, adoeceu gravemente e não tem mais com que comprar nem um pedaço de pão.

— Não diga!... Oh, que grande dor que você me deu! Ah, pobre Fadinha! Pobre Fadinha! Pobre Fadinha!... Se eu tivesse um milhão correria agora para levar a ela... Mas não tenho senão quarenta soldos... Aqui estão: estava indo exatamente para comprar uma roupinha nova. Toma, Lesminha, e vai levar correndo à minha boa Fada.

— E a sua roupinha nova?

— Que me importa uma roupa nova? Venderia até estes andrajos que tenho para poder ajudá-la. Vá, Lesminha, e apresse-se; e daqui a dois dias volte aqui, que espero poder lhe dar mais algum. Até agora tenho trabalhado para manter meu pai: de hoje em diante trabalharei mais cinco horas para manter também a minha

boa mãe. Adeus, Lesminha, e daqui a dois dias eu te espero. A Lesminha, contra seu costume, começou a correr como uma lagartixa em pleno sol do verão.

Quando Pinóquio voltou para casa, o pai lhe perguntou:

— E a roupinha nova?

— Não consegui encontrar nada que me servisse. Paciência!...

Deixo para comprar outra vez.

Aquela noite, Pinóquio, em vez de trabalhar até as dez, avançou até o soar da meia-noite; e, em vez de fazer oito cestinhos de junco, fez dezesseis.

Depois foi para a cama e adormeceu. E, ao dormir, pareceu-lhe ver em sonhos a Fada muito bela e sorridente, que, depois de lhe dar um beijo, assim falou:

— Muito bem, Pinóquio! Em reconhecimento pelo seu bom coração, eu o perdoo por todas as travessuras que praticou até hoje. Os meninos que ajudam amorosamente os próprios pais em sua pobreza e enfermidade merecem sempre muitos louvores e grande afeto, mesmo quando não podem ser citados como modelos de obediência e boa conduta. Tenha juízo no futuro e será feliz.

Neste ponto o sonho acabou, e Pinóquio despertou com os olhos arregalados.

Ora, imaginem qual foi sua surpresa e encantamento quando, desperto, percebeu que não era mais um boneco de madeira, mas que em vez disso havia se tornado um menino como os outros. Deu uma olhada em torno e, em lugar das antigas paredes de palha da cabana, viu um belo quartinho mobiliado e decorado com uma simplicidade quase elegante. Saltando logo da cama, encontrou ali separados uma bela roupinha, um chapeuzinho novo e um par de botinhas de couro que faziam delas uma verdadeira pintura.

Assim que se vestiu, deu-lhe a vontade natural de meter as mãos nos bolsos, e de lá tirou um pequeno porta-moedas de marfim sobre o qual estavam escritas estas palavras: “A Fada dos

Cabelos Turquesa restitui ao seu caro Pinóquio os quarenta soldos com agradecimentos pelo seu bom coração”. Abrindo o moedeiro, em vez de quarenta soldos de cobre, ali brilhavam quarenta moedas de ouro, novinhas em folha.

Depois foi olhar-se no espelho e lhe pareceu que fosse outra pessoa. Não viu refletida a imagem habitual do fantoche de madeira, mas sim a imagem viva e inteligente de um belo menino de cabelos castanhos, olhos azuis-celestes, com um ar alegre e faceiro como em um dia de festa.

Em meio a todas aquelas maravilhas que se sucediam uma após a outra, Pinóquio não sabia mais se estava realmente desperto ou se sonhava ainda de olhos abertos. — E meu pai, onde está? — gritou de súbito; e, entrando no quarto ao lado, encontrou o velho Geppetto sadio, ágil e de bom humor como no passado, e tendo de repente retomado sua profissão de entalhador, estava agora esculpindo uma bela moldura ornada de folhagens, flores e carinhas de animais. — Esclareça-me uma curiosidade, paizinho: como se explica toda esta mudança súbita? — perguntou Pinóquio saltando-lhe ao colo e cobrindo-o de beijos.



– Esta mudança de improviso em nossa casa é toda mérito seu
– disse Geppetto.

– Por que mérito meu?

– Quando os meninos maus se tornam bons têm a virtude de fazer com que um aspecto novo e sorridente se desenvolva também no interior de suas famílias.

– E o velho Pinóquio de madeira, onde se terá escondido?

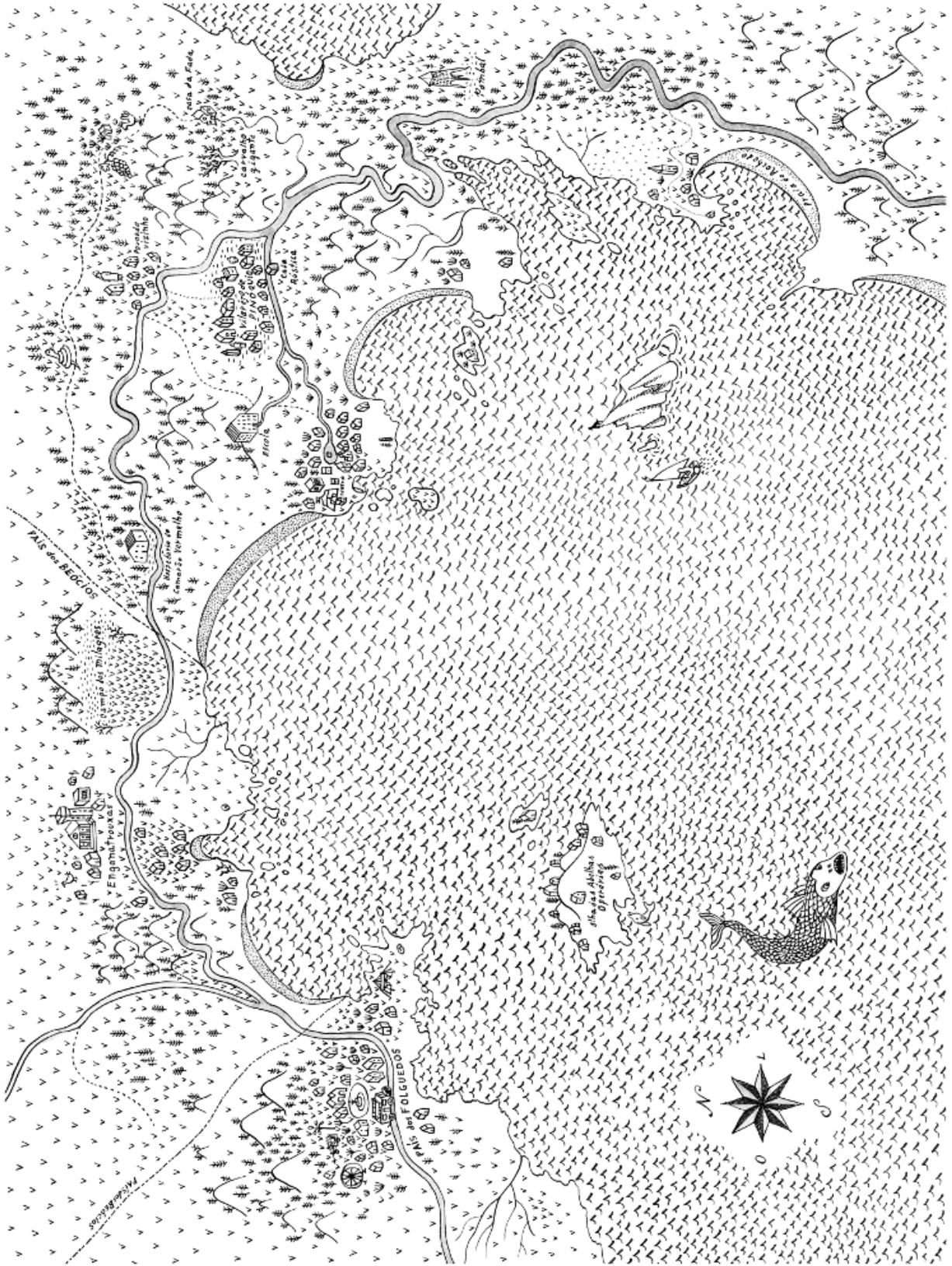
– Está ali – respondeu Geppetto; e acenou para um grande boneco apoiado a uma cadeira, com a cabeça voltada para um lado, os braços pendentes e as pernas cruzadas e dobradas a meio, parecendo um milagre que estivesse de pé.

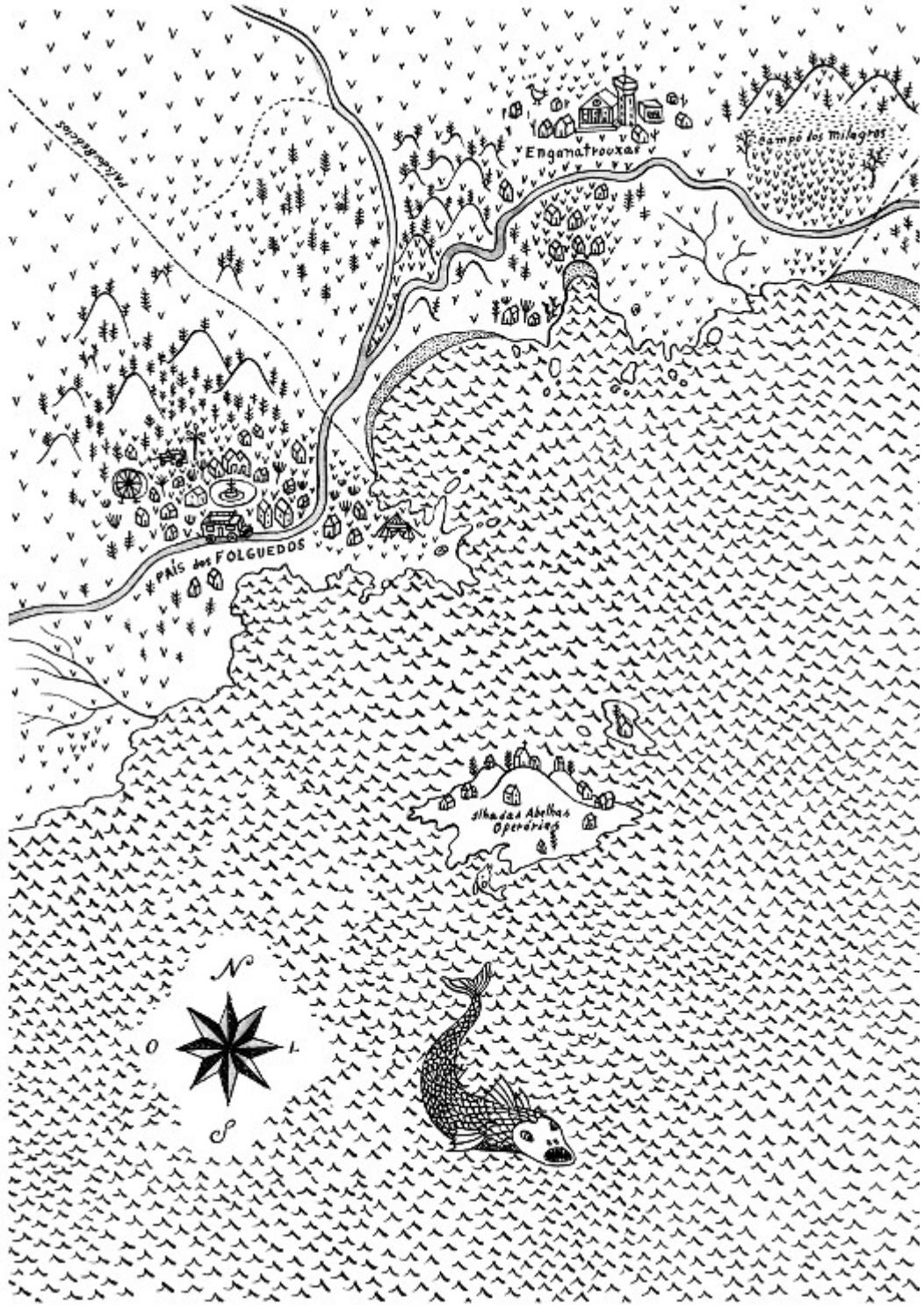
Pinóquio voltou-se para vê-lo; e, depois de olhá-lo um pouco, disse dentro de si com uma enorme complacência:

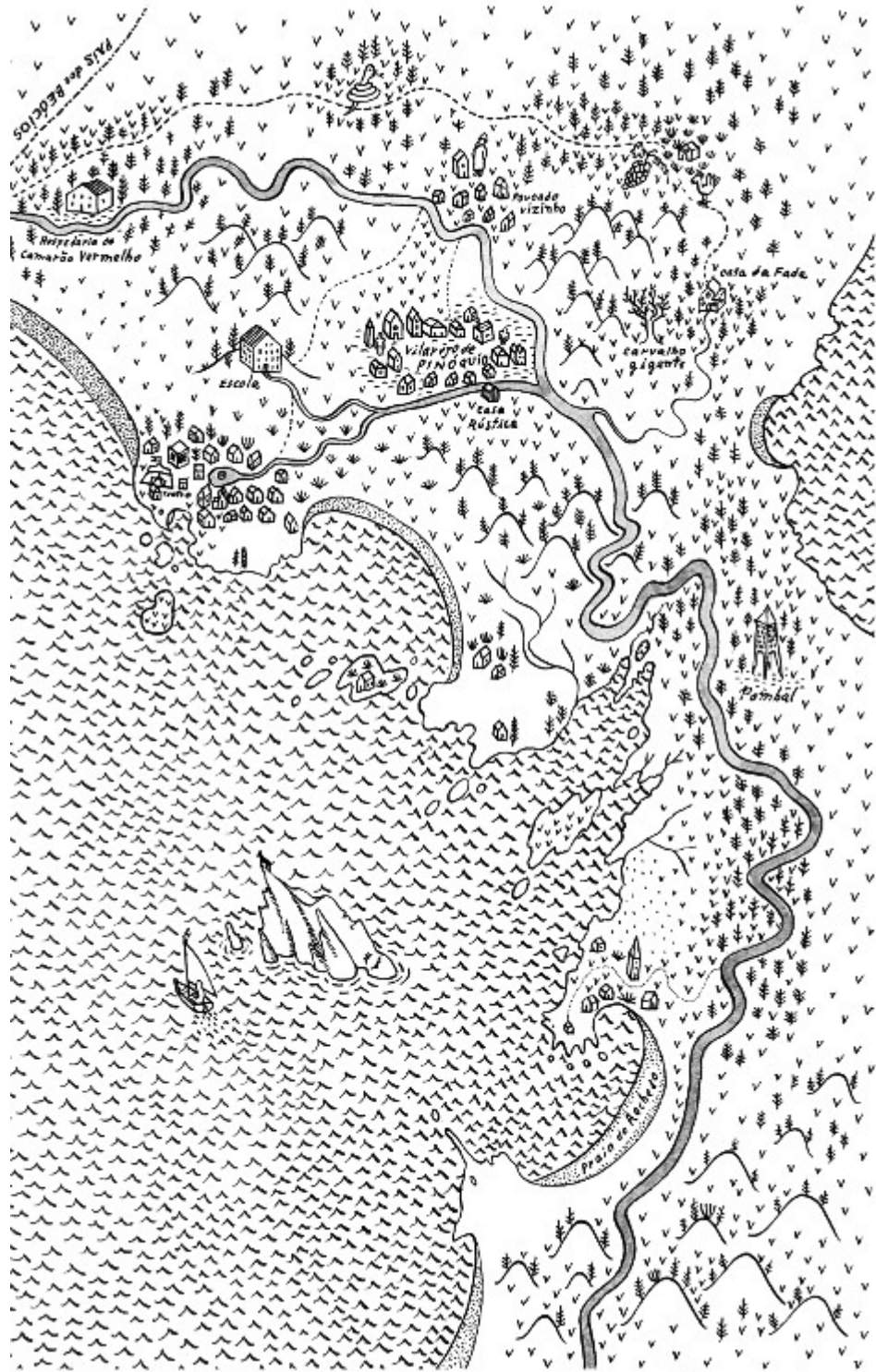
“Como eu era ridículo quando era boneco! E como agora estou contente de ter me tornado um menino de bem!”.



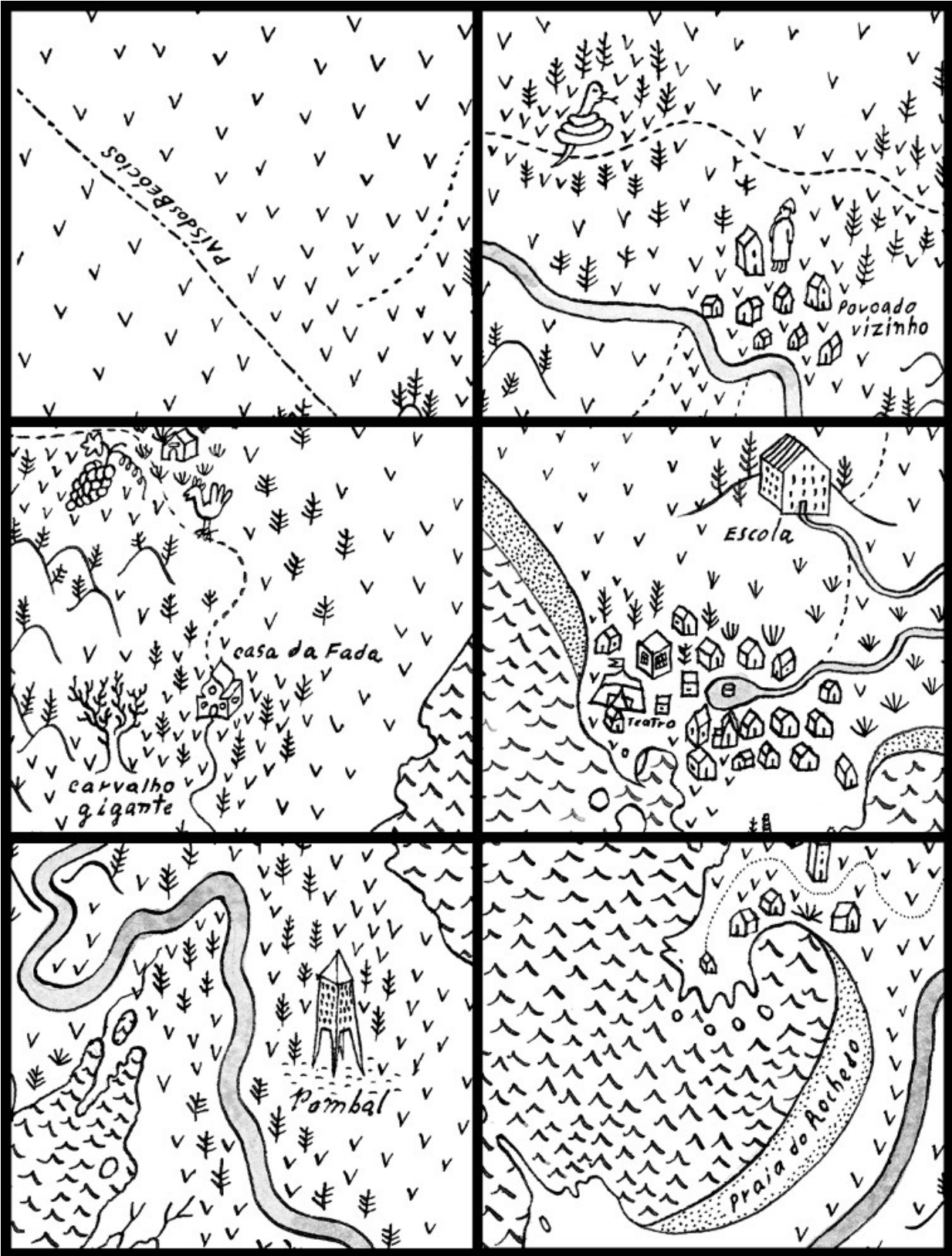
Mapas











SOBRE OS AUTORES

Pouco se conhece sobre **Carlo Lorenzini**, autor de *As aventuras de Pinóquio*. Collodi, como gostava de assinar suas obras, nasceu na cidade italiana de Florença, em 1826. Comediante, participou das batalhas de 1848-49, pela unificação da Itália, mesma fase em que começa a escrever os primeiros textos. Também é o período em que funda o jornal satírico *Il Lampione*, fechado rapidamente pela censura. Fica logo conhecido com sua estreia, *In vapore* (1856), e dá sequência a suas atividades políticas no jornal *Il Fanfulla*, criando histórias engraçadas e cenas irônicas, como *Macchiette* (1880), *Occhi e nasi* (1881) e *Storie allegre* (1887).

Sua entrada na literatura infantil foi por meio da tradução dos contos de fada de Charles Perrault, *Racconti delle fate*, em 1875. Porém, sua principal criação seria muito diferente deste gênero literário. O personagem Pinóquio surge em 1881 junto com o jornal semanal *Il Giornale per i Bambini*, na história seriada sob título *Storia di un burattino* [A história de um boneco]. Neste momento peculiar da Itália, cujo discurso era em prol de uma nação única, Collodi sentia que a individualidade e a liberdade poderiam estar ameaçadas. O autor, então, deu voz a um boneco inconformista, transgressor, mas que paga por seus atos inconsequentes.

O impertinente boneco de madeira logo tornou-se muito querido pelos leitores, mas Collodi termina o que na época era uma pequena novela enforcando o pobre Pinóquio em uma árvore gigante, sem a menor intenção de ressuscitá-lo. No entanto, devido à grande popularidade do personagem, o editor pede a Collodi que continue a história e faça reviver o boneco. Desta maneira, em 1882, o autor volta a publicar os capítulos

semanalmente no jornal, desta vez sob o título *As aventuras de Pinóquio*.

Esta edição da Cosac Naify respeitou a intenção original do autor e propõe uma pausa na leitura, justamente entre os capítulos quinze e dezesseis, de maneira que o leitor de hoje possa se imaginar contemporâneo a Pinóquio.

Após a publicação desta aventura em livro, em 1883, Collodi dedicou-se ao que seria uma continuação, escrita também em capítulos na mesma revista, durante os anos 1883 e 1885. Chamava-se *Pipì o lo scimmottino color di rosa* [Pipi, o macaquinho cor-de-rosa].

Collodi morreu em 1890, na sua terra natal. Seu personagem mais conhecido, no entanto, permanece vivo mais de cem anos depois de sua criação.



Ivo Barroso nasceu em Ervália (MG) em 1929. Na infância e adolescência, gostava de ler a coleção O Tesouro da Juventude, as obras de Machado de Assis e de Humberto Campos, da coleção Jackson. Residindo no Rio desde 1945, formou-se em direito pela Faculdade do Catete e em línguas neolatinas na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, onde tomou contato com a vida intelectual da época. Foi um dos fundadores da revista de cultura *Senhor* (1959-64) e integrou a redação do “Suplemento Literário” do *Jornal do Brasil*. Passou um bom tempo na Europa, entre as décadas de 1960 e 90, morando em países como Holanda, Portugal, Inglaterra, Suécia e França.

Mas foi como tradutor, poeta e resenhista que se consagrou. É conhecido por realizar trabalhos de fôlego, como as obras

completas do poeta francês Arthur Rimbaud e o teatro do inglês T. S. Eliot. Também se aventurou pelos clássicos, de Dante Alighieri a William Shakespeare, e pelos modernos, de Jane Austen a Italo Calvino.

Por suas traduções, ganhou os prêmios Jabuti por *O livro dos gatos* (Nórdica, 1991), o Paulo Rónai da Biblioteca Nacional pelo romance de Italo Svevo *Novela do bom velho e da bela mocinha* (Topbooks, 1997) e da Academia Brasileira de Letras pelo teatro completo de T. S. Eliot (Editora Arx, 2005). Publicou uma antologia de poemas traduzidos, *O torso e o gato* (Record, 1991), e editou *Poesia e prosa* (Nova Aguilar, 1995), de Charles Baudelaire. Como poeta, lançou *A caça virtual e outros poemas* (Record, 2001), finalista do Jabuti daquele ano.

Para a Cosac Naify já traduziu *Uma girafa e tanto* (2004), de Shel Silverstein, *A coleção particular* (2005), de Georges Perec, *Nadja* (2007), de André Breton, e *O livro do foguete* (2009), de Peter Newell.



Alexandro Júlio de Oliveira Cerveny nasceu em São Paulo em 1963. Na década de 1980, estudou pintura e desenho com Valdir Sarubbi e gravura em metal com Selma Daffré. Seu trabalho como artista rendeu exposições individuais pelo mundo, em Freiburg (Alemanha), Paris, Nova York, Arnhem (Holanda); participações em Bienais, como a de Gravura Latino-Americana em Porto Rico e a 21ª. Bienal Internacional de São Paulo; além de várias mostras e coletivos em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Belo Horizonte.

Também leciona gravura e ilustração, já tendo ministrado cursos no Paço das Artes (USP), no Museu de Arte Moderna de São

Paulo (MAM), no Sesc e participou do programa Escola que Vale.

Seu trabalho como ilustrador rendeu a mostra Desenho de Ilustrações (2005), na Estação Pinacoteca. Em livro, fez as imagens para *Pindorama* (Cosac Naify, 2003), de Sandra Peres e Luiz Tatit, na coleção Siricutico, e *Vejam como sei escrever*, de José Paulo Paes (Ática, 2001), além de colaborar para o jornal *Folha de S. Paulo*.

Neste projeto mais do que especial, Alex Cervený se dedicou durante meses para criar as imagens pinoquianas. Utilizou uma técnica do final do século XIX, ou seja, contemporânea ao livro, chamada *cliché verre*, experimentada por artistas do período como Camille Corot e Charles François Daubigny. A técnica consiste em chamoscar uma placa de vidro com uma vela, tornando-a opaca com a fuligem e, em seguida, desenhar sobre esta superfície com uma agulha ou objeto pontiagudo. O desenho deve ser feito rápido e delicadamente. O resultado é o negativo do desenho, do qual será feito um contato fotográfico para, finalmente, ser impresso.

© Cosac Naify, 2012, e-book, 2014
© 2002 by The Estate of Italo Calvino
Todos os direitos reservados

Coordenação editorial *Isabel Lopes Coelho*
Preparação *Alessandra Miranda de Sá*
Projeto gráfico original *Maria Carolina Sampaio*
Composição *Paulo André Chagas*
Revisão *Pedro Paulo da Silva*
Digitalização de imagens *Gibo Pinheiro*
Tratamento de imagens *Wagner Fernandes*

Adaptação e coordenação digital *Antonio Hermida*
Produção de ePub *Fabian J. Tonack*

1ª edição eletrônica, 2013

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2° andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Collodi, Carlo [1826-90]

As aventuras de Pinóquio: História de um boneco: Carlo Collodi

Título original: *original*

Título original: *Le avventure di Pinocchio - Storia di un burattino*

Ilustrações: Alex Cerveny

Tradução: Ivo Barroso

São Paulo: Cosac Naify, 2014

60 ils.

ISBN 978-85-405-0013-6

1. Literatura infantojuvenil I. Cerveny, Alex. II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5





Este e-book foi projetado e desenvolvido em janeiro de 2014, com base na 2ª edição impressa, de 2013.

FONTE *Leitura*

SOFTWARE LibreOffice e Writer2ePub de Luca Calcinai

